

VIII COLÓQUIO DE
Teologia Pastoral

Papa Francisco:

10 anos de "kairós" na Igreja e no mundo
Avanços e limites de um pontificado

15 a 17 de maio de 2023

FAJE | 15/05/2023

PUC Minas | 16/05/2023

ISTA | 17/05/2023



VIII COLÓQUIO DE TEOLOGIA E PASTORAL

PAPA FRANCISCO: 10 ANOS DE “KAIRÓS” NA IGREJA E NO MUNDO

AVANÇOS E LIMITES DE UM PONTIFICADO

ISSN: 2526-0782

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Os textos publicados são de responsabilidade de cada autor.

Projeto Gráfico e Diagramação: Publicações FAJE

Arte da Capa: Comunicação FAJE

Apoio e Incentivo:

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG)

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

(Coordenador da Coordenação Central de Atividades de Extensão Universitária da FAJE - CCAEU)

Coeditor: Me. Felipe Magalhães Francisco

(Coordenador Adjunto da CCAEU)

Belo Horizonte - MG | BRASIL

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

C719p Colóquio de Teologia Pastoral (8.: 2023: Belo Horizonte, MG)

Papa Francisco: 10 anos de “Kairós” na Igreja e no mundo: avanços e limites de um pontificado: 15 a 17 de maio de 2023 / editor, Geraldo Luiz De Mori; coeditor, Felipe Magalhães Francisco - Belo Horizonte: FAJE : PUC Minas : ISTA, 2023.

126 p.

Annales FAJE, v. 8, n. 2, 2023

ISSN: 2526-0782

1. Teologia pastoral - Congressos. 2. Francisco, Papa. I. Título.

CDU 25

Elaborada pela Bibliotecária Zita Mendes Rocha – CRB 6/1697

REALIZAÇÃO

Grupo de Pesquisa Teologia e Pastoral
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
PUC Minas
Centro Loyola de Fé e Cultura
Instituto Santo Tomás de Aquino
Arquidiocese de Belo Horizonte

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO 6

2. ARTIGOS

SEMINÁRIO

- Geraldo Luiz De Mori** 11
A escuta sinodal no Brasil e na América Latina

PAINÉIS

PAINEL 1: AS GRANDES CONTRIBUIÇÕES DO PAPA FRANCISCO PARA A IGREJA

- Sebastião Everton** 25
Papa Francisco e a pastoral juvenil: dez anos de animação para um caminho junto às juventudes

PAINEL 2: AS GRANDES CONTRIBUIÇÕES DO PAPA FRANCISCO PARA A SOCIEDADE

- Sinivaldo Tavares** 31
Papa Francisco: o cuidado da casa comum, a fraternidade e a amizade social

- Marina Paula Oliveira** 36
As contribuições do Papa Francisco para o enfrentamento da crise mundial

RODA DE CONVERSA: RESISTÊNCIAS E LIMITES AO/DO PONTIFICADO DE FRANCISCO

- Áurea Marin Burochi** 40
Papa Francisco e o enfrentamento dos abusos do clero católico

PAINEL 3: RESISTÊNCIAS À LIDERANÇA DO PAPA FRANCISCO E LIMITES DE SEU PONTIFICADO

- Priscila Cirino** 45
Pressupostos teológicos de Francisco sobre o lugar da mulher na Igreja

- Edward Guimarães** 54
Clericalismo, relevância ou irrelevância da Igreja, reforma do Código do Direito Canônico

- Joaquin Giovanni Mol Guimarães** 58
Cismas, relevância ou irrelevância da Igreja, reforma do Código do Direito Canônico

COMUNICAÇÕES

- Aline Amaro da Silva; João Pedro Flávio Viana Rodrigues** 66
Comunicação e teologia em tempos de Francisco: um novo paradigma

- Elias Wolff** 84
A relação entre Francisco e o mundo atual. Implicações para a Igreja latino-americana

Irineu Claudino Sales	96
<i>A influência da Teologia do Povo sobre o Magistério do Papa Francisco</i>	
Leila Maria Orlandi Ribeiro	105
<i>Recepção do estilo do Vaticano II na educação cristã. Caminho de superação dos desafios segundo o Papa Francisco</i>	
Marlone Pedrosa	114
<i>Papa Francisco e a internet: lucidez e esperança na análise do mundo digital</i>	

APRESENTAÇÃO

Os organizadores

Os 10 anos do início do pontificado do Papa Francisco (19/03/13-19/03/2023) têm suscitado eventos acadêmicos, entrevistas, conferências e escritos que propõem um balanço de sua atuação à frente da Igreja nesse período. O **Grupo de Pesquisa Teologia e Pastoral**, do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), composto por teólogos/as e pastoralistas de instituições de ensino, pesquisa e formação teológica e pastoral de Belo Horizonte: FAJE, PUC Minas, Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), Centro Loyola e de outras instituições do Brasil, organiza, desde 2013, o Colóquio de Teologia e Pastoral. Voltado, sobretudo, para pessoas dedicadas ao estudo da teologia e à prática pastoral, esse evento, suspenso em 2020 por causa da pandemia, deu lugar, em 2021 e 2022, ao 1º e ao 2º Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral, ambos organizados por diversas instituições teológicas do país, com o apoio da Arquidiocese de Belo Horizonte e da CNBB. O **VIII Colóquio de Teologia e Pastoral** é uma ocasião oportuna para refletir sobre o significado, alcance, resistências e limites vindas das muitas iniciativas da principal liderança católica dos últimos 10 anos.

Desde sua eleição, em 13/03/2013, o Papa Francisco tem se destacado por alguns de seus gestos, por suas iniciativas, decisões e pela maneira de conduzir o governo da Igreja. Outra marca de seu pontificado é a coragem profética, que não teme enfrentar as situações “incômodas” no interior da instituição eclesial, como a dos abusos (de poder, de consciência, de menores, econômicos), a do clericalismo, a do lugar da mulher nas instâncias de decisão na Igreja. Sua voz também se ergue frente aos complexos problemas do mundo no qual a Igreja realiza sua missão: o aquecimento global e as ameaças ao futuro da “casa comum”; os efeitos do “sistema econômico que mata”, impactando a vida dos mais vulneráveis; as dificuldades de conviver com o “diferente”, por sua condição social, sua opção política, sua origem étnica, sua orientação sexual, sua crença religiosa.

Primeiro Papa a não ter participado do Concílio Vaticano II, Francisco propõe uma nova recepção desse grande evento eclesial do século XX, mostrando sua vitalidade e realizando o que João Paulo II havia intuído ao identificar o Concílio como a “bússola” da Igreja no século XXI. Com efeito, à primeira recepção do Concílio, marcada por muita criatividade e experimentação na pastoral e na teologia, seguiu-se um tempo de “inverno eclesial” ou “volta à grande disciplina”, no qual predominava a ênfase doutrinal, disciplinar e institucional, o que, segundo o atual Bispo de Roma, levou a Igreja a preocupar-se mais com a sua “autopreservação” do que em ser um “hospital de campanha”, que acolhe, cuida e cura tantas pessoas feridas deixadas à beira do caminho.

Os **10 anos do pontificado de Francisco** serão lidos pelo VIII Colóquio de Teologia e Pastoral à luz do termo “*kairós*”, que em grego significa “tempo favorável”. Na Bíblia, trata-se de um tempo da salvação, diferente de “*kronos*”, que é o dia a dia do cotidiano, aparentemente sem nada de novo. Em geral, o “*kairós*” é o tempo em que Deus se volta com compaixão e misericórdia na direção de seu povo, libertando-o de suas “angústias”, conduzindo-o a uma nova situação, dando-lhe uma outra chance. Sem dúvida alguma, o modo como o atual sucessor de Pedro conduz os destinos da Igreja, coloca-a numa nova situação, que pode ser identificada como a de um tempo favorável, pois recorda sua vocação primeira, que é a de anunciar o evangelho da alegria, caminhar com homens e mulheres que alimentam a esperança de um mundo novo, mais reconciliado, sinal do reino que se torna próximo em cada atitude samaritana dos/as discípulos/as de Cristo e de tantas pessoas, crentes e não crentes, que também se colocam ao serviço da humanidade padecente. Os textos e as pregações do Papa Francisco, os sínodos que ele convocou e conduziu, o modo como realizou a reforma da Cúria Romana, a questão dos abusos de menores, dos abusos de consciência e econômicos, suas viagens a países que se situam na “periferia” do mundo, seus encontros com os que “não contam” aos olhos dos poderosos da sociedade contemporânea, são expressões de que o Evangelho, lido e vivido em sua radicalidade, pode de novo tornar novas todas as coisas e suscitar esperança.

Os dez anos de “*kairós*” do pontificado de Francisco fizeram a Igreja avançar em vários aspectos, mas também levantaram resistências e oposições, próprias a uma instituição bimilenar, que abriga em seu seio uma pluralidade de culturas, tradições, mentalidades e opiniões, algumas delas resistentes a qualquer mudança. Com efeito, as resistências encontram-se no seio de alguns episcopados, entre ministros ordenados, entre seminaristas e no seio de vários movimentos eclesiais. Além dessas resistências, alguns intérpretes apontam diversos limites no exercício do ministério de Francisco, que não avançou suficientemente na abordagem de temas importantes no interior da instituição eclesial, como o da reforma do Direito Canônico, o do papel das mulheres em instâncias de decisão, o da formação nos seminários etc. O VIII Colóquio de Teologia e Pastoral, realizado entre 15 e 17 de maio de 2023, na FAJE, na PUC Minas e no ISTA, buscou realizar um balanço desse período, mostrando em que a Igreja avançou e quais são as grandes dificuldades que ela ainda encontra para traduzir em vida os apelos de Francisco.

OBJETIVOS

PRINCIPAL

Fazer um balanço dos dez anos do pontificado de Francisco, identificando, na “nova” recepção que ele faz do Concílio Vaticano II, as contribuições que ela legará para a posteridade, as resistências que sua ação profética desperta dentro e fora da Igreja e os limites de sua atuação, em parte, devidos à sua compreensão teológica e eclesiológica.

ESPECÍFICOS

1. Identificar, nas iniciativas e no magistério do Papa Francisco, os elementos que ele retoma da teologia do Concílio Vaticano II, os novos significados que a eles o primeiro Papa latino-americano confere e seus possíveis desdobramentos para o futuro da Igreja;

2. Oferecer uma leitura panorâmica e sistemática dos principais eixos temáticos do ministério do Papa Francisco, dos processos que, à luz desses eixos, ele desencadeou dentro e fora da instituição eclesial, dos impactos que provocaram na Igreja e no mundo;

3. Analisar o processo de recepção do magistério e da atuação do Papa Francisco, as resistências que encontra nos diversos segmentos do corpo eclesial, os desdobramentos que poderão encontrar no período que se seguirá ao término de seu fecundo ministério;

4. Apontar os limites do governo, da liderança e do magistério do Papa Francisco, identificando suas possíveis causas, como a visão teológica e eclesiológica, o modo como vê o mundo, e indicando as possíveis tarefas pendentes que ele legará à Igreja do futuro;

5. Recolher, em atitude agradecida, os frutos que a ação e o magistério de Francisco produziram nesses anos de pontificado, para que continuem inspirando a Igreja.

METODOLOGIA

O VIII Colóquio foi realizado em formato presencial, com algumas atividades transmitidas pelos canais do YouTube da FAJE, da PUC Minas e do ISTA. Cada dia as atividades foram oferecidas numa das instituições organizadoras do evento, à tarde e à noite. O primeiro dia, 15/05/2023, foi dedicado a refletir sobre o pontificado de Francisco como *kairós* eclesial; o segundo dia, 16/05/2023, interrogou-se sobre o caráter *kairológico* para o mundo, de algumas de suas ações e Documentos; o terceiro dia, 17/05/2023, se perguntou sobre as resistências ao atual sucessor de Pedro e sobre os limites de sua liderança e ação à frente da Igreja católica no atual momento da história.

Essas temáticas foram abordadas em três painéis, cada um composto por três teólogos/as e/ou pastoralistas e um/a entrevistador/a, tornando o debate mais dinâmico e provocativo. Os textos publicados nesse número de *Annales FAJE* recolhem algumas das falas apresentadas nos painéis ou na “roda de conversa” proposta num dos dias. Também apresenta o conteúdo de um dos seminários realizados e as comunicações propostas. Infelizmente, alguns participantes não enviaram seus textos, mas, o conjunto aqui publicado certamente representa uma excelente contribuição para se pensar esses 10 anos.

Comissão organizadora: Compuseram a comissão: Lucimara Trevizan (Centro Loyola); Geraldo Luiz De Mori, Francisco das Chagas de Albuquerque, Manoel José de Godoy, Valman Fernandes (FAJE); Edward Guimarães, Otávio Juliano Almeida, Welder Castro Pereira (PUC Minas); Werbert Gonçalves, Elton Peixoto da Silva (ISTA).

Comissão científica: compuseram a comissão: Jean Richard Lopes, Alzirinha Souza (PUC Minas); Jorge Gray (Seminário de Montes Claros); Antônio Manzatto (PUC SP); Cesar Kuzma (PUC Rio).

Boa leitura!

SEMINÁRIO

A escuta sinodal no Brasil e na América Latina¹

Geraldo Luiz De Mori²

Resumo: A XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, convocada em 2021, inicialmente prevista para concluir-se em 2023, mas posteriormente postergada para 2024, contou com uma etapa inicial, chamada de “escuta”, realizada em todas as dioceses do mundo, cujos relatórios, reunidos pelas Conferências Nacionais dos Bispos de cada país, foram enviados à Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos (SGSB), que, em seguida, elaborou o Documento para a Etapa Continental (DEC), cujas sínteses deram origem ao *Instrumentum Laboris*, a partir do qual foi realizada a 1ª Sessão do Sínodo, em outubro de 2023. O presente texto retoma os principais conteúdos da síntese da Igreja do Brasil e da Síntese da América Latina e Caribe, apontando as grandes questões que são levantadas em nível nacional e latino-americano e caribenho para a Igreja na terceira do século XXI.

Palavras-chave: Sínodo sobre a sinodalidade; Igreja católica do Brasil; Igreja latino-americana; escuta.

INTRODUÇÃO

A XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos teve início no dia 10 de outubro de 2021, com uma missa solene presidida pelo Papa Francisco na Basílica de São Pedro, abrindo oficialmente o processo sinodal em nível mundial. Na semana seguinte, em todas as dioceses do mundo, em uma cerimônia eucarística era dado o passo inicial em nível diocesano. Cada diocese deveria compor uma comissão diocesana para a etapa da escuta, baseada no *Documento Preparatório*, que tinha como título “Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão”. Além desse Documento, havia também um *Vade mécum para o sínodo sobre a sinodalidade*. Após uma reflexão geral sobre o tema do sínodo, o Documento Preparatório apresentava a metodologia da etapa da escuta, que continha uma Questão Fundamental e Dez núcleos temáticos, com várias questões que poderiam orientar questionários ou outra forma de realizar a escuta. Também havia um cronograma, que previa o período em que deveria ser realizada a etapa diocesana, quando deveria ser enviado o relatório de síntese para a Conferência dos Bispos, e orientações de quando enviar a síntese nacional para a SGSB. Em fins de julho de 2022, a CNBB enviou sua síntese para Roma, indicando que mais de 90% das circunscrições eclesiais tinha participado. Isso também foi feito pelos outros países. Em setembro, a SGSB, com a ajuda de uma equipe elaborou, a partir das sínteses nacionais,

1 O presente texto retoma, em formato mais elaborado, os conteúdos apresentados no seminário realizado no dia 15/05/2023, guardando, no entanto, o caráter mais narrativo, próprio ao seminário.

2 Bacharel em filosofia (1986) e teologia (1992) pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, correspondente, desde 2002, no plano civil, à Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), licenciado (1992) em filosofia pela PUC Minas, mestre (1996) e doutor (2002) em teologia pelas Facultés Jésuites de Paris – Centre Sèvres, professor de teologia sistemática na FAJE, líder do Grupo de Pesquisa As interfaces da Antropologia na Teologia Contemporânea, membro do Grupo de Pesquisa Teologia e Pastoral, bolsista de produtividade em pesquisa pelo CNPq desde 2021.

um segundo Documento, que orientaria a Etapa Continental, o Documento para a Etapa Continental (DEC). Em janeiro de 2023 iniciaram-se os encontros por continentes: Europa, Ásia, África, Oceania, Oriente Médio, América do Norte, América Latina e Caribe. Cada continente realizou sua assembleia segundo uma dinâmica própria, a partir da proposta metodológica do “diálogo ou conversa no Espírito”. Na América Latina e Caribe, o CELAM, para proporcionar maior participação, realizou quatro assembleias regionais: México e América Central, Caribe, Países Bolivarianos, Cone Sul. Em seguida, a partir dos relatórios de cada região, com a ajuda de membros da Comisión de Reflexión Teológica do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), elaborou a síntese do continente. O presente texto vai apresentar, em formato sintético, as principais questões abordadas na Síntese da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e na Síntese elaborada pelo CELAM.

1 PRINCIPAIS PONTOS DE DESTAQUE DA SÍNTESE DA CNBB

A Síntese da CNBB, seguindo O *Documento Preparatório*, começa com as respostas às perguntas propostas na “Questão Fundamental”: 1. *Como é o caminhar conjunto acontece hoje na igreja do Brasil?* Os elementos positivos mais enfatizados foram: a. Vida de fé e pertença à comunidade, tendo como fonte a Eucaristia, a escuta da Palavra, as devoções populares, as celebrações litúrgicas, os encontros formativos, os “meses temáticos”, os itinerários catequéticos da iniciação à vida cristã, o respeito às diferentes tradições; b. Organização dos conselhos, através dos quais se dinamizam as assembleias e os encontros diversos em todos os níveis; c. Os gestos concretos de solidariedade, realizados de muitas maneiras nas diversas Igrejas locais ao longo do ano; 2. *Que passos o Espírito convida a dar?* A síntese recorda os seguintes passos mais lembrados: Iniciação à vida cristã, formação de escolas catequéticas, incentivo ao reconhecimento do ministério de catequista, formação bíblica e teológica para o laicato, formação permanente e contínua sobre a sinodalidade e a pastoral de conjunto, superando divisões, marginalizações, clericalismos, animar a leitura orante da bíblia. A Síntese lembra ainda a preocupação recorrente em muitas dioceses: a mudança de época, que exacerba o individualismo e compromete a vida em comunidade; a competitividade e as vaidades. Daí a importância da espiritualidade litúrgica e mistagógica, a necessidade da vivência da caridade e da promoção da cultura do encontro e da dimensão missionária.

Na resposta às questões dos dez núcleos temáticos, o texto segue mais ou menos o seguinte esquema: começa respondendo às questões apresentadas, valorizando o que é positivo, ressaltando o que preocupa ou que é desafio, apontando horizontes de esperança.

O **primeiro eixo temático**, “*Companheiros de caminhada*”, descreve assim os que caminham com a Igreja: no interior da Igreja, todos os batizados, os ministros ordenados, os/as consagrados/as, os fiéis leigos, quem não professa a fé católica, mas ajuda a Igreja em momentos variados. Enfatiza-se o protagonismo feminino, reconhecendo, contudo que sua participação nem sempre é assegurada nas esferas eclesiais de tomada de decisões; os jovens, embora se reconheça que sua voz precisa ser mais ouvida; os leigos e leigas que assumem com empenho a ação de acolhida na Igreja; no âmbito extra-eclesial: as instituições,

os movimentos sociais, as entidades e segmentos da sociedade que reconhecem a seriedade da Igreja católica e estão dispostos a dialogar e a colaborar com suas iniciativas, pois entendem que elas visam o bem comum e a dignidade da pessoa humana. Após reconhecer esse “caminhar juntos”, o texto recorda os desafios ou dificuldades: movimentos e grupos que tendencialmente preferem caminhar de forma independente, sem ligação com a estrutura diocesana; pessoas e grupos que preferem não caminhar juntos e se excluem, abandonando a Igreja; O assédio de outras denominações religiosas. O texto passa em seguida à resposta à pergunta: quem não deseja caminhar com a Igreja? Indivíduos que se declaram ateus, agnósticos ou pessoas sem vínculo religioso; os que perderam confiança na Igreja por seu legalismo ou se afastaram dela por conta dos escândalos e abusos de ordem sexual e financeira. O texto reconhece ainda que ela não consegue estar nas periferias geográficas e existenciais, deixando à margem na caminhada: alcoólatras, portadores de deficiência, pessoas LGBTQIAP+, profissionais do sexo, dependentes químicos, os que estão impedidos da comunhão eucarística, pessoas em situação de rua ou de vulnerabilidade social, migrantes e refugiados, pessoas com sofrimentos psíquicos, homens e mulheres privados de liberdade e egressos do sistema prisional, padres fora do exercício do ministério. A Síntese retoma ainda algumas experiências concretas que dificultam o caminhar juntos: a mentalidade de ministros ordenados que não sabem ouvir os leigos e leigas e agem com autoritarismo, enfraquecendo a comunhão e a acolhida; os conselhos que não são espaços autênticos de comunhão e participação; as lideranças autoritárias das comunidades; os padres das mídias que instruem seus seguidores com orientações diferentes dos pastores, atuando como igreja paralela à Igreja; a polarização ideológico-política; a falta de unidade e divisões, com oposições ao Papa e à CNBB, fomentada por formadores paralelos, denominados de “gurus teológicos”. Com relação aos elementos que favorecem o caminhar juntos, foram lembrados: o testemunho e os documentos do Papa Francisco, o documento de Aparecida, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil (DGAE), os planos diocesanos de pastoral, as Campanhas da Fraternidade, os diretórios, os projetos missionários, os diversos conselhos. Ainda nesse eixo temático se reconhece que muitas pessoas estão fora do abraço acolhedor da Igreja e necessitam ser acolhidas. A redução significativa da presença juvenil na Igreja também foi assinalada como algo preocupante, que demanda uma ação imediata. Também se recorda a necessidade de se repensar os métodos de evangelização da Igreja, sobretudo os da iniciação à vida cristã.

O **segundo eixo temático, “Ouvir”**, tem como ponto de partida o reconhecimento de que a Igreja é uma das instituições que mais exercita o ouvir, embora tenha algumas fragilidades em suas práticas de escuta, como as diversas formas de clericalismo e a fragmentação comunitária. A pergunta, quem precisa ser escutado? teve as seguintes respostas: os leigos as leigas, dando-lhes espaço e protagonismo. Necessidade ainda de os padres caminharem junto às comunidades, para sentirem seu compasso. São criticadas as diversas formas de autoritarismo no exercício do ministério ordenado. Recorda-se que a arte de ouvir deve ser seguida da acolhida, da abertura e da empatia. Evoca-se aqui o papel das novas tecnologias na arte de escuta e comunicação, lembrando como favoreceram, sobretudo na pandemia, o trabalho em rede e a criação de novos espaços de escuta. Quanto às fragilidades na arte da

escuta, foram lembrados os públicos insuficientemente escutados: juventudes, mulheres, indígenas, ribeirinhos, movimentos sociais, moradores de rua, migrantes, casais em segunda união, dependentes químicos, mães solteiras, idosos, enfermos, portadores de deficiências, depressivos, pessoas em crise conjugal, membros da comunidade LGBTQUIAP+, quilombolas, pobres, desempregados. Quanto aos horizontes que podem favorecer a arte de ouvir, foram valorizados os espaços e meios sistêmicos das paróquias, o voluntariado de leigos e leigas profissionais na arte de escutar. Quanto aos meios de escuta eclesial, foram lembrados os seguintes: reuniões, assembleias, conselhos, grupos diversos, pastorais, movimentos, associações, retiros, encontros de formação, meios de comunicação, sites, secretaria paroquial, projetos diversos, parcerias com outras instituições, documentos, DGAE, presenças junto a comunidades isoladas, visitas domiciliares, religiosas, vicentinos etc.

O **terceiro eixo temático**, “*Tomar a Palavra*”, inicia recordando o lugar central que a escuta da Palavra de Deus deve exercer no processo que leva à tomada da palavra. Quanto aos ambientes nos quais se toma a palavra, recordou-se que o ambiente doméstico é o que melhor favorece a expressão das pessoas, como mostram as novenas, os círculos bíblicos, realizados nas casas. Na sociedade, os lugares de tomada da palavra são a participação em movimentos sociais e civis, as consultas públicas, as associações, as sessões próprias dos poderes públicos, as reuniões escolares e trabalhistas, os diferentes conselhos, as ouvidorias, as redes sociais. A síntese recordou que a Igreja ainda é respeitada na sociedade por dar voz aos que não têm voz; quando assume atitudes mais próximas aos fiéis; quando se faz presente nos MCS, o que se intensificou na pandemia. Quanto aos desafios para a tomada da palavra, com relação às mídias: propagação de valores não coerentes com o evangelho, como o consumismo, o desamor, a violência, a destruição de valores cristãos e das famílias, a disseminação de fake News, a polarização, a pouca preparação de pessoas da Igreja para atuar de forma qualificada nas novas mídias. Os espaços mencionados como privilegiados de fala: os conselhos, embora, em muitas situações, têm se tornado somente lugares de transmissão de informação, não de escuta e decisão. Outros espaços de fala valorizados: a catequese, as celebrações, os encontros de formação, os novos movimentos eclesiais. A Síntese reconhece que quem fala em nome da comunidade é, em geral, o clero. Os leigos, desde que escolhidos e autorizados pelo clero, também falam, em certas ocasiões em nome da comunidade. Há uma crítica ao clericalismo, por monopolizar o uso da palavra e se beneficiar do cerceamento e da redução da palavra conferida aos leigos, especialmente às mulheres e às pessoas marginalizadas. O texto reconhece também que muitas vezes aparecem filtros ao que é dito pelo povo e falta preparo dos leigos/as para falar em nome da comunidade. Os principais desafios para se tomar a palavra: a insegurança, a timidez, o individualismo, a ignorância, a falta de coragem, o desrespeito, a intolerância, o medo, a falta de maturidade nos batizados e o déficit de pensamento crítico, sem contar o comodismo. A Síntese reconhece que a polarização da sociedade fez com que as pessoas não se escutassem, acirrando os motivos para não tomarem a palavra. Reconhece-se ainda que a Igreja se comunica mal com todo o povo de Deus, ao utilizar palavras desencarnadas e pela incoerência entre fé e vida. A fala da Igreja é muitas vezes institucional e não pessoal. Sua voz é tímida em muitos espaços (escolas, hospitais, condomínios). As redes

sociais são vistas como um dos grandes desafios à tomada da palavra, por promoverem a substituição das experiências comunitárias e a perda do vínculo comunitário. Também se fala que as mulheres e jovens têm que tomar mais a palavra. Reconhece-se, porém, que a fala de formação do conjunto do povo de Deus para falar em nome da Igreja impede sua maior expressão. São finalmente apontados alguns horizontes de esperança para se tomar a palavra: o exercício da escuta como principal espaço para capacitar à tomada da palavra; a formação integral que gere autonomia e confira aos indivíduos segurança e coragem profética para expressar sua voz; a melhor qualificação de padres e leigos no uso das redes sociais; formar os fiéis para maior engajamento na política, para que a Igreja tenha voz nos debates sociais e fóruns; apelo a que a Igreja continue se posicionando profeticamente contra a exclusão, o preconceito, a defesa do território de camponeses e povos originários.

No **quarto eixo temático, “Celebrar”**, se que a sinodalidade é alimentada pela oração pessoal, a liturgia e a piedade popular. Na liturgia, destaca-se a eucaristia, mas também as celebrações da Palavra ou o do Ofício divino. Cresce o interesse pela leitura orante. A homilia é vista como espaço de aprofundamento da fé. A religiosidade popular, através de novenas, devoções populares, especialmente a Nossa Senhora, é bastante presente e valorizada. Os meios de comunicação, por transmitirem conteúdos importantes para os fiéis, são vistos como positivos, embora também possam acomodá-los. Algumas dificuldades apresentadas: falta de presbíteros em vários lugares, falta de formação litúrgica, os problemas com a música litúrgica, presente em muitos meios de comunicação, mas numa vertente intimista, que toca somente o emocional. Reconhece-se que algumas celebrações fomentam o individualismo, uma fé intimista e sem compromisso, ou transformam a liturgia em anestesia terapêutica. Há, porém, avanços na aceitação de celebrações feitas por leigos/as. Como horizonte de esperança é indicada uma eficaz iniciação para a liturgia enquanto celebração do mistério pascal. Valoriza-se muito a presença de mulheres como leitoras e acólitas nos diversos tipos de celebração.

O **quinto eixo, “Corresponsáveis na missão”**, enfatiza o reconhecimento da dedicação dos padres, religiosos/as, leigos/as que atuam nas diversas pastorais e ministérios. A Síntese observa, porém, que há um grande desconhecimento da pessoa de Jesus, mas também do plano de pastoral diocesano, das DGAE, da Doutrina Social da Igreja (DSI), do documento de Aparecida. A Síntese evoca de novo o clericalismo, que não reconhece o valor das mulheres e não as integra nas instâncias eclesiais; além de evocar o distanciamento dos padres da vida do povo, observando que eles centralizam tudo em suas mãos. Dentre os desafios apontados, destacam-se: o desconhecimento do caminho sinodal, o conservadorismo religioso e a não aceitação do magistério do Papa Francisco, o pouco envolvimento de membros da Igreja em movimentos sociais. Algumas negligências no campo da evangelização foram também apontadas, sobretudo no que diz respeito às questões sociais, políticas, à formação no campo da afetividade, no pouco ou quase ausente acompanhamento de muitas situações de vulnerabilidade nas comunidades.

O **sexto eixo**, “**Diálogo da Igreja com a sociedade**”, observa, inicialmente, que o magistério do Papa Francisco é inspirador e motivador para o diálogo da Igreja com a sociedade. Reconhece ainda o lugar dos conselhos, assembleias, encontros, retiros, círculos bíblicos, celebrações, projetos interparoquiais e interdiocesanos como mediações do diálogo no interior da Igreja. Na sua relação com a sociedade, a contribuição da Igreja se dá pelas diversas iniciativas no plano da caridade (pastorais sociais, Caritas, CIMI etc.). Ressalta-se a importância dos movimentos sociais, do acompanhamento, em várias dioceses, dos diferentes conselhos de direitos, políticas públicas, ONGs, fóruns etc. As Campanhas da Fraternidade são vistas como experiência singular de vivência sociotransformadora da Igreja do Brasil. Evoca-se ainda a preocupação ecológica. O principal desafio levantado foi o da polarização no seio da sociedade, gerando, no interior das comunidades eclesiais muitos conflitos, centralização do poder, falta de integração e conhecimento mútuo entre os diversos serviços, pastorais e movimentos. Além disso, se recorda que uma certa apatia tem invadido a vida cristã, com falta de motivação, cansaço frente às questões sociais no âmbito eclesial. Desconhecimento da DSI, medo do diálogo com a sociedade civil, esfriamento da profecia no tocante à presença da Igreja no mundo.

O **sétimo eixo**, “**Diálogo ecumênico e inter-religioso**”, começa constatando que poucas dioceses se ocuparam em contemplar a escuta de pessoas de outras igrejas e tradições religiosas. Isso revela que há preconceitos velados e atitudes discriminatórias dos católicos com as outras religiões, especialmente as de matriz africana. Com relação às outras Igrejas cristãs, há dificuldades com as de caráter pentecostal e neopentecostal.

O **oitavo eixo**, “**Autoridade e Participação**”, põe em destaque os conselhos de caráter consultivo em todas as instâncias, como fomentadores da participação na vida eclesial, propiciando a descentralização das decisões. Na metade dos relatórios faz-se, porém, a ressalva de que precisam ser mais efetivos. As pastorais e as coordenações colegiadas também foram citadas como organismos participativos, por promoverem a corresponsabilidade no planejamento pastoral nos diversos níveis. Reconhece-se que o exercício da autoridade na Igreja acontece pela comunhão com o bispo diocesano, mas em vários relatórios reivindica-se uma maior presença do bispo no âmbito que a elas dizem respeito. Com relação aos desafios, de novo aparece o clericalismo como elemento perturbador, por dificultar uma participação mais efetiva na vida eclesial. Ele é alimentado pelos membros do ministério ordenado, mas também por muitos leigos/as. Fala-se ainda da burocratização das relações nas paróquias e comunidades. Como horizontes para enfrentar esses desafios são mencionados: o incentivo e participação nas lideranças das comunidades e pastorais de jovens e mulheres. Alguns relatórios apontaram para a possibilidade de ordenação de mulheres para os graus do diaconato e do presbiterato. Outros falam da supressão da obrigatoriedade do celibato clerical, por ser uma norma disciplinar e não dogmática. A Síntese aponta a necessidade de ampliar a participação laical nos ministérios. Insiste também no incentivo ao protagonismo juvenil.

O **nono eixo**, “**Discernimento e Decisão**”, começa reconhecendo as dificuldades em entender a Igreja como povo de Deus, apesar da valorização dos ministérios, das pastorais,

dos movimentos e das lideranças. A desigualdade na tomada de decisões, muitas vezes sem nenhum diálogo e discernimento, leva em muitos casos à manipulação das decisões, condicionando as reflexões, manifestando e falta de abertura para pensar seriamente algumas questões importantes na Igreja. Há grupos minoritários que não são ouvidos, em alguns casos prevalece o autoritarismo, o clericalismo, o abuso de poder. A Síntese constata também que há ausência de formação e espiritualidade no processo de discernimento, decisão e condução da vida da Igreja, propondo que seja melhorada a formação dos presbíteros para o discernimento. Um tema recorrente presente na Síntese é o da nomeação e transferências de padres. Os conselhos são valorizados como instâncias de discernimento pastoral e gestão financeira. Critica-se a insistência em pedir dinheiro.

O **décimo eixo, “Formar-se na sinodalidade”**, começa reconhecendo que há várias instâncias de formação nas igrejas particulares: escolas de formação permanente, cursos de teologia para leigos, escolas diaconais, catequética, de fé e política, litúrgica, de comunicadores, bíblico-pastoral, missionária, espiritual etc. Em muitas dioceses, porém, falta um projeto de formação integral e permanente para o clero, os/as consagrados/as e os fiéis. Os Planos de Pastoral são valorizados, como também as DGAE, por alimentarem a unidade. Reconhece-se como obstáculos para caminhar juntos: o individualismo, o medo, o autoritarismo, a resistência à aceitação do novo, a falta de formação na perspectiva da sinodalidade. A formação nessa perspectiva é processual.

Nas **“Considerações finais”**, os redatores da Síntese afirmam que a Igreja do Brasil tem consciência do pluralismo social, político, econômico e cultural que marca o país e que deve ser levado em conta no exercício de sua missão. Eles observam também que a primeira fase da escuta sinodal foi realizada e assumida pela maioria do povo de Deus, com olhar crítico e de esperança, a partir da identidade eclesial e na relação com a sociedade, tendo em vista os âmbitos mais desafiadores: as periferias geográficas e existenciais. Eles constatarem, porém, com inquietação, a ausência da voz dos que discordam das opções da Igreja e das pessoas que compõem a sociedade civil. Apontam, em seguida, como uma síntese final, os avanços, as ausências e incoerências, os desafios emergentes e os horizontes. Com relação aos avanços, falam que a Igreja do Brasil sabe ouvir e trabalhar com as forças vivas do povo de Deus. Os leigos e as leigas, as lideranças comunitárias, a vida religiosa, as mulheres, as juventudes, os simpatizantes e os não simpatizantes, os agnósticos, as ONGS, as escolas e tantos outros grupos da sociedade civil foram companheiros de viagem nessa escuta. Afirmam também que a Igreja católica do país tem vasta experiência de escuta, embora lhe falte a atitude de escutar a todos/as envolvendo-os/as à luz da Palavra de Deus. Outro destaque da escuta, segundo os mesmos redatores, é a descoberta da sinodalidade, ou seja, da importância dos conselhos, do serviço dos pastores que atuam na evangelização, da presença do bispo diocesano, da pessoa do Papa Francisco. Com relação às ausências e incoerências apresentadas na escuta, eles recordam a perda do profetismo, que aponta para um acento no divórcio entre fé e vida, levando muitas comunidades a um estilo de religiosidade intimista, presentista, com perda das conquistas do passado e indiferença com relação ao futuro. O clericalismo, colabora para o afastamento de pessoas que perdem seus vínculos religiosos com a Igreja,

generalizam os escândalos de abusos de poder, sexual e financeiro, cometidos, em geral, pelo clero. A vida celebrativa e de oração é vista pelos redatores da Síntese como importante na construção da sinodalidade. Como desafios emergentes são apontados: as dificuldades na compreensão da acolhida como ação missionária e não como espera de quem chega; o frágil protagonismo dos leigos/as; a ausência de referência das atuais DGAE; a tímida referência ao cuidado da casa comum; a rejeição, em certos grupos, do Concílio Vaticano II e do ministério do Papa Francisco; o afastamento dos jovens dos ambientes eclesiais; o enfraquecimento das comunidades e das práticas pastorais, da metodologia de participação; o crescimento do intimismo religioso; a instrumentalização da eucaristia como ato penitencial, propagado pelos formadores paralelos, que produzem um magistério paralelo, que não promove a sinodalidade, causando confusão na cabeça do povo; a polarização da sociedade presente no seio das comunidades; o cansaço pastoral; a fragilidade profética e ecumênica; a intolerância religiosa e a falta de preparo para uma inserção dos fiéis nas questões sociais. Os horizontes indicados: o resgate de uma pastoral política que colabore no cultivo, na formação integral e no acompanhamento das lideranças políticas antigas e novas; o ensinamento claro da DSI; a discussão de temas candentes como o celibato dos padres, o acesso das mulheres ao ministério ordenado; a formação dos padres; a iniciação à vida cristã em perspectiva catecumenal e mistagógica.

2 A ESCUTA E A SÍNTESE DA ETAPA CONTINENTAL

O *Documento para a Etapa Continental*, após uma Introdução, estava organizado em quatro partes: (1) A experiência do processo sinodal: (1.1) Os frutos, as sementes e as ervas daninhas da sinodalidade, (1.2) A comum dignidade batismal; (2) Escutando as Escrituras; (3) Em direção a uma Igreja sinodal missionária: (3.1) Uma escuta que se faz acolhimento, (3.2) Irmãs e irmãos para a missão, (3.3) Comunhão, participação e corresponsabilidade, (3.4) A sinodalidade como forma, (3.5) Vida sinodal e liturgia; (4) Os próximos passos: (4.1) Um caminho de conversão e reforma, (4.2) Metodologia para a etapa continental. Nas assembleias se privilegiou, sobretudo, os temas da terceira parte.

A Síntese da América Latina e Caribe, que recolhe os resultados dos “diálogos no Espírito” das quatro assembleias regionais, está organizada da seguinte maneira: **“Narrativa: a fase continental do sínodo da América Latina e Caribe”**: recorda o processo que levou à elaboração da Síntese: os encontros regionais, dos quais participaram 415 pessoas: 65 bispos, 70 padres, 61 religiosos/as, 16 diáconos, 194 leigos/as. Lembra o método utilizado, o da “conversação ou diálogo no Espírito”, que deram origem aos 4 relatórios de cada assembleia regional, aos quais se acrescentaram os aportes da Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA), da Rede Eclesial Panamazônica (REPAM), da pastoral afro e indígena. O texto recorda ainda o método utilizado na elaboração da Síntese, a saber, o mesmo da “conversação no Espírito”, que deu uma forte marca espiritual a o caminho realizado, além de seu caráter participativo e comunitário.

A Introdução: uma Igreja em chave sinodal: inicia lembrando que a Igreja do continente experimentou o sentido no “nós eclesial” durante essa etapa do sínodo. Retoma o caminho vivido na Igreja latino-americana, desde a época colonial, que a marca com sua variedade de povos e culturas, com seus valores espirituais e comunitários. Com a criação do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) e suas diversas Conferências gerais, o espírito do Concílio Vaticano II fecundo o percurso anterior. O texto lembra ainda a realização, em 2021, da I Assembleia Eclesial do Continente, afirmando que ela é fruto do “transbordamento do Espírito”, e a criação das diversas redes que reúnem as Igrejas da Amazônia (REPAM), da Mesoamérica (REMAM), do Grande Chaco e do aquífero Guaraní (REDCHAG). É o Espírito, sublinha o texto, que vai tecendo a harmonia no continente. Nesse sentido, continua o texto as perguntas que orientaram a escuta nas Igrejas da região convidam a aprofundar uma reflexão espiritual, teológica e pastoral que leve viver a eclesialidade, a sinodalidade, a ministerialidade e a colegialidade. As contribuições do itinerário realizado na região são reunidas ao redor de oito temas:

O primeiro, “**O protagonismo do Espírito em uma Igreja sinodal**”: oferece uma chave trinitária e pneumatológica do caminho vivido pela Igreja da América Latina e do Caribe e durante todo o processo sinodal. A leitura proposta na Síntese mostra que, mais que defender pautas e ideologias, a partir das propostas de uma tendência ou outra da Igreja, é importante que todos possam estar à escuta do que “o Espírito diz à Igreja”.

O segundo tema, “**A sinodalidade do povo de Deus**”, propõe uma volta à eclesiologia do Concílio Vaticano II, a qual, após uma série de imagens bíblicas sobre a Igreja, vista como “sacramento” da presença de Cristo no mundo, propõe como ponto de partida para pensar a Igreja a categoria “povo de Deus”. Essa categoria, inspirada, em parte pela ideia de que Deus escolhe um povo com o qual estabelece uma aliança, como aparece no Antigo Testamento, propõe, na verdade, uma compreensão da Igreja que nasce do sacramento do batismo, o qual torna cada fiel “sacerdote, profeta e rei”, com uma dignidade igual, que não admite nenhuma separação ou privilégio entre os fiéis. O texto valoriza muito o percurso sinodal realizado na Igreja do continente, recorda a corresponsabilidade de todos/s na missão eclesial e lembra que há vários entraves no exercício da sinodalidade, sobretudo com relação ao lugar e ao papel da mulher na Igreja.

O terceiro tema, “**Sinodalidade: o modo de ser e de atuar da Igreja**”, valoriza o caminho de escuta trilhado no percurso sinodal, mostrando sua importância nos processos de discernimento, refletindo sobre os métodos de reflexão teológica e de “discernimento” que caracterizaram a pastoral da Igreja latino-americana e caribenha, sobretudo o método ver, julgar, agir, e apontando as contribuições, experimentadas no processo sinodal, do método da “conversação/diálogo no Espírito”, que valoriza a escuta como lugar fundamental da pastoral e da teologia, abrindo-se ao que os diferentes interlocutores do diálogo aportam e, o mais importante, “o que o Espírito diz à Igreja”.

O **quarto** tema, “**Igreja sinodal missionária**”, recorda que todo o processo sinodal visa à missão, que é constitutiva da identidade e do “mandado” do Cristo à Igreja. Com efeito, a Igreja existe para anunciar o que a faz viver, seu Senhor, cuja vida foi colocar-se ao serviço da vontade do Pai e se caracteriza por um estar em “constante saída”. A vocação missionária não é privilégio dos ministros ordenados, mas de todos os fiéis, e se dá pelo anúncio explícito do Evangelho, mas também no testemunho do enviado do Pai.

O **quinto** tema, “**A sinodalidade: compromisso socioambiental em um mundo fragmentado**”, recolhe o grande legado do engajamento eclesial junto aos mais pobres e, nos últimos anos, junto à questão do cuidado da casa comum, presente na dimensão profética e samaritana da Igreja, chamada, com urgência, a reatualizar a opção preferencial pelos pobres no cuidado e defesa dos novos rostos da pobreza no continente.

O **sexto** tem, “**Conversão sinodal e reformas estruturais**”, aponta os principais apelos à reforma na Igreja e da Igreja no atual momento: a prevenção contra os abusos (sexual de menores, vulneráveis, de consciência, econômicos), a obrigatoriedade dos conselhos, a prestação de contas, a criação de novas estruturas, como as Conferências Eclesiais, a relação entre *sensus fidei*, sinodalidade, colegialidade, primado e teologia.

O **sétimo** tema, “**Vocações, carismas e ministérios em chave sinodal**”, aprofunda o apelo à conversão e à reforma sinodal, mostrando a grande riqueza que o Espírito Santo tem suscitado na Igreja, com vocações, carismas e ministérios diversos. Aponta também algumas demandas, como a expansão da compreensão do ministério dos leigos, a valorização do lugar da mulher nas diversas instâncias da Igreja. A denúncia do clericalismo emerge com força no texto, com um apelo à renovação da compreensão do ministério ordenado, e a possível abertura à ordenação de homens casados e de mulheres.

O **oitavo** tema, “**Contribuições do itinerário sinodal latino-americano e caribenho**”, reitera os elementos a serem debatidos no sínodo, como as relações mútuas entre eclesialidade, sinodalidade, ministerialidade e colegialidade. As novas formas de organização surgidas na América Latina, como a CEAMA e a I Conferência Eclesial levantam interrogações sobre sua função e papel, e sobre o lugar e o papel de uma reflexão teológica que tem como ponto de partida o discernimento dos “sinais dos tempos”. Finalmente, o texto questiona as relações entre Igreja local e Igreja universal, mostrando a importância de um melhor equilíbrio entre a perspectiva vertical e a horizontal na condução dos destinos da Igreja que de fato se queira e viva efetivamente como sinodal.

CONCLUSÃO

Como se pode perceber, apesar de representarem momentos diferentes do percurso sinodal, pois a Síntese da CNBB retoma o resultado da escuta das circunscrições eclesiais do Brasil, enquanto a Síntese do CELAM recolhe os ecos do “diálogo no Espírito” das quatro regiões do continente latino-americano e caribenho, há alguns elementos comuns e outros distintos. O que é comum é o reconhecimento das muitas experiências sinodais realizadas no

Continente, com iniciativas únicas, como a I Assembleia Eclesial do continente, a Conferência Eclesial da Amazônia, expressões importantes da sinodalidade na base e de uma articulação entre sinodalidade e colegialidade. Essas experiências traduzem no nível mais amplo aquilo que é vivido de muitas maneiras nas bases das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), das pastorais, dos conselhos em todos os níveis. A opção pelos pobres e o compromisso com a defesa de distintos rostos marcados pela injustiça, pelo atentado aos direitos básicos à sua dignidade, também é um traço comum recordado como expressão da sinodalidade que se faz serviço, profecia e defesa dos pequenos. Comum também são as dificuldades de se viver o “caminhar juntos”, como o autoritarismo presente em muitas instâncias da Igreja, expresse, entre outras manifestações no clericalismo. Ele é a raiz de muitos abusos, como o sexual de menores e pessoas vulneráveis, mas também os de consciência e econômicos. O método da escuta, privilegiado na etapa continental, com a dinâmica do “diálogo no Espírito”, revelou-se fecundo e aponta caminhos para encontrar juntos a superação para muitos problemas no seio da Igreja. Um tema recorrente, tanto na Síntese da CNBB quanto na do CELAM é o lugar das mulheres na Igreja, não tanto que elas não sejam presentes e não exerçam funções relevantes, mas seu lugar nas instâncias de decisão e, nas duas Sínteses, se fala da possibilidade de sua ordenação, como também a de homens casados. A acolhida de muitos grupos colocados à margem, tanto na sociedade quanto na Igreja, também é uma demanda presente nas duas Sínteses, sobretudo os povos originários, afrodescendentes e as pessoas LGBTQIA+. A questão das juventudes também é vista com preocupação, com a drástica redução de sua participação nas atividades da Igreja, acentuada depois da pandemia. Alguns elementos presentes de modo particular na Síntese da CNBB: a perda do profetismo da Igreja, que se expressa em sua retirada da cena pública ou da perda de sua relevância em questões importantes, como a defesa dos direitos dos mais pobres; a acentuação da polarização na sociedade e sua repercussão no seio das comunidades de fé; a presença massiva de um “magistério paralelo”, exercido por “gurus digitais”, com uma piedade “presentista, intimista, com pouca ou nenhuma preocupação com o nós comum.

Nesses pontos comuns e distintos é possível perceber, por um lado, a fecundidade do caminho sinodal já percorrido, mas que nunca é assegurado, necessitando sempre ser de novo reinstituído, para evitar toda tentação autoritária e todo clericalismo; por outro lado, os desafios que o momento presente apresenta para que a Igreja possa continuar sendo farol que ilumina quem está na tempestade do mar bravio das atuais mudanças de época. Para responder a tais desafios, mais que fixar-se no problema, como que “meduzado” por suas dificuldades, é preciso voltar ao mar bravio, deixando-se conduzir pelo Espírito, para que Ele possa, nas provas, levar a encontrar a via do porto seguro.

BIBLIOGRAFIA

CNBB. *Relatório brasileiro para a fase continental* “Por uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão”. Brasília: CNBB, 2022. Disponível: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2023/03/Sintese-do-Brasil-para-a-Etapa-Continental-Cone-Sul.pdf> Acesso: 30/09/2023

CELAM. *Resumo da fase continental do Sínodo na América Latina e Caribe*. Bogotá: CELAM, 2023. Disponível: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://celam.org/wp-content/uploads/2023/04/Sintesis-Fase-Continental-del-Sinodo-en-ALC_PT.pdf Acesso: 30/09/2023.

SGSB. *Documento de Trabalho*. Para uma igreja sinodal: comunhão, participação, missão. Vaticano: Libreria editrice vaticana, 2021. Disponível: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/09/07/0540/01156.html#PORTOGHESEOK> Acesso: 30/06/2023;

SGSB. *Vade mécum para o sínodo sobre a sinodalidade*. Vaticano: Libreria editrice vaticana, 2021. Disponível: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/09/07/0541/01166.html>. Acesso: 30/06/2023.

SGSB. *Documento de Trabalho para a Etapa Continental*. Vaticano: Libreria editrice vaticana, 2022. Disponível: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.synod.va/content/dam/synod/common/phases/continental-stage/dcs/20221025-POR-DTC-FINAL-OK.pdf> Acesso: 30/09/2023.

PAINÉIS

PAINEL 1

As grandes contribuições do Papa Francisco para a Igreja

Papa Francisco e a renovação da pastoral juvenil: Dez anos de animação para um caminho junto às juventudes

Sebastião Everton de Oliveira¹

Resumo: Este texto analisa a exortação apostólica pós-sinodal “Christus Vivit” do Papa Francisco, que visa orientar a ação pastoral em relação aos jovens e à sociedade como um todo. Com base em discussões realizadas durante o VIII Colóquio de Teologia Pastoral, promovido pela FAJE, ao longo dos 10 anos de governo eclesial do Papa Francisco, examinamos as principais contribuições do pontífice para a Igreja, especialmente no que diz respeito à juventude. Reflete as motivações subjacentes e o caminho necessário para uma animação pastoral que promova a unidade apostólica. Este texto destaca as provocações do documento, abordando a articulação entre religião e cultura diante dos desafios contemporâneos.

Palavras-chave: Papa Francisco. Igreja Católica. Juventude. Renovação pastoral.

INTRODUÇÃO

A reflexão aqui apresentada é resultado do painel “as grandes contribuições do Papa Francisco para a Igreja”, resultado das discussões do VIII Colóquio de Teologia Pastoral organizado pela FAJE, PUC Minas, ISTA e Centro Loyola. Neste sentido, ao considerar Sínodo como busca de um mesmo caminho, o texto reflete sobre os 10 anos de governo eclesial do Papa, ressaltando algumas de suas contribuições para a Igreja, especialmente no contexto da pastoral juvenil.

1 A IGREJA EM SAÍDA: MM CHAMADO À CONFIANÇA E AO APRENDIZADO CONJUNTO

O Papa Francisco instiga uma abordagem colaborativa, enfatizando a necessidade de caminhar lado a lado com os jovens. Sugere a promoção de uma igreja popular e participativa, aproximando-se das juventudes e suas culturas, incentivando a confiança e a aprendizagem mútua.

2 RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: DESCONSTRUINDO HIERARQUIAS E VALORIZANDO EXPERIÊNCIAS

Papa Francisco destaca a importância das relações intergeracionais, desafiando a hipervalorização da juventude. Desta forma, propõe uma visão em que a idade não deve

¹ Mestre e Doutor em Educação pela FAE/UFMG, graduado em Letras pela PUC Minas. Integra o Observatório da Juventude da UFMG e a rede do Fórum das juventudes da RMBH. Coordena a Especialização em Juventude no mundo contemporâneo da FAJE, é voluntário no Instituto de Pastoral de Juventude (IPJ) Leste 2 da CNBB.

estabelecer um privilégio, pois todo mundo deve ser considerado importante na comunidade. Diante de suas considerações, lembra-nos que velho e novo coexistem, sendo que a renovação não significa ceder a tudo que o mundo oferece, mas se atrever à novidade sem perder de vista os valores necessários para a humanização das pessoas. Essa concepção busca estimular uma relação de proximidade e de não hierarquia no contexto das idades e das experiências vividas. Questiona-nos sobre a hipervalorização da juventude (ser jovem como valor máximo) e também sobre o adulcentrismo (adulto no centro das decisões) presente na nossa cultura. Neste sentido, Papa Francisco reforça que é na relação que aprendemos, e que essas interações nos ensinam a construir junto outro tipo de poder, que não seja autoritário. Por isso, considera que os mais novos têm força de transformação e, assim, precisam estar sempre animados e motivados; e os mais velhos possuem sabedoria e experiências que também são necessárias para a transformação.

Em alusão às suas considerações, é nessa relação intergeracional que se pode compreender que nem sempre as novas gerações trarão valores progressistas e democráticos. Da mesma forma, nem sempre as experiências adultas podem ser consideradas tão boas. De modo geral, somos sujeitos polifônicos, somos vozeados de outras narrativas e ideologias, que nos levam a reproduzir a voz da mídia, a voz do capitalismo, a voz de uma sociedade doente, mas, ao mesmo tempo, podemos nos conhecer, nos escutar e ser sementes transformadoras de anúncio da Boa Nova.

3 CORPOREIDADE E AFETIVIDADE: IMPACTOS NA REPRESENTAÇÃO DA IGREJA

Um elemento que nos ajuda a inferir sobre os impactos da representação do governo do Papa Francisco no tempo presente, seria observar sua corporeidade e afetividade, numa amorosidade que demarca outra relação de igreja com as pessoas e com os mais jovens. Sobre isso, tem sido comum os relatos, entrevistas e situações nas quais a opinião pública parece se agradar de sua personalidade. Neste sentido, lembramos de um meme que circulou pela internet e ganhou grande repercussão pelo fato de o Papa estar com uma vestimenta da moda². Essa foi uma imagem que ganhou difusão em nível mundial, especialmente, pelo realismo construído pela tecnologia da inteligência artificial, que gerou dúvidas se a situação seria verdade ou não, mas também pela divertida reconfiguração da imagem do papado, dando visibilidade para um Papa moderno, que esteve na boca do povo. Curiosamente essa situação nos faz refletir sobre a proximidade e também sobre as surpresas do novo líder católico, que suscita situações muito adversas de outros governos eclesiais.

Essa situação, pode ser um bom exemplo para repensar a juventude na sua relação com a igreja, já que na concepção da Exortação pós-sinodal *Christus vivit*, segundo Francisco, a Igreja pode se renovar e ser jovem. Neste caso, a jovialidade da igreja pode ser compreendida

2 Papa Francisco com casaco da moda: A imagem é real? (uol.com.br)

no sentido da força da palavra, como uma instituição que se deixa renovar. Uma igreja que sua palavra segue com força e que retorna sempre às suas fontes.

Com isso, problematiza que na defensiva, a Igreja perde a sua humanidade, não permite que seja questionada e deixa de escutar, tendo como resultado a perda da própria Juventude. Assim, não perde apenas os sujeitos jovens na sua constituição como também sua necessária renovação. Por isso, nessa escuta aos mais novos, que tanto sofrem com a violência estrutural e a falta de oportunidades, Papa Francisco enfatiza que as novas gerações interpelam uma igreja que escute mais, se posicione e que não esteja calada diante das questões contemporâneas.

De modo geral, Papa Francisco enfatiza a urgência do protagonismo dos jovens nas propostas e atuação pastorais. É assim, que sugere que reconheçamos as experiências que deram bons resultados, renovando a própria concepção de pastoral juvenil. Um fazer pastoral onde ninguém deve ser colocado ou se colocar de lado.

4 PROTAGONISMO JUVENIL: URGÊNCIA NA PARTICIPAÇÃO E RENOVAÇÃO PASTORAL

O Pontífice destaca a urgência do protagonismo dos jovens na vida pastoral, incentivando a renovação das práticas. Por isso, propõe uma igreja alegre, sem violência e exclusão, engajada na promoção da fraternidade e na escuta ativa das novas gerações.

Essa animação de Francisco, que orienta para uma ação Pastoral com jovens, suscita algumas transformações estruturais, bem como a necessidade de um investimento formativo das lideranças pastorais e do clero, para qualidade nos serviços, nas homilias e nas concepções das atividades desenvolvidas. Portanto, Francisco intenta e clama para a promoção de uma igreja alegre, sem violência e sem exclusão; que se renova na fé; e que se dispõe a ser companheira de caminhada, sem produzir tantos obstáculos, normas, controles e obrigações aos seus fiéis; colaborando para que a vocação seja um desenvolvimento pleno de si e não uma construção de fora do que se é e do que te orienta.

Da mesma forma, Francisco nos convida a uma prática religiosa que seja diferente, que não nos posicione no lugar de esquisitos, mas que seja engajada na comunidade. Uma prática contextualizada e historicizada, na consolidação de um trabalho onde a voz e a decisão da Igreja passe pelos mais pobres, subalternizados/as, silenciados/as e invisibilizados/as, para que o clero decida com eles o melhor caminho, a fim de que seu serviço chegue e esteja voltado, concretamente, aos mais necessitados.

Portanto, nesta perspectiva de Francisco, uma Igreja viva seria aquela capaz de reagir e prestar atenção às reivindicações, aos conflitos e às sugestões trazidas pelos jovens. Uma escuta ativa que considera a justiça social e a solidariedade com os outros. Diante disso, enfatiza a importância de se reconhecer que as perguntas sejam sempre uma novidade, trazendo novos pontos de vistas sobre nós mesmos. É assim que sugere que anciãos e jovens possam

caminhar juntos, de modo a estarem enraizados, voltando sempre à fonte e arriscando a construção de uma nova prática.

Aponta, desta maneira, para a necessidade de ajudar os jovens a crescerem na fraternidade, encontrando nos grupos um lugar de segurança para compartilharem a vida, os medos, os sonhos; inspirados pela fé e testemunho de Jesus; encontrando na comunidade um lugar para cultivar relações preciosas. Um processo que não esteja transformado em manuais de condutas e regras da pastoral juvenil, mas, que supere a obsessão de se transmitir conteúdos doutrinários, delineando assim um movimento flexível e experimental, que permita um encontro comunitário dos jovens com o Deus vivo.

5 DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS: RUMO A UMA PRÁTICA RELIGIOSA CONTEXTUALIZADA

O Papa Francisco propõe uma prática religiosa engajada, contextualizada e historicizada. Enfatiza a importância de ouvir as reivindicações dos jovens, promovendo uma Igreja atenta às questões contemporâneas e comprometida com a justiça social e a solidariedade.

No contexto em que vivemos, em que existe uma multiplicidade de referências religiosas e formativas, além de novas formas de sociabilidade on-line e off-line, e convivência com uma gigantesca gama de informações e de orientações, são necessários espaços para discernimento, para selecionar e usar essas informações, tendo referências mais saudáveis e uma caminhada que seja menos solitária, que responsabilize menos os sujeitos sobre os seus fracassos e sua condição de incompletude. Diante de suas reflexões, seria aqui uma oportunidade para a pastoral ganhar espaço e se consolidar como uma verdadeira fonte de vida.

Assim, considerando a participação como uma prática aprendida, bem como os valores da comunhão e da solidariedade, e tendo a diversidade como a nossa grande riqueza, compreende como fundamental olhar para nossas metodologias, de forma que superemos os achismos, trabalhem com as evidências, mobilizando para uma atuação orgânica engajada onde caibam todos e todas. Uma atuação que passe pela pesquisa, pelo conhecimento, e pela partilha, enquanto processo relacional com a cultura; que permita a sensibilidade e a emoção, para além do racional, como sugere Papa Francisco

CONCLUSÃO

Em síntese, este texto destaca as contribuições do Papa Francisco para a renovação da pastoral juvenil, abordando a importância da participação ativa dos jovens, relações intergeracionais e uma prática religiosa contextualizada. A exortação pós-sinodal *Christus vivit* serve como guia para uma Igreja mais próxima das necessidades da sociedade contemporânea, promovendo a escuta, o diálogo e a renovação constante.

Em alguma medida esse documento reforça algumas preocupações, especialmente na crise estrutural na relação entre os jovens e as instituições (que em nossa leitura também se

faz presente na escola, na família, na política institucional etc.) com tensões que dizem respeito não apenas à transmissão e à continuidade das tradições, mas também da importância das instituições para a estabilidade social.

Consideramos que Papa Francisco tem praticado um outro tipo de poder na igreja, despertando para a democracia, a escuta e o papel ativo das novas gerações. Inaugura dispositivos e articulações para enfrentamento às violações de direitos dentro da Igreja. Busca superar o patriarcado presente em toda a nossa constituição; valoriza o bom uso das tecnologias digitais. Contudo, é importante enfatizar que essas concepções trazidas por esse governo já convivem conosco há um bom tempo, embora sejam retomados com força e entusiasmo para consolidação de um projeto de Igreja que faça mais sentido e que esteja mais próxima das pessoas.

Por fim, tem estimulado os jovens a compreenderem que “Jesus não é uma ideia, mas um companheiro de viagem”, podendo os jovens se verem e se reconhecerem nele, na sua história, no seu amor, no seu modo de fazer e despertar para a vida; na sua paixão que move e transforma, e que sopra ventos novos. Assim, convida-os para se colocarem em movimento e lhes pede para abrirem o horizonte e enxergarem suas raízes, podendo participar e partilhar a vida, sendo protagonistas no anúncio do evangelho, não apenas do futuro, mas também do presente. Em suas palavras “Cristo Vive e os quer vivos!”

REFERÊNCIA

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal do Papa Francisco: Christus vivit*. Para os jovens e para todo o povo de Deus, Paulus Editora, 2019.

PAINEL 2

As grandes contribuições do Papa Francisco para a sociedade¹

¹ Participaram desse painel Sinivaldo Tavares, Marina Paula Oliveira e Eduardo Brasileiro. O jornalista Vinicius Rangel conduziu o painel, com as perguntas aos participantes. Somente os dois primeiros enviaram seus textos, que são aqui publicados, mantendo o caráter de entrevista.

Papa Francisco: O cuidado da casa comum, a fraternidade e a amizade social

Sinivaldo Tavares¹

1. O QUE MAIS LHE CHAMA A ATENÇÃO NA PERSONALIDADE DO PAPA FRANCISCO?

Três aspectos da personalidade do Papa me chamam a atenção em modo particular: lucidez crítica, esperança inveterada e extrema liberdade. Francisco tem manifestado grande lucidez ao discernir as questões candentes de nosso tempo, indo às raízes últimas dos fenômenos e situações. Tem feito análises críticas contundentes, não se satisfazendo com leituras rasas que detectam apenas sintomas, nem com soluções parciais que não atingem as estruturas mais profundas dos fenômenos analisados. Não sucumbe, todavia, à gravidade e urgência dos problemas analisados assumindo posturas trágicas e pessimistas. Tem nos conduzido às fontes da esperança humana e cristã, para daí extrair a seiva que irá nos sustentar no embate cotidiano. É difícil que essas duas atitudes convivam de maneira equilibrada e harmoniosa em uma mesma pessoa. Na maioria das vezes, a presença de uma delas termina por afugentar a outra, criando uma situação de exclusão recíproca. Em seus escritos magisteriais, o Papa tem testemunhado essa rara combinação de textos extremamente críticos com relação à presente situação com textos de bela poesia, reveladores de uma alma profundamente contemplativa. Seu discurso contagia-nos com inveterada esperança ao despertar-nos para a beleza da vida e para a inalienável dignidade de cada criatura e ao rememorar-nos a alegria do Evangelho e dos mistérios da fé cristã.

Por fim, gostaria de ressaltar a atitude do Papa que mais me impressiona: sua extrema liberdade. Seu ensinamento e suas atitudes pastorais têm tensionado setores da Igreja. Seu pontificado tem se caracterizado pela ousadia em formular questões, fomentar discussões e incentivar o diálogo. E tudo isso tem incomodado sobretudo aqueles setores mais reacionários e, conseqüentemente, pouco afeitos a tais processos. Tem sido, pois, com extrema liberdade que Francisco tem acolhido resistências e críticas públicas à sua pessoa e missão. Segundo minha percepção, o Papa tem discernido com cuidado e respeito as questões que lhe são postas, com base em critérios que julga apropriados, e tem prosseguido seu caminho na fidelidade à missão petrina que lhe foi confiada sem se deixar condicionar por críticos nem por eventuais bajuladores.

¹ Doutor em teologia pela Pontificia Università Antonianum, pós-doutorado em teologia sistemática pela PUC RS, professor de teologia sistemática na FAJE, pesquisa temas como ecoteologia, decolonialismo.

2. COMO AVALIA AS CONTRIBUIÇÕES DA ENCÍCLICA *FRATELLI TUTTI* SOBRE A FRATERNIDADE E A AMIZADE SOCIAL COM VISTAS À CRIAÇÃO DE UM “NÓS” COMUM, MAIS FRATERO E AMIGO?

Gostaria de destacar, em primeiro lugar, o fio condutor que atravessa o texto da carta encíclica *Fratelli tutti*, a saber: a importância de se recuperar a fraternidade como valor central das relações não só entre os seres humanos, mas também entre os humanos e todos as espécies de seres vivos que habitam o Planeta. Vale a pena lembrar, a título de exemplo, que ao longo de toda a encíclica a palavra “fraternidade” é citada por 44 vezes e o termo “solidariedade”, 22 vezes.

Dito isso, salientaria três elementos que, em minha opinião, constituem a espinha dorsal da *Fratelli tutti*: a) Invejável lucidez crítica; b) Sinal de alerta contundente; c) Interpretação magistral da parábola do bom samaritano.

a. Invejável lucidez crítica

Como de costume, o Papa inicia seu discurso fazendo uma análise crítica da situação em que nos encontramos. E para chamar nossa atenção, Francisco recorre a imagens fortes – plásticas e sugestivas – tais como: “As sombras de um mundo fechado” e “sonhos em pedaços”. Como dito anteriormente, o Papa realiza “uma intervenção cirúrgica”, “colocando o dedo na ferida” e evitando assim de “tapar o Sol com a peneira”. Ele prefere dar nome a fenômenos e situações, no intuito de atingir suas raízes mais profundas. Contudo, ele assim age não por outro motivo senão aquele de nos conclamar ao enfrentamento das causas estruturais dos problemas atuais.

Nesse sentido, ele deflagra quatro pilstras que sustentam o sistema social hegemônico: o mercado que extrapola os limites da simples economia até atingir o âmbito da inteira sociedade caracterizando-a, para todos os efeitos, como “sociedade de mercado”; o neoliberalismo em seu caráter de legitimação política dessa sociedade de mercado; o individualismo como uma das principais características de nossa cultura atual e, por fim, a crise socioambiental como horizonte de fundo a agravar mais ainda as várias crises em meio às quais nos encontramos enredados. Feitas essas distinções, o Papa caracteriza a presente situação como um caso em que a política tem se tornado refém da economia e ambas, servis ao assim chamado “paradigma tecnocrático”. Posição essa já defendida em tons firmes e claros na sua Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum, *Laudato Si’*.

Pressuposta a consciência de que desafios complexos demandam mentalidades, atitudes e práticas integrais, Francisco insiste na importância de sintonizar nossas intervenções locais com a esfera global, reconhecendo e valorizando também as instâncias regionais. Valeria a pena, a esse propósito, levar em conta a relativa autonomia entre os distintos âmbitos: pessoal, interpessoal, comunitário, social e cósmico. Não se quer com isso negar a interdependência existente entre esses vários níveis. Contudo, no bojo dessa interdependência e mutualidade, convém discernir a relativa autonomia de cada âmbito. Essa consciência é

importante para não nos iludirmos de que mudanças possam se dar mediante uma espécie de “efeito dominó”. Cada âmbito necessariamente vai exigir intervenções específicas e o processo todo deverá ser levado adiante simultaneamente respeitando a complexidade do processo envolvendo os vários âmbitos e as respectivas peculiaridades de cada esfera.

b. Sinal de alerta contundente

Gostaria ainda de salientar a força de expressão da imagem “sonhos em pedaços” empregada pelo Papa para caracterizar o tempo presente. Não é a primeira vez que Francisco recorre à imagem dos sonhos. Em sua Exortação pós-sinodal *Querida Amazônia*, ele elege os “sonhos” como espinha dorsal do texto. Sou de opinião que o Papa compreenda sonho, na esteira do grande analista C.G. Jung, a saber: como antecipação de realidades futuras ou, ainda, como concretização prévia de possibilidades e virtualidades adormecidas. Por essa razão, falar em “sonhos em pedaços” seria chamar a atenção para aquela espécie de erosão de nossa capacidade de sonhar. O que equivaleria a dizer que atrofiamos nossa capacidade de transcender à dureza da realidade nua e crua, sufocando possibilidades e virtualidades que anseiam por concretização.

Com invejável ousadia Francisco dirige um sinal de alerta contundente a nós seres humanos enredados em situações que nos separam uns dos outros e nos levam a viver solitários dentro de bolhas encerradas em si próprias. Ele chega a dizer inclusive que nossas sociedades cada vez mais globalizadas nos tornam mais próximos, mas não mais fraternos, e que, na melhor das hipóteses, podem fazer de nós sócios, mas jamais irmãos.

c. Interpretação magistral da parábola do bom samaritano

Após discernir e analisar as raízes estruturais dos grandes problemas que nos afligem e de alertar-nos para os perigos e desafios da presente situação, o Papa nos propõe a relevância da “fraternidade e amizade social” a partir de uma interpretação magistral da parábola do bom samaritano. E o mais interessante é que sua interpretação vai tocar diretamente a questão da propriedade. É quando, então, nos nn. 118ss da *Fratelli Tutti*, Francisco toma posições muito claras ao deflagrar o que poderíamos chamar de “ideologia privatista de propriedade”. Resgatando um dos princípios de nossa tradição de fé – a destinação universal dos bens – Ele chega a afirmar com todas as letras: “O mundo existe para todos”. Nega, portanto, a sacralização da apropriação privatista dos bens naturais e culturais, incluindo os territórios.

Destacaria, em especial, a pedagogia do Papa em retomar a pergunta dirigida por Jesus ao escriba após ter narrado a parábola: “Na tua opinião, quem destes três se tornou o próximo daquele que caiu nas mãos dos assaltantes?” (Lc 10,36). Nota-se, num primeiro momento, a habilidade de Jesus em retorcer a pergunta que antes lhe tinha sido formulada pelo escriba. Perguntado sobre quem seria o próximo, Jesus responde mediante uma contundente questão: quem se tornou o próximo daquele que estava caído? A atitude de Jesus parece revelar, mais que astúcia e habilidade no trato com seu interlocutor, uma experiência radicalmente distinta de Deus e de sua vontade.

A pergunta por quem seja meu próximo pressupõe que nem todos o sejam. Pelo contrário, ela sugere de maneira sub-reptícia que apenas alguns o sejam. A pergunta de Jesus, portanto, desmascara o absurdo da atitude de discriminação que se aninha no interior da pergunta do escriba. Ela põe às claras o *non sense* de sua questão, inaugurando uma atitude que realmente faz jus ao sentido primeiro do mandamento maior do amor a Deus e ao próximo. Ao aproximar-se do outro, manifestando-lhe solidariedade, é que se experimenta o amor ao próximo. O samaritano correu ao encontro do ferido, socorrendo e cuidando dele, não propriamente por ser ele um ser humano autônomo e emancipado, dotado de razão crítica e de vontade livre. Ele o acolheu na sua humanidade desfigurada e cuidou dele em seu radical abandono, precisamente por ser um simples desconhecido. O homem assaltado, ferido e caído à beira do caminho encontrava-se totalmente entregue à compaixão e ao cuidado de quem quer que, por ali passando, se tornasse sensível à sua condição. Ao cuidar daquele ser humano desfigurado e abandonado, o samaritano assumiu sobre si o fardo de uma humanidade desfeita e negada. E, ao fazê-lo, resgatou no melhor dos modos sua própria dignidade e a daquele a quem socorreu. Nesse particular, reside a concretude da proposta feita pelo Papa, a saber: a iniciativa de se instaurar a fraternidade e amizade social.

Gostaria de concluir essas sintéticas reflexões sobre a *Fratelli tutti* citando as instigantes e, ao mesmo tempo, esperançosas palavras do próprio Papa: “*Muitos deixam de ser considerados seres humanos com uma dignidade inalienável e passam a ser apenas os outros. [...] Oxalá, no final não haja os outros, mas apenas um nós*” (nn. 27.35).

3. O PAPA FRANCISCO TEM SE REFERIDO AOS MOVIMENTOS SOCIAIS COMO “POETASSOCIAIS”. COMO VOCÊ VÊ A PARTICIPAÇÃO DO PAPA NOS ENCONTROS DESSES MOVIMENTOS, SUA INICIATIVA EM CRIAR UMA “JORNADA MUNDIAL DOS POBRES”? QUE SIGNIFICADO TEM ESSAS INICIATIVAS? COMO AVALIA?

No tocante à questão acerca da atitude de Francisco em relação aos movimentos populares, gostaria apenas de trazer a contundente afirmação da *Fratelli tutti*: “É possível começar de baixo, de cada um, lutar pelo mais concreto e local, até o último rincão da pátria e do mundo” (n. 78). Aqui, o Papa retoma o mesmo tom que tem assumido em discursos que tem pronunciado em vários encontros celebrados com os movimentos populares. Ele nos interpela a não esperar nada de cima, uma vez que de lá, segundo ele, não poderá vir nada de novo ou de alternativo ao que está posto. Ele chega a dizer que só poderá vir de cima mais do mesmo e talvez algo ainda pior. E é sobretudo por tais razões que o Papa chama os membros desses movimentos de “poetas e poetisas sociais”, por serem eles e elas os artesãos e as artesãs de novas relações que deverão pautar a convivência harmoniosa augurada pelo Papa e por ele proposta na carta encíclica *Fratelli tutti*.

Por fim, gostaria de sublinhar a compreensão de diálogo explicitada pelo próprio Papa na *Fratelli Tutti*, no contexto em que discorre acerca do “amor político” caracterizado, sobretudo, pela ternura e cuidado para com os débeis e caídos. Ele apresenta o diálogo como uma complexidade composta por sete verbos sinônimos: aproximar-se; expressar-se; escutar-se;

olhar-se; conhecer-se; tentar se compreender; procurar pontos de contato. Concebido assim, o diálogo constitui uma verdadeira composição artesanal, tecida ponto por ponto com grande sabedoria e cuidado.

BIBLIOGRAFIA

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Fratelli tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. Vaticano: Libreria editrice vaticana, 2020. Disponível: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/Papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html Acesso: 05/10/2023.

As contribuições do Papa Francisco para o enfrentamento da crise mundial

Marina Paula Oliveira¹

1 COMO AVALIA AS PRINCIPAIS INICIATIVAS E CONTRIBUIÇÕES DO PAPA FRANCISCO PARA O ENFRENTAMENTO DA CRISE MUNDIAL?

A crise social, econômica, ambiental, cultural e eclesial que tem atravessado a sociedade no último período tem exigido novas estratégias e respostas para enfrentar as desigualdades sociais produzidas por esse contexto. Papa Francisco, como um dos maiores líderes mundiais, tem provocado importantes debates e movimentos no interior da igreja católica e na sociedade civil ampliada, incluindo diferentes religiões e crenças.

A partir de suas iniciativas, Francisco vem impulsionando a formulação de propostas colaborativas a partir de processos de sinodalidade para enfrentar a complexidade da crise em vigência. Entre 2013 e 2023, destacam-se algumas iniciativas e documentos, sendo eles: (a) Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (2013); (b) Carta Encíclica *Laudato Si*, sobre o cuidado da casa comum (2015); (c) o projeto Economia de Francisco e Clara (2019); (d) A Exortação pós-sinodal *Querida Amazônia* (2020); (e) a proposta do Pacto Educativo Global (2020); (f) carta Encíclica *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social (2020); e (g) Exortação apostólica *Laudate Deum* (2023).

Estas iniciativas sistematizaram discussões a respeito de diversas temáticas, consolidando princípios basilares para uma conversão eclesial, ecológica, econômica, cultural e pedagógica (cf. OLIVEIRA, 2023), fundamental para enfrentar a crise mundial.

Em 2013, com o lançamento da Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, o Papa convidou a Igreja a se aproximar de suas bases em direção a uma “Igreja em saída”, deixando para trás práticas estritamente litúrgicas, deslocadas dos gritos dos territórios. Essa movimentação tem fomentado processos de reformas eclesiais, baseadas na necessidade de se “recuperar o frescor original do Evangelho” (EG 11).

Dois anos depois, a Encíclica *Laudato si'*, amplamente difundida, ganhando espaço junto às universidades e movimentos socioambientais, ampliou o alcance do ensinamento do Papa. A *Laudato si'* tratou de sistematizar suas contribuições em relação à agenda ambiental. O texto parte do pressuposto de que não existem duas crises separadas, uma ambiental e uma

1 Graduada, mestre e doutoranda em Relações Internacionais pela PUC-Minas. Militante do Movimento Brasil Popular e do Movimento pela Soberania Popular na Mineração, é colunista do Brasil de Fato Minas Gerais e conselheira do Conselho Episcopal Latino-americano e Caribenho (CELAM).

social, mas sim uma única crise com diferentes facetas, crise que produz pobreza, desigualdades sociais e a destruição da natureza. A partir disso, Francisco convida a sociedade para se engajar na defesa dos direitos humanos e do meio ambiente, que juntos formam uma única Casa Comum.

As contribuições para a Ecologia também vieram a partir dos diálogos do Sínodo da Amazônia, que ocorreu em 2019. Esta foi uma das primeiras iniciativas por parte da Igreja Católica que vislumbrou a escuta dos povos amazônidas. O encontro aconteceu no Vaticano e reuniu cardeais, bispos, padres, indígenas e leigos que puderam partilhar suas experiências pastorais na região. O principal objetivo era avançar na construção de uma igreja mais responsiva às necessidades e particularidades das comunidades da Amazônia.

Ainda em 2019, o Papa Francisco lançou a convocatória para o Encontro da Economia de Francisco e Clara. O encontro, que aconteceu em várias etapas e em formato virtual e presencial, reuniu mais de mil jovens, sendo eles ativistas, empresários e universitários de diferentes continentes. O propósito da iniciativa era refletir sobre o atual modelo econômico e formular propostas alternativas que garantissem a proteção da vida humana e da natureza, reduzindo as desigualdades sociais e buscando o direito a um meio ambiente equilibrado para as gerações atuais e futuras.

De maneira complementar, em 2020 Francisco convocou gestores que atuam na área da educação de diferentes países para discutir as diretrizes para “Pacto Educativo Global”. O encontro buscou construir acordos sobre a necessidade de consolidar processos educativos mais diversos, plurais e inclusivos, conectando e articulando o ambiente da família, com a escola e a sociedade em geral.

Ainda em 2020, Francisco lançou uma nova encíclica intitulada *Fratelli tutti*. Desta vez, o tema central era a relação entre amor e política, dando pistas para um caminho de conversão cultural. Considerando a cultura individualista majoritária na sociedade atual, a grande contribuição do Papa foi justamente expandir o conceito de amor individual e bilateral para o compromisso coletivo com a sociedade, a partir da experiência de “amor social”: “somos chamados a amar a todos, sem exceção”. No entanto, amar não significa consentir com posturas de determinado opressor, “pelo contrário, amá-lo corretamente é procurar, de várias maneiras, que deixe de oprimir, tirar-lhe o poder que não sabe usar e que o desfigura como ser humano” (FT 241).

Mais recentemente, em 2023, Francisco lançou a Exortação apostólica *Laudate Deum*, que recupera os ensinamentos da *Laudato sí*, reforçando o caráter urgente da pauta ambiental, sobretudo em razão do agravamento das mudanças climáticas e do aquecimento global.

O conjunto dessas encíclicas, documentos e iniciativas sistematizam as principais contribuições do Papa Francisco para a humanidade nos tempos atuais. Francisco convida a igreja e a sociedade em geral, para trilharem caminhos de conversão eclesial, ecológica, econômica, cultural e pedagógica (cf. OLIVEIRA, 2022).

Essas conversões, baseadas na profunda experiência de sinodalidade e participação popular, são fundamentais para a construção de respostas e programas para enfrentar as consequências da atual crise do sistema capitalista.

REFERÊNCIAS

FRANCISCO, Papa. Exortação *Evangelli Gaudium*. São Paulo: Editora Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Laudato Si*. São Paulo: Editora Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. Coleção: Voz do Papa. São Paulo: Editora Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. Exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia*. São Paulo: Editora Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. Carta Convocatória para o Encontro da Economia de Francisco, 2019.

FRANCISCO, Papa. Carta Convocatória para o Pacto Educativo Global, 2020.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Laudate Deum*. São Paulo: Paulus Editora, 2023.

OLIVEIRA, Marina. Tercer Congreso Latinoamericano y Caribeño de Doctrina Social de la Iglesia: Caminhos para uma conversão eclesial, ecológica, econômica, cultural e pedagógica. CELAM: Bogotá, 2023.

RODA DE CONVERSA

Pontificado de Francisco: uma reforma em processo¹

¹ Roda de conversa da qual participaram: Jaldemir Vitório, Tania Mayer, Áurea Marin Burocchi. Somente Áurea Marin Burocchi enviou o texto que é aqui publicado.

Papa Francisco e o enfrentamento dos abusos do clero católico

Aurea Marin Burocchi¹

O Papa emérito **Bento XVI**, em carta ao seu biógrafo, o alemão Peter Seewald, meses antes de sua morte, referiu-se ao problema de saúde que o levou a renunciar em 2013: “a insônia que o acompanhava sem interrupção desde a **Jornada Mundial da Juventude em Colônia**”, em agosto de 2005. Isso, entretanto, não esclarece os motivos dessa insônia.

De fato, muito se falou sobre esses motivos e o mais citado foi sua incapacidade de lidar com a questão dos abusos perpetrados pelo clero católico em todo o mundo contra crianças e adolescentes. Problema herdado de seus antecessores, especialmente Paulo VI e João Paulo II – não citamos João Paulo I devido à brevidade de seu pontificado: 33 dias em 1978. Estimase que essa prática seja mais antiga, embora somente nas últimas décadas a questão esteja nas manchetes.

Portanto, uma grande e, talvez inesperada, novidade no pontificado de Francisco é o enfrentamento da questão, aparentemente sem melindres, coisa que vem ocorrendo desde 2013. Em muitas ocasiões o pontífice tem se expressado, demonstrando preocupação e vergonha. No Congresso Latino-Americano, no Paraguai, dedicado ao tema dos abusos sexuais dentro da Igreja disse:

Desejo expressar minha tristeza às vítimas pelas dores e os traumas que sofreram. E também minha vergonha, nossa vergonha, minha vergonha pela longuíssima incapacidade da Igreja em pô-las no centro de suas preocupações, assegurando a elas a minha oração.

O abuso sexual por parte do clero e seu encobrimento por bispos e superiores religiosos deixaram uma ferida indelével no corpo de Cristo, a Igreja, devido ao dano causado a tantas pessoas.

Qualquer um que diminua o impacto desta história e minimize o perigo atual desonra aqueles que tanto sofreram e engana aqueles que dizem servir (FRANCISCO, 2023).

Alguns dados estatísticos:

Irlanda: este foi o primeiro país a ter acusações de abusos de padres e religiosos já na década de 1980. A partir de 2008, a Igreja iniciou uma série de investigações internas sobre essas alegações. Desde 1975 confirmaram-se abusos sexuais feitos por pelo menos 85 padres.

¹ Doutorado em Teologia pela FAJE. Professora da PUC Minas. Membro dos Grupos de Pesquisa Teologia e Contemporaneidade – PUC Minas e Interfaces – FAJE. Contato: aureamrin@gmail.com

Portugal: um dos últimos países a divulgarem o resultado das investigações, revelou que o clero católico abusou sexualmente de pelo menos 4.815 menores desde 1950. A maioria desses crimes já prescreveu, somente 25 acusações continuam em processo.

Estados Unidos: no início do terceiro milênio um grande escândalo foi revelado pelo Boston Globe – *Spotlight* – incluindo o arcebispo Bernard Law que encobriu denúncias de abusos sexuais de quase 90 padres ao longo das décadas, somente na Arquidiocese de Boston. A Igreja Católica norte-americana recebeu denúncias de mais de 20 mil menores vítimas de abuso sexual por parte de 7 mil clérigos.

Em 2018, a Congregação para a Doutrina da Fé, órgão vaticano que julga esses casos, considerou o cardeal Theodore McCarrick, Arquidiocese de Washington, culpado de abusos contra menores e adultos. Seu caso tem o agravante de abuso de poder, por isso foi reduzido ao estado laico em 2018 – pena mais dura da lei canônica. Ele é o membro do clero de maior hierarquia a receber tal punição. Papa Francisco, em 2019, o expulsou da Igreja devido a esses abusos sexuais de adolescentes na década de 1970.

Chile: as acusações levaram à investigação de mais de 200 membros da Igreja. 240 vítimas foram identificadas, sendo 123 menores de idade. Padre Karadima foi o epicentro desse escândalo, tendo seu caso de ataques a menores entre as décadas de 1980 e 1990, em uma paróquia de Santiago, alcançado enorme divulgação e indignação no país. Em 2018, ao visitar o Chile, Papa Francisco foi acusado de não agir no caso. Na ocasião, o pontífice fez um *mea culpa* e, ao voltar a Roma, aceitou a renúncia de sete bispos chilenos.

Alemanha: em pesquisa de 2017, descobriu-se que, pelo menos, 547 menores de um coro de Regensburg foram abusados por clérigos entre 1945 e 1990. Em 2018, acadêmicos concluem um estudo que aponta 3.677 menores abusados por clérigos entre 1946 e 2014, no país. O Papa Emérito Bento XVI, em 2022, foi questionado sobre a sua gestão da pedofilia quando era Arcebispo de Munique. O relatório dessa arquidiocese revela que, entre 1945 e 2019, pelo menos 497 pessoas sofreram agressões sexuais.

Bélgica: o escândalo da pedofilia clerical tem início com as acusações contra um bispo. Tal fato deu origem a macro investigações sobre os abusos sexuais cometidos pelos membros do clero no país. Em 2010, o bispo de Bruges, Roger Vangheluwe, foi acusado de abusos contra dois sobrinhos durante anos. As conclusões da Comissão para o Tratamento de Queixas de Abuso Sexual revelam que 13 abusados cometeram suicídio e 6 tentaram tirar a própria vida. Fatos que sublinham a gravidade dos abusos. Foram identificados 320 padres agressores já falecidos, cujos crimes se deram entre 1950 e 1980. Quando um magistrado fechou os trabalhos da comissão, o próprio Parlamento abriu a investigação contra os abusos e criou um centro de arbitragem independente que funcionou entre 2012 e 2015, recebendo 628 denúncias. A Igreja, por sua vez, criou 10 pontos de contato para acolher depoimentos e indenizar as vítimas. Até 2020, esses pontos de contato receberam 553 denúncias, chegando-se a 1.181 denúncias sobre uma população de 11,5 milhões de habitantes.

França: a comissão formada para investigar casos de abusos sexuais de menores por parte do clero apresentou em 2021 o cálculo de 330 mil menores vítimas de padres, religiosos e pessoas ligadas às instituições católicas, desde 1950.

Polônia: desde 2018 a Igreja recebeu centenas de denúncias sobre agressões sexuais do clero. Em 2019, a Igreja polonesa admitiu que cerca de 400 padres abusaram sexualmente de crianças ao longo de 3 décadas.

Austrália: após alguns escândalos, o governo criou uma comissão que recebeu, entre 2013 e 2017, as denúncias de abusos. O relatório apontou que 7% dos religiosos católicos receberam denúncias de agressões sexuais contra menores entre 1950 e 2010. Entretanto, os fatos não foram investigados. Em 2018, o Cardeal George Pell foi acusado e absolvido em 2020.

Espanha, Itália, Brasil são países em que parece ainda não haver a adequada mobilização eclesial para o acolhimento e investigação de tais casos. O Brasil é o segundo país no mundo, com mais casos de abusos sexuais de crianças e adolescentes, segundo a Agência do Senado.

Em artigo publicado pelo IHU em 20/02/2023, Pe. Marcelo Neri, teólogo italiano e professor da Universidade de Flensburg, na Alemanha, responde o que há por trás dos abusos da Igreja. O religioso lembra que não se trata “apenas” de casos, mas que é necessário levar-se em conta a constelação de questões em que se inserem. Segundo ele, tanto a Igreja quanto a teologia não podem descuidar desse pano de fundo. O poder inerente ao Ministério Ordenado e a importância do testemunho carismático são fatores agravantes dos crimes de abuso de menores por parte do clero.

Pe. Marcelo Neri traça uma rápida, mas clara imagem nesse pano de fundo dos abusos, colocados entre patologia e crime, que envolvem o desvio, a violência, a justificação e não responsabilização do clero:

- a. Clericalização do ministério e pastoral da Igreja que “degrada”, desqualifica a comunidade de fé e dos discípulos missionários como sujeitos secundários, simples coadjuvantes;
- b. Visão distorcida dos sacramentos que chega a colocar as vítimas como cúmplices do crime, não se comprometendo, portanto, com a reparação do corpo e da alma violados;
- c. Cultura carente de memória da Igreja local: sem documentos e arquivos acessíveis, quando os culpados são transferidos, perde-se a memória histórica dos eventos criminosos;
- d. Falta de verificação comunitária por parte de membros da comunidade de fé que podem e devem compartilhar o discernimento sobre as práticas, papéis e pessoas que vivem e trabalham na comunidade;
- e. Aceitação da responsabilidade que permitiria a gestão dos casos e a configuração de medidas, em processo sinodal (cf. NERI, 2023).

Ele termina afirmando que: “O que temos dificuldade para compreender é que ou fazemos isso agora ou seremos atropelados pela nossa inércia”.

Citamos vários dados, em vários países, que podem levar alguns a pensarem: quantos, meu Deus! E outros a dizerem: só isso? No mundo laico esses dados são maiores [sic!]. Pensamos que a questão não se resume a números, embora os tenhamos citado, ou a lugares e ambientes, embora vivamos neles. A questão é: o número correto é zero; o lugar, o ambiente é: nenhum. Ainda que fosse uma única criança – ou adulto – a sofrer abuso e violência, não poderíamos nos calar. Primeiro como cristãos, discípulos missionários do Mestre, enviado a anunciar o infinito amor de Deus Trindade Amorosa. Ainda que não fôssemos homens e mulheres de fé, toca-nos a condição de criaturas que nos faz todos membros uns dos outros, habitantes da Casa Comum, para com a qual temos responsabilidades inalienáveis: cuidar uns dos outros. Muito bem e belamente nos disse um pregador inglês do século XVI:

Nenhum homem é uma ilha

Nenhum homem é uma ilha isolada;
 cada homem é uma partícula do continente,
 uma parte da terra;
 se um torrão é arrastado para o mar,
 a Europa fica diminuída,
 como se fosse um promontório,
 como se fosse a casa dos teus amigos ou a tua própria;
 a morte de qualquer homem me diminui,
 porque sou parte do gênero humano.
 E por isso não perguntes por quem os sinos doam;
 eles doam por ti.

John Donne, *Meditações VII*.

BIBLIOGRAFIA

FRANCISCO, Papa. *Abusos, Francisco*: que os menores estejam mais seguros na Igreja. Mensagem enviada por ocasião II Congresso Latino-americano sobre o tema “Cuidar, informar e comunicar: elementos-chave para uma gestão eficaz dos casos de abuso sexual”. In VaticanNews. 14/03/2023. Disponível: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-03/papa-francisco-congresso-latino-americano-abuso-menores.html> Acesso: 30/04/2023.

NERI, M. O que há por trás dos abusos na Igreja? Artigo publicado no *Settimana News*, traduzido pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU), e publicado em 20/02/2023. Disponível: <https://www.ihu.unisinos.br/626316-o-que-ha-por-tras-dos-abusos-na-%20igreja-artigo-de-marcelo-neri> Acesso: 30/04/2023.

PAINEL 3

Resistências à liderança do Papa Francisco e limites de seu pontificado¹

Muitos intérpretes do pontificado de Francisco acreditam que ele abriu uma nova etapa na recepção do Concílio Vaticano II, implementando reformas importantes no conjunto da Igreja, em fidelidade criativa aos principais textos do Concílio, seja na própria compreensão da Igreja, seja na relação que ela estabelece com outras igrejas, com outras religiões e com a sociedade em geral. A avaliação positiva à liderança de Francisco é, contudo, contrabalanceada por resistências fortes, presentes em vários grupos, não somente dos que são considerados tradicionalistas, por não terem acolhido o Concílio, mas também entre membros do episcopado, entre padres, seminaristas. Além dessas resistências, muitas vozes se levantam para apontar os limites da própria ação de Francisco.

¹ Painel conduzido por Marcus Tullius Oliveira Neto, Coordenador Nacional da PASCOM da CNBB, membro do Serviço Teológico-Pastoral. Compuseram o painel: Priscila Cirino Teixeira, Edward Guimarães e Dom Joaquin Giovanni Mol Guimarães.

Pressupostos teológicos de Francisco sobre o lugar da mulher na Igreja

Priscila Cirino Teixeira¹

1. UM DOS LIMITES DA LIDERANÇA DE FRANCISCO, NA LEITURA FEITA POR MULHERES, DIZ RESPEITO À COMPREENSÃO QUE ELE TEM DA VOCAÇÃO, LUGAR E MISSÃO DA MULHER NA IGREJA. EM SUA OPINIÃO, ESSES LIMITES SE DEVEM MAIS À TEOLOGIA DE FRANCISCO OU ÀS RESISTÊNCIAS FORTES QUE SE ENCONTRAM NO SEIO DA INSTITUIÇÃO ECLESIAL?

Penso que os limites se devem aos dois fatores: tanto às resistências que o Papa vem enfrentando em seu pontificado, quanto à teologia de Francisco, especialmente no que se refere à sua compreensão do que é próprio da mulher, ou das mulheres (e, consequentemente, também sua compreensão do que seja próprio do homem, ou dos homens).

Para responder a essa questão, gostaria de destacar, primeiramente, os avanços neste terreno. Hoje, estamos falando de limites e resistências do/ao pontificado de Francisco, mas estivemos, nos dois dias anteriores do Colóquio, tratando dos avanços, que são certamente muito mais significativos do que os limites. Além disso, trata-se de um pontificado que ainda está acontecendo e, portanto, quero situar minha reflexão no horizonte da esperança de que ainda se caminhe no que atualmente vemos como falhas.

Tendo isso em conta, destaco que, nos primeiros anos do pontificado de Francisco, tivemos sinais muito positivos em relação à missão e ao lugar das mulheres na Igreja. Recordo alguns exemplos, que, na ocasião, geraram bastante entusiasmo, porque foram vistos como mudanças significativas e relevantes.

Já na *Evangelii Gaudium*, a primeira Exortação Apostólica de Francisco, publicada no primeiro ano do seu pontificado (2013), temos dois números em que o Papa fala sobre a necessidade de ampliar os espaços de atuação das mulheres na Igreja (FRANCISCO, 2013). Em um deles, lemos o seguinte:

Vejo, com prazer, como muitas mulheres partilham responsabilidades pastorais juntamente com os sacerdotes, contribuem para o acompanhamento de pessoas, famílias ou grupos e prestam novas contribuições para a reflexão teológica. *Mas ainda é preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja.* Por-

¹ Formada em comunicação, bacharel e mestre em teologia pela FAJE, doutoranda em teologia pela FAJE. Bolsista CAPES.

que ‘o gênio feminino é necessário em todas as expressões da vida social; por isso *deve ser garantida a presença das mulheres também no âmbito do trabalho*’ e nos vários lugares onde se tomam as decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais (EG 103, grifo meu).

Outro fato relevante foi a instituição, em agosto de 2016, da Comissão de Estudo sobre o Diaconato das Mulheres, em atenção ao pedido feito, em maio daquele ano, pela União Internacional das Superiores Gerais (UISG) (FRANCISCO, 2016). Essa decisão do Papa teve ampla repercussão e suscitou muita esperança de que fosse um passo para uma posterior abertura do ministério ordenado às mulheres.

Nesse mesmo ano, outra mudança realizada por Francisco passou quase despercebida, mas a considero de grande importância. Em junho de 2016, a celebração de Santa Maria Madalena foi elevada de memória a festa. A mudança no grau da celebração litúrgica é significativa, especialmente se nos atentamos para alguns detalhes presentes no decreto (CCDDS, 2016) que a instituiu e em um pequeno artigo, assinado pelo secretário Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, publicado juntamente com o decreto (ROCHE, 2016). Nesse artigo, foram corrigidos erros históricos que associaram equivocadamente Maria Madalena à pecadora de Lc 7, à mulher adúltera de Jo 8, e a Maria de Betânia. Além disso, o decreto retoma o título de Santa Maria Madalena como “apóstola dos apóstolos”, expressão incluída no prefácio próprio da missa de sua festa, que acontece no dia 22 de julho. No entanto, essa mudança ficou invisibilizada, como tantos outros fatos históricos que poderiam dar mais espaço e poder às mulheres na Igreja. Destaco esse fato porque não é pouca coisa equiparar liturgicamente Santa Maria Madalena aos apóstolos!

Assim, essas manifestações positivas foram progressivamente perdendo força. No caso da Comissão sobre o diaconato das mulheres, os trabalhos não conduziram a nenhum consenso e ela foi dissolvida em 2018. Nesse caso, vimos manifestada a influência das resistências de certos (ou muitos) setores eclesiais, dificultando que a questão pudesse efetivamente avançar. A informação de que a Comissão chegou a resultados inconclusivos, dada pelo Papa às superiores gerais, não caiu bem na UISG. Na reunião, realizada em maio de 2019, o Papa lhes disse: “Não posso fazer um decreto sacramental sem um fundamento teológico, histórico. Trabalhou-se o suficiente, mas é pouco: o resultado não é tão bom. Contudo é um passo em frente” (FRANCISCO, 2019). A notícia da inconformidade da maioria das superiores gerais com essa resposta do Papa teve pouquíssima divulgação na época.

O Sínodo Panamazônico trouxe novamente a questão para o debate eclesial e motivou a instituição de uma nova comissão sobre o mesmo tema. Essa segunda comissão foi nomeada em abril de 2020, mas sua primeira reunião aconteceu apenas em setembro de 2021! Atribuiu-se o atraso no início dos trabalhos à pandemia. Porém, muito se fez de modo remoto em 2020 e 2021. Por que não também essa reunião? De algum modo, podemos notar

aqui (e não somente) resistências a uma discussão sobre a atuação das mulheres na Igreja que realmente incida sobre práticas eclesiais concretas.

Mencionei o Sínodo Panamazônico e creio que aqui temos outro exemplo de como as resistências a mudanças estruturais poderiam estar influenciando as decisões do Papa Francisco. Na fase de consulta prévia ao Sínodo Panamazônico, foi solicitado o diaconato permanente para as mulheres (SGSB, 2019). O tema foi debatido, em alguma medida, durante o Sínodo e, em seu documento final, lemos: “é urgente que se promovam e confirmem ministérios para homens e mulheres de maneira equitativa para a Igreja na Amazônia” (SGSB, 2019, n. 95). E, finalmente, na *Exortação Querida Amazônia*, registrou-se o seguinte:

Numa Igreja sinodal, as mulheres, que de fato realizam um papel central nas comunidades amazônicas, deveriam poder ter acesso a funções e inclusive serviços eclesiais que não requeiram a Ordem sacra e permitam expressar melhor o seu lugar próprio. *Convém recordar que tais serviços implicam uma estabilidade, um reconhecimento público e um envio por parte do bispo.* Daqui resulta também que as mulheres tenham uma incidência real e efetiva na organização, nas decisões mais importantes e na guia das comunidades, mas sem deixar de o fazer no estilo próprio do seu perfil feminino (QA, n. 103, grifo meu).

Percebemos facilmente que aquilo que este número indica não chega nem perto do que nas consultas prévias se propunha e do que o próprio Sínodo pediu ao Papa, mas, ainda assim, haveria, a partir desse número de QA, possibilidade de avançar para ministérios instituídos para mulheres. Esse, porém, não foi o caminho tomado até agora.

Nesta trajetória, não podemos esquecer as nomeações de mulheres para altos cargos na Cúria Romana, mas falarei disso daqui a pouco. Antes gostaria de explicitar o que considero ser outro momento do pontificado de Francisco em relação às mulheres e que se relaciona com sua compreensão da nossa identidade e, consequentemente, do nosso lugar na Igreja e no mundo.

Parecia que, como em outros temas, o percurso rumo a uma maior participação das mulheres nas instâncias decisivas da Igreja e a uma revisão – inclusive teológica – sobre nossos direitos eclesiais ia se fazendo mais lento por causa das resistências de setores eclesiais. Era como se o Papa estivesse desacelerando o ritmo por prudência pastoral, para salvaguardar a comunhão eclesial (como vimos acontecer em outros assuntos). Entretanto, os últimos pronunciamentos de Francisco, infelizmente, apontam em outra direção.

Em quase todas as entrevistas concedidas pelo Papa ao longo de seu pontificado, surgia a pergunta sobre o papel e o lugar das mulheres na Igreja. Em geral, as respostas dadas por ele iam em duas direções: em relação à possibilidade do ministério ordenado para as mulheres, a questão está fechada (e aí Francisco remetia, geralmente, à formulação de João Paulo II,

tomando-a por definitiva); ao mesmo tempo, o Papa enfatizava a importância de ampliar a participação das mulheres nas instâncias de decisão eclesiais.

O que mudou então? Desde novembro do ano passado, para responder sobre o lugar das mulheres na Igreja, Francisco começou a invocar o princípio dual (para não dizer dualista) do ministério petrino e do ministério mariano na Igreja. De certo modo, algo dessa compreensão estava presente anteriormente, mas, nos últimos meses, ficou explícito e se tornou um argumento frequentemente repetido pelo Papa.

E, assim, chegamos ao tema da teologia de Francisco a esse respeito. Teologia que já estava naquele número da *Evangelii Gaudium* que foi tomado com grande entusiasmo, mas talvez preferimos fazer como que não víamos e enfatizar apenas uma parte do seu conteúdo. Até porque essa teologia não parecia ter tanta influência sobre o conjunto dos pronunciamentos e escritos do Papa Francisco. Agora, porém, já não é assim.

Para explicitar o assunto, recorro a um artigo da teóloga colombiana Isabel Corpas de Posada, no qual ela comenta o uso que o Papa Francisco tem feito desse duplo princípio (CORPAS DE POSADA, 2023). Segundo Posadas, o duplo princípio petrino-mariano foi proposto no século passado pelo teólogo alemão Hans Urs von Balthasar no âmbito do ecumenismo. Posteriormente, apareceu também (de modo não explícito, mas como pano de fundo de algumas afirmações), em 1974, na exortação apostólica *Marialis cultus*, de Paulo VI. Nessa exortação, o papel de Maria na Igreja é comparado ao exercido pelas mulheres nas famílias: Deus

colocou na sua família – a Igreja – como em todo e qualquer lar doméstico, a figura de uma mulher, que, escondidamente e em espírito de serviço, vela pelo seu bem e ‘benignamente’ protege, na sua caminhada em direção à Pátria, até que chegue o dia glorioso do Senhor (PAULO VI, 1974).

Paulo VI retomou a afirmação de von Balthasar segundo a qual “o elemento mariano governa escondidamente na Igreja, como a mulher no lar doméstico”. Atentemos, portanto, para o fato de que o princípio mariano prevê uma caracterização materna e doméstica do papel das mulheres.

Na esteira dessa abordagem, em entrevista concedida em março deste ano, assim como o fez em outros pronunciamentos, o Papa Francisco afirmou: “o princípio petrino é o disciplinar, o do governo, mais hierárquico – diácono, sacerdote, bispo, etc. – e o princípio maternal, o da contenção da Igreja, da comunidade, que se chama princípio mariano” (FRANCISCO, apud DIEZ, 2023, 36min19s).

Podemos apontar uma série de problemas nessa compreensão. O primeiro deles – sobre o qual não me deterei – é que nem toda mulher é mãe, nem toda mulher pode ser mãe, nem toda mulher quer ser mãe. Associar o papel da mulher na Igreja à maternidade é extremamente limitante, ainda que associando tal lugar ao de Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe.

Como disse antes, essa ideia já estava, de algum modo, expressa na *Evangelii Gaudium*² e voltou a aparecer em *Querida Amazônia*³. Não era, no entanto, o argumento ao qual o Papa costumava dar maior ênfase.

A visão antropológica que rege esse princípio dos ministérios petrino e mariano é a chamada antropologia da complementaridade, que

eleva a diferença sexual a um princípio ontológico que divide a raça humana em dois tipos de pessoas radicalmente diferentes: homens que têm natureza masculina e mulheres que têm natureza feminina. Cada tipo vem equipado com um conjunto essencialmente distinto de características (JOHNSON, 2006, p. 74).

Essa perspectiva antropológica é bastante difundida na Igreja e orienta muitas afirmações teológicas, eclesiológicas e pastorais, seja em versões mais explícitas e facilmente criticáveis (como, por exemplo, a que afirma a submissão da mulher ao homem na vida doméstica e eclesial, invocando textos do *corpus* paulino), seja em suas versões simpáticas e ternas, agradáveis e adocicadas, com adornos e elogios vários a nós mulheres (como são as afirmações do Papa).

Na mesma entrevista, Francisco dá seguimento à sua argumentação:

a Igreja é mulher, está sob o princípio mariano, que é muito mais importante; uma mulher na Igreja é muito mais importante que um padre porque o princípio mariano abrange tudo e toca a feminilidade da Igreja. Hierarquicamente, um padre é mais importante que a mulher, mas porque há uma hierarquização do ministério (FRANCISCO, apud DIEZ, 2023, 36min39s a 36min59s).

2 “A Igreja reconhece a indispensável contribuição da mulher na sociedade, com *uma sensibilidade, uma intuição e certas capacidades peculiares*, que habitualmente são mais próprias das mulheres que dos homens. *Por exemplo, a especial solicitude feminina pelos outros, que se exprime de modo particular, mas não exclusivamente, na maternidade*” (EG, n. 103, grifo meu). “As reivindicações dos legítimos direitos das mulheres, a partir da firme convicção de que homens e mulheres têm a mesma dignidade, colocam à Igreja questões profundas que a desafiam e não se podem iludir superficialmente. *O sacerdócio reservado aos homens, como sinal de Cristo Esposo que Se entrega na Eucaristia, é uma questão que não se põe em discussão*, mas pode tornar-se particularmente controversa se se identifica demasiado a potestade sacramental com o poder” (EG, n. 104, grifo meu).

3 “Jesus Cristo apresenta-Se como Esposo da comunidade que celebra a Eucaristia, através da figura de um varão que a ela preside como sinal do único Sacerdote. Este diálogo entre o Esposo e a esposa que se eleva na adoração e santifica a comunidade não deveria fechar-nos em concepções parciais sobre o poder na Igreja. Porque o Senhor quis manifestar o seu poder e o seu amor através de dois rostos humanos: o de seu divino Filho feito homem e o de uma criatura que é mulher, Maria. *As mulheres prestam à Igreja a sua contribuição segundo o modo que lhes é próprio* e prolongando a força e a ternura de Maria, a Mãe. Deste modo não nos limitamos a uma impostação funcional, mas entramos na estrutura íntima da Igreja. Assim compreendemos radicalmente por que, sem as mulheres, ela se desmorona, como teriam caído aos pedaços muitas comunidades da Amazônia se não estivessem lá as mulheres, sustentando-as, conservando-as e cuidando delas. Isto mostra qual é o seu poder característico” (QA, n. 101, grifo meu).

O Pontífice, então, conclui: “Os homens têm a linha ministerial. As mulheres, a maternal. Teologicamente, se você me perguntar, quem é mais importante, Maria ou São Pedro, os apóstolos? Com certeza Maria. Certamente! É mais importante porque é figura da Igreja nessa linha não ministerial, mas eclesial” (FRANCISCO apud, DIEZ, 2023, 37min01s a 37min24s).

Essas afirmações chegam a soar ofensivas! Afinal, nós mulheres não estamos reivindicando ser mais importantes simbolicamente ou misticamente (em um sentido um tanto quanto distorcido de “mística”). Estamos reivindicando igualdade de direitos e de deveres (porque habitualmente o que acontece é que temos mais deveres e menos direitos!). Estamos clamando pelo reconhecimento de nossa dignidade batismal e de nosso ser plenamente humanas, em lugar de sermos consideradas como humanas de segundo nível, porque incapazes de representar sacramentalmente a Cristo e de pastorear adequadamente o povo de Deus!

O princípio dos ministérios petrino e mariano, assim como a antropologia da complementaridade que o sustenta e respalda, é um modo de perpetuação do patriarcado na Igreja Católica. Como afirmaram várias teólogas nos últimos meses, esse duplo princípio ministerial expressa uma ideologia e uma retórica da diferença sexual e da diferença de gênero que já foi desmascarada como um dos disfarces e das camuflagens atualmente adotadas para manter privilégios patriarcais (cf. PERRONI, 2022; MCELLWEE, 2023). Retórica e ideologia essas presente em grandes empresas, na política e em vários estratos da sociedade e, infelizmente, presente também na nossa Igreja, do Papa Francisco a rodas de conversa de gente com mentalidade aberta e com uma teologia muito progressista!

O patriarcado, como todo sistema opressor, se reinventa para continuar existindo. Assim é na sociedade em geral. Assim é também na Igreja Católica, que é certamente o maior patriarcado do Ocidente na atualidade. Neste novo modo patriarcal em que estamos vivendo, as mulheres são extremamente louvadas e elogiadas. Nossas incontáveis qualidades são exaltadas com grande frequência. Toda essa exaltação e louvor, porém, repercute em um quase nada de mudanças estruturais e de verdadeira igualdade de direitos e deveres. Apenas algumas poucas mulheres – e isso é também parte da estratégia desse modo patriarcal relativamente camuflado – são premiadas com cargos de liderança. Isso vemos em empresas, isso vemos na política, isso vemos na Cúria Romana.

A esse modo de elevação de mulheres – cuidadosamente selecionadas – a cargos de poder ou a lugares de destaque social, eu chamo “política do estandarte”: algumas mulheres são ali colocadas, bem visíveis, para que se perceba que “sim, aqui há mulheres e elas têm poder!”. Não sou totalmente contra a política do estandarte em todas as suas variadas manifestações. Eu mesma ocupo com bastante frequência esse lugar de “estandarte”. No entanto, faço aqui o contraponto de que esse tipo de ação pode ser apenas um modo de acalmar consciências um pouco mais inquietas. Considero que tal maneira de atuar pode ser valorizada como um passo – ainda que insuficiente – para mudanças efetivas e estruturais no nosso modo de ser Igreja e de compreender a igualdade entre mulheres e homens. Porém, muitas vezes não é

esse o objetivo de tais ações. Em várias circunstâncias, se não na maioria delas, trata-se apenas de sossegar os ânimos e diminuir o peso do clamor por mudanças estruturais.

Para ir finalizando, voltemos, com as palavras da biblista italiana Marinella Perroni, ao uso que o Papa tem feito do princípio do duplo ministério.:

Francisco tem dificuldade em se libertar da visão patriarcal que obriga masculino e feminino a um esquematismo que não se torna menos perigoso quando Pedro e Maria se estabelecem como figuras simbólicas de referência e se reserva a Pedro, isto é, aos homens, o ministério da autoridade, e a Maria, isto é, às mulheres, o carisma do amor (PERRONI, 2022).

Ressaltando os perigos dessa perspectiva teológica, Perroni acrescenta que é

completamente claro que formas de exaltação mística do feminino são diretamente proporcionais à recusa de reconhecimento público da autoridade das mulheres. [...] O princípio mariano-petrino que garante a preservação de estereótipos doutrinários, arranjos institucionais, práticas devocionais, revela [assim] toda a sua fragilidade (PERRONI, 2022).

Com base nessa fundamentação estereotipada dos lugares e dos papéis de mulheres e homens na Igreja Católica, fundamentada na antropologia da complementaridade, o Papa Francisco afirmou categoricamente, nos últimos meses, que o acesso das mulheres ao ministério ordenado está fora de discussão. E o fez já não referindo-se às afirmações de seus predecessores Paulo VI e João Paulo II, mas com essa “nova” roupagem simbólica e teológica que tende a ter grande influência em muitos segmentos da Igreja. Com isso, infelizmente, indica-se para as mulheres um campo de atuação restrito. Mais vasto que antes, mas não deixa de ser muito limitado, com menos possibilidades do que o campo de ação e de missão dos homens dentro da Igreja e – mais grave ainda – os limites desse campo continuam sendo definidos exclusivamente por homens.

2 QUE CAMINHOS PENSARIA SEREM NECESSÁRIOS PERCORRER PARA QUE A DIGNIDADE DA MULHER, QUE, SEGUNDO A TEOLOGIA DA *LUMEN GENTIUM*, É A MESMA DE TODOS OS FIÉIS, A SABER, A QUE É DADA PELO BATISMO, POSSA SER RECONHECIDA, VALORIZADA NA PERSPECTIVA DO CAMINHAR JUNTOS PROPOSTA PELO MESMO PONTÍFICE NO ATUAL CAMINHO SINODAL? COMO IMAGINA OS DESDOBRAMENTOS DO SÍNODO SOBRE A SINODALIDADE, NO QUAL VÃO PARTICIPAR HOMENS E MULHERES COM DIREITO A VOZ E VOTO?

Em primeiro lugar, penso que a discussão não deveria ser sempre sobre ministério ordenado e digo isso com consciência de que eu mesma me centrei bastante nesse aspecto na resposta anterior. Por que, então, continuamos batendo nessa tecla? Porque a liderança real

e efetiva da Igreja, em suas várias instâncias, só pode ser exercida por ministros ordenados. Essa é a lei que temos, é o modo como a Igreja está organizada institucionalmente. Se isso mudasse, talvez a discussão sobre os espaços da mulher na Igreja estaria vinculada a outras pautas. Penso que avançaríamos muito se dissociássemos liderança e cargos diretivos e de decisão na Igreja do ministério ordenado como requisito obrigatório para o seu exercício. Há diversos postos dentro da Igreja que poderiam perfeitamente ser ocupados por pessoas não ordenadas, sejam mulheres ou homens. Pessoas que estão, inclusive, mais bem preparadas para esses cargos, que têm uma formação mais adequada para exercer determinadas funções. O próprio Papa está fazendo um movimento nesse sentido em algumas nomeações. Francisco fala muito sobre o clericalismo como um dos grandes males da Igreja. Desclericalizar a Igreja passa também por essa desvinculação entre exercício da autoridade e ministério ordenado.

Por outro lado, é preciso continuar discutindo e pensando, em perspectiva teológica e pastoral, a questão do ministério ordenado: o significado desse ministério, seus critérios vocacionais etc. É urgente também pensarmos a possibilidade de que sejam instituídos outros ministérios, com seu reconhecimento e seus ritos próprios. Isso certamente daria novo vigor ao modo de governo e de liderança da Igreja. A esse respeito, alguns pequenos passos foram dados: em 2021, Francisco fez mudanças na lei da Igreja para permitir que as mulheres fossem formalmente instituídas nos ministérios do leitorado e do acolitado (FRANCISCO, 2021a), assim como estabeleceu o ministério de catequista, aberto a homens e mulheres (FRANCISCO, 2021b).

Finalmente, em relação ao Sínodo e às mudanças no quadro de participantes com direito a voto, é certamente um bom sinal! Teremos mulheres – leigas e consagradas – votando no Sínodo. Teremos homens leigos e presbíteros votando. Essa e outras medidas adotadas pelo Papa Francisco são, sem dúvida, motivos de esperança. Ainda é pouco, mas já é algo. É sinal de que estamos a caminho. Esses avanços, porém, não podem nos fazer fechar os olhos para os limites que aponte antes.

BIBLIOGRAFIA

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS (CCDDS). *Decreto: a memória litúrgica de Santa Maria Madalena elevada ao grau de festa no Calendário Romano Geral*. Roma, 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/sanctae-m-madalenae-decretum_po.pdf. Acesso em: 9 maio 2023.

CORPAS DE POSADA, Isabel. Con todo respeto, Papa Francisco, pero... *Vida Nueva Digital*. Blog “Mirada de Mujer”, 19 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.vidanuevadigital.com/blog/con-todo-respeto-papa-francisco-pero-isabel-corpas/>. Acesso em: 12 maio de 2023

DIEZ. *10 años de pontificado: el Papa Francisco mano a mano con Jorge Fontevicchia*. 2023. Vídeo Youtube (2h24min25). Publicado pelo canal Perfil: Periodismo puro em tempo real. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=19wllrs4jx4>. Acesso em: 21 jul. 2023.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Roma, 2013a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 9 maio 2023.

FRANCISCO. *Diálogo do Papa Francisco com as participantes na plenária da União Internacional das Superioras Gerais* (UISG). Vaticano, 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2016/may/documents/papa-francesco_20160512_uisg.html. Acesso em: 9 maio 2023.

FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco às participantes na XXI Assembleia Plenária da União Internacional das Superioras Gerais* (UISG). Vaticano, 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190510_uisg.html. Acesso em: 9 maio 2023.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia*. Roma, 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html. Acesso em: 12 maio 2023.

FRANCISCO. *Carta Apostólica sob forma de Motu proprio Spiritus Domini*. Roma, 2021a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210110_spiritus-domini.html. Acesso: 21 jul. 2023.

FRANCISCO. *Carta Apostólica sob forma de Motu proprio Antiquum Ministerium*. Roma, 2021b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210510_antiquum-ministerium.html. Acesso: 21 jul. 2023.

JOHNSON, Elizabeth. *Nossa verdadeira irmã: teologia de Maria na comunhão dos santos*. São Paulo: Loyola, 2006.

ROCHE, Artur. *Apostolorum apostola*. Roma: CCDD, 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20160610_articolo-roche-maddale-na_po.html. Acesso em: 9 maio 2023

PAULO VI. *Exortação Apostólica Marialis cultus*. Roma, 1974. Introdução. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html. Acesso em: 21 jul. 2023.

PERRONI, Marinella. O duplo princípio. Aquele mariano e petrino: vamos falar sobre isso. *Donne Chiesa Mondo*, dez. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/624578> Acesso em: 12 maio 2023.

SECRETARIA GERAL SÍNODO DOS BISPOS (SGSB). Documento final da Assembleia Especial para a região Panamazônica. Vaticano, 2019. n. 103. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_sinodo-amazonia_po.html. Acesso em: 12 maio 2023.

Clericalismo, relevância ou irrelevância da Igreja, reforma do Código do Direito canônico

Edward Guimarães¹

1 O PAPA FRANCISCO TEM “BATIDO FORTE” NA MENTALIDADE “CLERICALISTA”, PRESENTE NÃO SÓ NO MEIO DOS MINISTROS ORDENADOS, MAS TAMBÉM NA CABEÇA, COMPORTAMENTO E MODO DE PROCEDER DE MUITOS FIÉIS LEIGOS E LEIGAS. EM SUA OPINIÃO, É SUFICIENTE A CRÍTICA CONTUNDENTE DO PAPA, DIANTE DE UM CLERICALISMO QUE PARECE CRESCER, PODENDO INVIABILIZAR AS REFORMAS PROPOSTAS PELO MESMO PONTÍFICE?

Estou entre aqueles que acolhem, avaliam muito positivamente e reconhecem que o magistério do “Papa que veio do fim do mundo”, desde a sua primeira hora, vem sendo uma grata surpresa do Espírito Santo e vem impulsionando uma autêntica primavera na Igreja de Cristo. Primeiro, por decididamente recuperar e retomar, depois de um longo inverno de resistências, silenciamentos e tentativas de paralização, o espírito reformador e o dinamismo renovador, bem como as chaves teológico-pastorais estruturantes da eclesiologia do Concílio Vaticano II: a Igreja de Jesus Cristo é povo de Deus a caminho, confiante no Espírito Santo e em missão evangelizadora; uma Igreja aberta, auscultadora dos sinais do tempo e inserida no mundo, que, em cada contexto, se particulariza; uma Igreja que não teme se assumir necessitada de conversão e “semper reformanda”. Segundo, por promover, em outras bases, processos de escuta, de discernimento, de conversão a Deus e ao Evangelho e de reforma para que a Igreja seja fiel à sua missão no mundo contemporâneo.

Francisco, desde a sua *Evangelii gaudium*, assumiu com coragem profética que a Igreja precisa de voltar a Jesus Cristo e ao seu Evangelho do Reino, de assumir a sua dimensão social. Uma Igreja que precisa de mudar corajosamente para continuar a ser ela mesma; que não deve temer, sob pena de adoecer, o repensar, inclusive de suas próprias estruturas, na busca de ser fiel à sua missão de ser sacramento do Reino de Deus no mundo, no contexto e no tempo do seu testemunho de fé e do anúncio do Evangelho de Jesus.

Nesse sentido, consideramos fundamental, mas não suficiente, as críticas do papa Francisco ao clericalismo na Igreja, o que ele chama de “câncer na vida da Igreja”. Esta crítica contundente de Francisco é fundamental, pois coloca o dedo na ferida, ao apontar com clareza o que tem adoecido as relações eclesiais e impedido a fidelidade da Igreja ao Evangelho. O clericalismo é a doença grave no exercício do poder, tanto nas relações internas quanto nas relações da Igreja com a sociedade. Por se tratar de uma tentação constante na vida humana,

1 Mestre em teologia (FAJE) e doutor em Ciências da Religião (PUC Minas), professor na PUC Minas, membro do Grupo de Pesquisa Teologia e Pastoral e Serviço Teológico-Pastoral.

ela já tinha se manifestado entre os apóstolos de Jesus. O clericalismo impede a fratersororidade ao favorecer relações de dominação de uns sobre os outros, relações de abuso moral e sexual. As denúncias de Francisco são muito importantes, mas não suficiente porque, se por um lado elas oferecem um diagnóstico e um reconhecimento do problema, elas não têm o poder de eliminar por decreto esta tão grave doença, enraizada na vida da Igreja. Por isso, o Papa Francisco não tem ficado apenas na denúncia firme do clericalismo, ele está impulsionando processos coletivos de escuta, discernimento e conversão: encíclicas, exortações, reflexões teológicas, conferências, sínodos e um intrépido processo de conversão. Há muitas resistências entre os cardeais, bispos, presbíteros, seminaristas, religiosos e religiosas, leigos e leigas.

Será preciso uma nova teologia do sacramento da ordem capaz de recuperar a centralidade do batismo, uma nova mentalidade eclesial capaz de assumir o desafio de caminhar juntos e uma reforma profunda de estruturas eclesiais que há tempos já não respondem ao desafio de evangelizar. Acontece que se trata de uma hercúlea tarefa coletiva, de uma árdua e longa construção histórica, de uma realidade que ultrapassa as possibilidades e os limites do magistério do bispo de Roma.

2 NOS ÚLTIMOS TEMPOS TEM SE FALADO MUITO SOBRE A RELEVÂNCIA OU A IRRELEVÂNCIA DA IGREJA CATÓLICA HOJE: HÁ QUEM SOFRE COM UM SAUDOSISMO MEDIEVAL, HÁ QUEM SOFRE COM UM SAUDOSISMO PÓS-CONCILIAR. CONTUDO, O PROBLEMA CENTRAL NÃO É RELEVÂNCIA OU IRRELEVÂNCIA, MAS MUDANÇA: A IGREJA CATÓLICA NÃO É MAIS A ÚNICA VOZ COMPROMETIDA COM A PROMOÇÃO HUMANA E A DEFESA DA VIDA. HOJE, A IGREJA CATÓLICA É UMA ENTRE TANTAS VOZES. COMO PROPOR A PASTORAL EM UMA SOCIEDADE PLURAL COMO A HODIERNA?

O pluralismo cultural e religioso não é uma ameaça ao cristianismo ou a qualquer outra tradição religiosa ou cultural. Ao contrário, há teólogos, cientistas da religião, antropólogos, sociólogos, psicólogos que consideram o pluralismo uma oportunidade. O pluralismo cultural e religioso é hoje um fato, uma realidade visível, uma experiência cotidiana das pessoas em cada país, cidade, bairro, família. Mas também no seio de cada religião. No caso da Igreja católica, em cada diocese, paróquia, comunidade não é diferente: o pluralismo de mentalidades e concepções está presente. Cada vez mais o pluralismo vai sendo percebido e acolhido como uma realidade que faz parte intrínseca da condição humana.

A Igreja Católica, que durante muito tempo, foi um centro de irradiação sociopolítica decisivo tanto da moralidade quanto da fonte dos critérios de avaliação ética dos costumes culturais, hoje é uma denominação cristã entre as diversas outras e o cristianismo é uma tradição religiosa entre as outras, no seio de sociedades cada vez mais secularizadas, pelo menos do ponto de vista da relevância do religioso como determinante dos costumes socioculturais. Ela é uma voz no meio da multidão de outras vozes. A palavra de um papa, um bispo, um presbítero, um diácono, um religioso ou religiosa, um cristão leigo é uma entre outras na

sociedade, nas famílias e inclusive no seio da própria Igreja católica. Nas últimas décadas, a crescente revolução da subjetividade despertou a autonomia das pessoas em geral e simultaneamente dos fiéis de cada tradição religiosa. A palavra da Igreja Católica não tem mais, pelo menos como já foi em tempos passados no Ocidente, a força de veicular a verdade ou a legitimidade de uma prática sociocultural.

Isto posto, podemos dizer que a Igreja Católica, como qualquer outra tradição cultural ou religiosa é chamada a propor caminhos a seguir, oferecer testemunhos de lucidez ou a beleza de assumir valores éticos humanistas universalizáveis, tanto para as pessoas em geral quanto, e sobretudo, para seus membros, mas sem a pretensão de substituir a instância maior da consciência de cada pessoa. Hoje, mais do que em qualquer outra época, cada pessoa é despertada para o seu ser sujeito e passar a zelar e mesmo exigir o respeito à sua individualidade, ao seu direito de divergir. As pessoas, cada vez menos, temem a mudança em seus costumes ou vínculos de trabalho, de casamento, de adesão religiosa, de ideologia política, quando os percebem sem significação para suas vidas.

Neste contexto contemporâneo, de uma sociedade cada vez mais urbana, tecnológica, internética, mas também profundamente desigual e indiferente ao “grito da terra, grito dos pobres”, a Igreja católica é chamada a reconhecer a força do testemunho coerente como muito mais decisiva do que a das afirmações dogmáticas de sua doutrina. O Evangelho continua a exercer sua força atrativa e a provocar conversão e adesão à vida nova, centrada no amar, cuidar e servir, na liberdade responsável dos filhos e filhas de Deus, mas sem qualquer imposição moralizante. No nosso modo de compreender, o decisivo na ação pastoral no contexto contemporânea está na aproximação, na postura de escuta, de diálogo e de acolhida, e no testemunho coerente dos valores do Evangelho e da alegria da vida nova que brota de quem aderiu ao seguimento de Jesus.

Nesse sentido, o Papa Francisco tem sido acolhido como uma liderança importante no contexto geopolítico internacional, quando ele se posiciona em relação aos conflitos entre países, às guerras, à situação dramática dos refugiados e migrantes, aos excluídos da dignidade humana (povos originários, LGBTQIA+ etc.), aos grandes desafios socioambientais. E, paradoxalmente, encontra maior resistência ao seu testemunho no seio da Igreja Católica.

3 ALGUNS PENSAM QUE DE NADA ADIANTAM OS BELOS TEXTOS DO PAPA SE NÃO HÁ UMA MUDANÇA NA ESTRUTURA DA INSTITUIÇÃO, QUE É ASSEGURADA DO PONTO DE VISTA LEGAL PELO CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. QUE ELEMENTOS VOCÊ ACREDITA NECESSITAM SER DE FATO MODIFICADOS PARA QUE A REFORMA DE FRANCISCO TENHA UM SUPORTE INSTITUCIONAL DIFERENTE DO QUE É DADO PELO ATUAL CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO?

Por mais que confiemos que é o Espírito Santo que conduz a Igreja, na força do Evangelho de Jesus e que a proposição de ideias e reflexões teológico pastorais, de utopias e

esperanças factíveis, feitas pelo Papa Francisco, é muito importante lembrar – afinal o bispo de Roma tem uma posição singular e significativa na vida da Igreja – que a dimensão prática no funcionamento da vida da Igreja é balizada pela tradição viva e, sobretudo, pelas suas leis consignadas no Direito Canônico. Por isso, a sustentabilidade de mudanças encetadas na estrutura da Igreja passa por mudanças que sejam assumidas no Direito Canônico, daí a importância dos processos de escuta e discernimento participativo em todas as instâncias da vida eclesial, como Francisco vem fazendo, por exemplo, nos sínodos da Amazônia, sobre a família e, agora, sobre a sinodalidade na Igreja.

Penso que o Direito Canônico precisa ser mais conhecido pelos cristãos católicos, e se transformar em objeto de análise teológico-pastoral, e estar em sintonia com o que vem sendo discutido, no repensar a concepção dos ministros ordenados, os novos ministérios do laicato numa Igreja toda ministerial, participativa e sinodal, a centralidade da Palavra e do sacramento do Batismo etc.

Quero terminar com uma prece a Deus pela saúde do papa Francisco e pelo discernimento dos sinais do tempo, pedindo a Ele para todos nós o dom da coragem dos profetas e da fidelidade ao Evangelho.

Cismas, relevância ou irrelevância da Igreja, reforma do Código do Direito Canônico

Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães¹

INTRODUÇÃO

Muitos intérpretes do pontificado de Francisco acreditam que ele abriu uma nova etapa na recepção do Concílio Vaticano II, implementando reformas importantes no conjunto da Igreja, em fidelidade criativa aos principais textos do Concílio, seja na própria compreensão da Igreja, seja na relação que ela estabelece com outras igrejas, com outras religiões e com a sociedade em geral. A avaliação positiva à liderança de Francisco é, contudo, contrabalanceada por resistências fortes, presentes em vários grupos, não somente dos que são considerados tradicionalistas, por não terem acolhido o Concílio, mas também entre membros do episcopado, entre padres, seminaristas. Além dessas resistências, muitas vozes se levantam para apontar os limites da própria ação de Francisco.

1. O SENHOR TEM FALADO EM VÁRIAS OCASIÕES DE UM “CISMA SILENCIOSO” NA IGREJA, EM PARTE REFERINDO-SE À NÃO RECEPÇÃO DE ELEMENTOS IMPORTANTES DO CONCÍLIO, EM PARTE REFERINDO-SE À NÃO RECEPÇÃO AO MAGISTÉRIO E ÀS ORIENTAÇÕES DO ATUAL PONTIFICADO. PODERIA APONTAR ONDE SE ENCONTRAM AS PRINCIPAIS RESISTÊNCIAS À ATUAL LIDERANÇA DE FRANCISCO NA IGREJA EM GERAL E, SOBRETUDO, NA IGREJA DO BRASIL, NO SEIO DO EPISCOPADO, ENTRE PRESBÍTEROS, SEMINARISTAS, MOVIMENTOS E GRUPOS DIVERSOS NA IGREJA? A QUE ATRIBUI TAIS RESISTÊNCIAS?

Obrigado às instituições de ensino da filosofia e da teologia em Belo Horizonte: a Faculdade dos Jesuítas, o Instituto Santo Tomás de Aquino e o Instituto de Filosofia e Teologia da PUC Minas, que têm contribuído decisivamente para o desenvolvimento da reflexão e dos estudos teológicos, como é o caso deste Colóquio de Teologia Pastoral. Não fossem iniciativas como esta, certamente a fraqueza teológica abriria ainda mais espaço para o conservadorismo presente nas Igrejas locais. Cumprimento os professores e professoras de teologia presentes a este Colóquio e a cada um deles agradeço o inestimável e qualificado serviço que prestam, ousando ajudar a pensar, esticando horizontes (poeta Manoel de Barros), a partir da fé cristã, hoje desafiada de tantas formas diferentes, em um tempo em que fundamentalistas católicos teimam em encurtar horizontes. Por fim, o meu abraço aos estudantes presentes. Confesso que a presença de vocês, assim como a ausência de muitos de seus colegas é uma

1 Mestre em teologia pela FAJE, bispo auxiliar de Belo Horizonte.

grave declaração pessoal de que pensar teológica e pastoralmente importa para vocês, felizmente, e desimporta para muitos, lamentavelmente.

O assunto escolhido é mais do que um assunto, é uma realidade viva, em curso: resistências à liderança do Papa Francisco e limites ao seu pontificado. Isso está acontecendo não somente nas disputas palacianas e curiais (embora haja melhoras), mas aqui em nosso país, tanto por parte de membros da Igreja, ordenados e leigos, e de pessoas e grupos com os mais variados interesses.

Como outros analistas, tenho utilizado a palavra “cisma” para explicar parte significativa das resistências ao Papa Francisco e tudo o que ele significa no presente momento de Igreja e de mundo. Cisma designa a recusa de submeter-se ao Papa ou de integrar-se na comunidade de membros da Igreja reunidos sob a sua autoridade (CDC 751). Os cismáticos são punidos com a excomunhão e essa é a maior penalidade (CDC 1364). Se pensamos conceitualmente, cisma, heresia e apostasia são conceitos que de certa forma se implicam. A partir do século XII o cisma foi entendido como um dano à unidade do conjunto da Igreja, tornando determinante o vínculo com o Papa.

Vivemos um momento dramático na Igreja, é verdade, porque ela está dando passos de renovação, em um processo de atualização do que disse o Concílio Vaticano II, quando já se esperava ver sepultados muitos pontos da doutrina conciliar e porque esse processo está sendo conduzido pelo Papa Francisco, jesuíta, latino-americano, idoso-experimentado-sábio-pobre, atuante de uma forma única de ser Papa.

É também um momento dramático porque atualizar o Vaticano II significa rever a Igreja em sua estrutura organizativa, a cúria romana e as Igrejas locais.

Por fim, é dramático porque, bem sabemos, a Igreja se reforma pela Palavra e é a Palavra que o Papa Francisco injeta nas principais veias do corpo eclesial, para que a Igreja seja capaz de rerepresentar Deus ao mundo, às pessoas, às comunidades, à sociedade e ao planeta: Francisco redesenha a Igreja na *Evangelii gaudium*; envolve todos os terráqueos pela *Laudato Si*; anuncia um Deus inédito ao coração das pessoas, além das religiões, dando-lhe o nome de misericórdia; exorta a todos os membros dos movimentos populares, a quem chama de poetas sociais, a lutar e não apenas reivindicar um novo mundo possível; reforma a cúria romana e põe todo mundo para trabalhar a serviço das Igrejas locais e a dar testemunho de vida cristã; derruba uma doutrina secular, o número 2266 do Catecismo, que concordava com a pena de morte em determinada circunstância; determina relações de amor nas famílias, inclusivas, na *Amoris laetitia*; convoca fortemente a velha Europa, para partir, libertar-se, pôr-se em saída do velhíssimo regime de cristandade, completamente extemporâneo e incapaz de falar aos homens e mulheres de hoje; Na *Christus vivit*, manda os jovens fazerem a revolução do amor; está ressignificando plenamente a prática dos sínodos para que a Igreja seja sinodal, recupere o sentido da comunhão, da participação, e da missão; provoca fortemente os países em favor de uma revolução dos ordenamentos que excluem milhões de seres humanos e da economia

que mata; sonha com uma Igreja pobre para os pobres (e assim faz entender que o caminho de todos é o caminho dos pobres). Os elementos não se esgotam nessa lista.

O momento dramático vivido pela Igreja é *necessariamente* dramático. Nunca um Papa mexeu, em tão pouco tempo, com tantos aspectos constitutivos da Igreja de Jesus, concomitantemente, com espírito livre, em Cristo! É o vento impetuoso, puro, do Espírito, que tudo renova e vivifica.

Ninguém fica ileso a tal movimento. Há os que têm andado, *pari passu* com o Papa Francisco, e no caminho andado todos têm sido orvalhados com a alegria do Evangelho, numa espécie de primavera eclesial em visível contraste com o longo e rigoroso inverno em que a Igreja se encontrava já há algumas décadas. Essa umectação é a espiritualidade que recentraliza Jesus Cristo, que a tudo transforma pelo mistério da encarnação, no nascimento em uma manjedoura, cuja madeira já evoca o madeiro da cruz e prepara a ressurreição, depois de ter anunciado o Reino de Deus, que deve encontrar na Igreja a sua mais bela versão.

Como ninguém fica ileso, há os que resistem, se opõem e declaram suas discordâncias, recusas e até tramam contra o Papa Francisco. Há os que, contra todo o ensinamento da Igreja, de modo violento, difamatório, explosivo atacam o Papa, rejeitam seu magistério, abominam suas orientações, sobretudo aquelas que exigem dos cristãos católicos, a coerência de vida, para que eles se conformem com a fé cristã. Nunca ficou tão fácil identificar quem está na Igreja com Pedro e sob Pedro. Não são muitos os que estão contra, mas são contundentes, alguns nitidamente belicosos, incensadores do passado em nome da defesa da Tradição (segundo eles), que não necessita ser defendida porque, sendo a verdadeira Tradição algo vivo, ela perpassa a história e está sempre presente na Igreja. No Brasil, há pessoas de dentro e de fora da Igreja, de dentro e de fora da hierarquia, que se manifestam dessa forma, demonstrando suas insatisfações e falta de comunhão com o Papa Francisco na medida, por exemplo, que se recusam a seguir suas orientações.

Contudo, há também, talvez em maior número, os que praticam o chamado cisma silencioso. É aquele cisma dissimulado, praticado por pessoas dissimuladas, intelectualmente desonestas, revestidas de uma falsa espiritualidade e de defensores do que pensam ser a ortodoxia, quando na realidade defendem a “sua própria ortodoxia”, à revelia do magistério e da Tradição e, sobretudo, à revelia da Palavra de Deus.

Esses cismas silenciosos são de cinco tipos:

a) Cisma da resistência a mudanças, que mantém a evangelização na rotina pastoral ou no espontaneísmo pastoral, submetendo-a à agenda do pentecostalismo católico e recusando, há mais de meio século, o *aggiornamento* do Concílio Vaticano II, bem como o atualizado *aggiornamento* do Vaticano II no tempo presente.

b) Cisma da ideologização conservadora e seletiva da mensagem do Evangelho, à luz do liberalismo reacionário e impositivo, que considera ideologia a dimensão social da evangelização. É o cisma de categorias psicologizantes no uso terapêutico da fé, do pedantismo

arcaico e enfadonho, de gnosés modernas e alienantes, de esteticismo litúrgico-pastoral em contradição com o Belo. Tudo isso em detrimento da pastoral de conjunto, na companhia de Jesus Cristo, caminho para o Pai, na iluminação e na alegria do Espírito, cujo cerne é o Reino de Deus.

c) Cisma do funcionalismo que nega a dimensão missionária da ação pastoral, baseada no câncer do clericalismo tão arraigado na Igreja no Brasil, com vistas à abominável prática do carreirismo, com concentração de investimentos na formação clerical e poucos recursos na formação de leigos e leigas, mantendo-os sem a cidadania eclesial ou na infância cristã.

d) Cisma da autorreferencialidade, que torna superficial e autoritário o discurso da Igreja, que recusa a indispensável aptidão para a conversa, que se especializa mais em gestão do que em evangelização, que renuncia a companhia de líderes construtores da sociedade, que aguça o sabor amargo da neo-cristandade, indisposta ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso.

e) Cisma da pastoral de conservação, impeditiva da saída da Igreja, rumo às periferias, seletiva nas companhias, distante dos adolescentes e jovens, fragilizada na presença pública por meio das pastorais sociais, frequentemente vítimas do cancelamento, indiferente à Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, meramente formal na prática da sinodalidade por meio de conselho, diminuta nos serviços, horários e estruturas, cansada e desistente dos pobres e principalmente de suas lutas, satisfeita com multidões nos estádios e praças, descrente das comunidades, aversa a planejamento pastoral e ao pensamento crítico.

Esses cismáticos, assim caracterizados, encontram-se em meio a padres e bispos, cardeais e, também, diáconos; estão nos seminários e institutos de formação em filosofia e teologia (um dos grupos mais graves); em leigos clericalistas, nas redes sociais e em TVs de inspiração católica; em nichos poderosos da sociedade, compostos de elites, que não desejam uma fé operante, além do assistencialismo; em comunidades de vida religiosa consagrada; em movimentos pentecostais católicos e novas comunidades, a maioria de perfil carismático, conservador, reacionário.

2. NOS ÚLTIMOS TEMPOS TEM SE FALADO MUITO SOBRE A RELEVÂNCIA OU A IRRELEVÂNCIA DA IGREJA CATÓLICA HOJE: HÁ QUEM SOFRE COM UM SAUDOSISMO MEDIEVAL, HÁ QUEM SOFRE COM UM SAUDOSISMO PÓS-CONCILIAR. CONTUDO, O PROBLEMA CENTRAL NÃO É RELEVÂNCIA OU IRRELEVÂNCIA, MAS MUDANÇA: A IGREJA CATÓLICA NÃO É MAIS A ÚNICA VOZ COMPROMETIDA COM A PROMOÇÃO HUMANA E A DEFESA DA VIDA. HOJE, A IGREJA CATÓLICA É UMA ENTRE TANTAS VOZES. COMO PROPOR A PASTORAL EM UMA SOCIEDADE PLURAL COMO A HODIERNA?

O saudosismo é uma mácula da saudade. O saudosismo é uma afronta à saudade, que favorece a memória de pessoas, acontecimentos e modos de ser, como inspiração e como forma de gratidão. O saudosismo de tempos muito antigos, eclesialmente falando, pode levar as

peças e comunidades para a mentalidade medieval e os tempos medievais, para o período pré-conciliar, para os tempos tridentinos e não mais voltarem. Isso é uma desvirtualização da Igreja, porque ela deixa de ser contemporânea. Assim pode se dar quando o saudosismo desencaminha as pessoas para o passado recente, no primeiro período pós-conciliar. Ambas as situações, em graus e contextos diferentes, manifestam-se como uma esquizofrenia eclesial e, também, eclesiástica, que caracteriza um descolamento entre a Igreja, suas pessoas e ações, e a realidade. Uma perturbação pastoral que dificulta o desenvolvimento livre da ação evangelizadora, da liturgia, dos paramentos, do modo de pregar e vestir, o modo de testemunhar e organizar a vida comunitária.

É evidente que a Igreja tem um grave problema de linguagem, que necessita ser renovada, atualizada, considerando que linguagem é muito mais do que palavras. Mas o inédito é que os grupos conservadores da Igreja, concordando com a necessidade de mudança de linguagem, não tratam de exercitar mudanças profundas para tornar inteligível e viva a mensagem do evangelho, ao contrário, aproveitando a real necessidade de mudança, propõem a substituição da linguagem das comunidades e pastorais pela velha e antiga linguagem do passado, como se fossem novas: assim se reintroduzem linguagens, narrativas e práticas devocionistas. É o que acontece quando a vida em comunidade é desvalorizada mediante a acentuação do devocionismo, peregrinações, récitas do terço para todos os segmentos, adoração, novenas, escapulários e as mais variadas práticas de piedade e uma quantidade sem fim de *souvenirs* religiosos, dispostos à comercialização.

Quando pensamos que a sociedade contemporânea é totalmente pluralista e encontra-se às voltas com a cultura, a educação, a saúde pública, com constantes transformações no campo econômico, onde predomina a economia de mercado nos moldes capitalistas, em que o capital tem primazia sobre o trabalho; o mercado, sobre a pessoa; o agronegócio sobre o socioambiental; o econômico sobre o político; a degradação planetária sobre a casa comum. É a mesma sociedade que precisa investir no desenvolvimento das ciências; ela precisa cuidar da convivência pacífica entre as religiões e as religiões oferecerem práticas pacifistas para o mundo.

Quando pensamos que a sociedade, fragmentada, é composta pelo homem e pela mulher em meio a um constante turbilhão de exigências e dificuldades de todos os tipos, esfacelados, à procura, às vezes desesperada, de um respiro de vida, pensamos no que pode oferecer a fé cristã, o Evangelho de Jesus Cristo, a mensagem do Reino de Deus.

A sociedade passou a “consultar-se” pouco com a Igreja, à procura de “remédios” eficazes para o tecido humano, demonstrando a perda de relevância da Igreja. A sociedade não se interessa tanto pelo o que acontece na Igreja. O desinteresse da comunicação da sociedade em relação à igreja e aos seus temas e lutas, é quase total. A presença pública da Igreja é cada vez menor e irrelevante. Assim como, para as pessoas, a Igreja perde sua significância, porque ela não consegue oferecer sua mensagem como uma instância de sentido para as pessoas.

Não resolve muito dizer que há muitas pessoas, lugares, organizações que continuam considerando a relevância da Igreja e sua significação para as pessoas. O muito que ainda existe, está diminuindo, basta ver as estatísticas (que é algo sério) e analisar a realidade. É o efeito bolha: estando dentro delas não se percebem o que acontece fora dela.

A tarefa pastoral de hoje e a missão de evangelizar são descomuns, sem precedentes. Algumas orientações podem ser interessantes, tais como: transformar a pastoral e a evangelização de fato em uma proposta. Se conseguir “propor”, abre-se aos diálogos necessários para os aprofundamentos da fé. Propor uma evangelização a partir da vida como ela é, a vida pessoal, a vida comunitária e social e avançar a partir daí. Ao mesmo tempo cuidar das pessoas e das lutas na sociedade, sempre com afeto e uma crescente consciência crítica. Investir na qualificação da prática religiosa popular, de modo que ela seja expressão da fé do povo e represente uma Igreja em saída, não confinada em devocionismo. Ajudar a descobrir o sabor de conhecer a Jesus Cristo, a Palavra de Deus, a sociedade, o planeta, as pessoas. Conhecer liberta. Investir numa catequese narrativa para que ela se aproxime do estilo de Jesus. Fazer da liturgia não um exercício de leitura de palavras fiéis ao latim, mas experiência da presença do Senhor, próxima das culturas. Praticar a solidariedade no decorrer do ano e não somente em momentos específicos. Colocar no centro da espiritualidade pastoral a pessoa e anúncio de Jesus Cristo. Organizar comunidades eclesiais ambientais, ou seja, de acordo com o ambiente de vida dos vários segmentos de pessoas: favelados, povo da rua, universitários, indígenas etc.

3. ALGUNS PENSAM QUE DE NADA ADIANTAM OS BELOS TEXTOS DO PAPA SE NÃO HÁ UMA MUDANÇA NA ESTRUTURA DA INSTITUIÇÃO, QUE É ASSEGURADA DO PONTO DE VISTA LEGAL PELO CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO. QUE ELEMENTOS VOCÊ ACREDITA NECESSITAM SER DE FATO MODIFICADOS PARA QUE A REFORMA DE FRANCISCO TENHA UM SUPORTE INSTITUCIONAL DIFERENTE DO QUE É DADO PELO ATUAL CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO?

Direto ao ponto, enuncio alguns dos elementos rigorosamente necessários, levando em conta que ao falar da Igreja estamos falando de uma instituição e ao mesmo tempo de uma comunidade de fé.

a) É necessário reformar em profundidade os livros do próprio Código de Direito Canônico, não só em vista de novo suporte institucional, mas sobretudo para que ele seja expressão da Igreja no tempo que se chama hoje e possibilite nova organização institucional e novas formas de prática da justiça na Igreja, tendo como pilares a comunidade de fé, a centralidade do povo de Deus em suas múltiplas faces, o objetivo da Evangelização e a sinodalidade da Igreja.

b) Atuar firmemente nos seminários e casas de formação para padres e religiosos e religiosas de vida consagrada, objetivando clérigos (diáconos, presbíteros e bispos) e religiosos em sintonia com os sinais dos tempos de hoje e com uma nova Igreja que vai se desenhando,

uma Igreja em Saída para as periferias existenciais, sociais e ambientais. Talvez essa seja uma das principais e mais urgentes ações a serem feitas, já que se observa com facilidade que, em larga escala, os formados nos seminários de hoje não estão em sintonia com a Igreja de hoje e desde a formação inicial já se colocam contra, aberta ou dissimuladamente, à reforma da Igreja e ao seu reformador.

c) Insistir e encontrar novos métodos para cultivo de uma espiritualidade que mantenha Jesus Cristo e seu Evangelho no centro da vida, o Espírito como sopro constante a renovar a vida, colocada a caminho do Pai. Uma espiritualidade trinitária que resgate o valor central do Reino de Deus e que traga alegria ao amar e servir. Uma espiritualidade encarnada e bíblica.

d) Recuperar a comunidade eclesial, que é a base da Igreja, como elemento estruturante da vivência cristã. É nela que a fé cristã é vivida, que as pessoas expressam e celebram a sua fé, que praticam a missão, que testemunham a comunhão e realizam o serviço cotidiano aos pobres.

COMUNICAÇÕES

Comunicação e teologia em tempos de Francisco: Um novo paradigma

*Aline Amaro da Silva*¹

*João Pedro Flávio Viana Rodrigues*²

Resumo: O presente artigo reflete sobre dois sinais dos tempos que caracterizam a práxis católica na última década: o Papa Francisco e a comunicação digital. Relacionando informações destes acontecimentos, a pesquisa analisa os traços mais significativos do modelo comunicacional do Papa Francisco. O estudo serviu-se de pesquisa bibliográfica de autores que discorrem sobre as temáticas envolvidas e do magistério papal desenvolvido em dez anos de pontificado. A pesquisa demonstra que o Papa Francisco inaugurou um paradigma comunicacional na Igreja, iniciando uma teologia da comunicação própria.

Palavras-chave: Papa Francisco. Comunicação Digital. Teologia da Comunicação. Comunicação Eclesial.

INTRODUÇÃO

O estilo de comunicação do Papa Francisco tem características que surpreendem a muitos com ações naturais e cheias de significado. Sua primeira década de liderança pontifícia acontece no auge da popularização da internet na sociedade global. Diante deste cenário, o artigo que se segue busca aprofundar a reflexão sobre esses dois elementos marcantes no atual contexto da fé cristã: o Papa Francisco e a cultura digital. Com o objetivo de entender esses fenômenos como indicativos da época, que geram impactos significativos tanto na Igreja quanto na sociedade, a investigação destaca os traços do sistema simbólico-comunicativo do Papa Francisco. O estudo visa compreender como seu pontificado interagiu, resistiu e assimilou aspectos da cultura digital na prática católica.

Para tal, a pesquisa fez uso de revisão bibliográfica, englobando tanto autores que se dedicam ao estudo da intersecção entre teologia, comunicação e cultura digital, quanto documentos do magistério papal que expressam suas visões sobre a comunicação. A pesquisa questionou de que maneira o Papa Francisco transformou o pensamento e a prática

1 Aline Amaro da Silva é mestra e doutora em Teologia Sistemática pela PUCRS, com estágio doutoral (bolsa PDSE/Capes) na Ruhr Universität Bochum (RUB), na Alemanha, e estágio pós-doutoral (Coimbra Group Scholarship Programme) na Universidade de Graz (Unigraz), na Áustria. Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela PUCRS. É professora do quadro permanente da PUC Minas. Membro do Grupo de Reflexão sobre Comunicação da CNBB (Grecor/CNBB) e da diretoria da Sociedade Brasileira de Teologia Sistemática (SBTS). Rua Coronel Massot, 1229, 706 H – Cristal, Porto Alegre/RS. (51) 991326616. aline@pucminas.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6467-7262>.

2 João Pedro Flávio Viana Rodrigues, bacharel em Filosofia pela PUC Minas, bacharelando em Teologia pela mesma universidade, bolsista do Fundo de Incentivo à Pesquisa da PUC Minas. Rua Barão de Guaxupé, 280 – João Pinheiro, Belo Horizonte/MG. (34) 9 9247-1515. jpedrorodrigues90@gmail.com.

comunicativa da Igreja durante sua primeira década como pontífice. Para dar conta desta pergunta, analisamos o percurso comunicativo do Papa Francisco, desde suas ações e escolhas até suas declarações magisteriais e mudanças institucionais.

Como hipótese do estudo acredita-se que ocorreu uma alteração no modo de comunicação da Igreja e na forma como ela se comunicou durante os primeiros dez anos do pontificado de Francisco, inaugurando um novo paradigma e um novo entendimento da comunicação no âmbito eclesial. Para corroborar essa suposição, buscamos refletir teologicamente sobre quatro facetas da comunicação de Francisco que se intersectam e se questionam mutuamente: a pessoal, a pastoral, a institucional e a social.

A estrutura do artigo é composta por cinco segmentos, começando com a análise da relação entre o Papa Francisco e o ambiente digital, de modo a entender o contexto cultural em que seu pontificado ocorre. Em seguida, exploramos a dimensão pessoal da comunicação de Francisco, destacando momentos e exposições midiáticas significativas. Posteriormente, examinamos os documentos mais relevantes do magistério papal que articulam o pensamento comunicativo de Francisco. Com o objetivo de embasar a hipótese de uma teologia da comunicação do Papa Francisco, discutimos as principais conexões entre teologia e comunicação. Por último, esboçamos uma descrição do modelo comunicacional teológico do atual pontífice.

Francisco tornou-se para muitos um símbolo de unidade e para outros de controvérsia. Enquanto sua comunicação pessoal rompeu certos protocolos e formalidades, tornando a figura papal mais acessível, também gerou contestações dentro da Igreja sustentadas em tradições menos centrais. Este embate interno foi exacerbado pela dinâmica das redes sociais e seus algoritmos. A despeito de equívocos e percalços no caminho, ele continua a promover a missão, a escuta e o caminho sinodal na Igreja.

1 O PAPA FRANCISCO E A COMUNICAÇÃO DIGITAL: COMPREENDENDO O AMBIENTE COMUNICATIVO DE SEU PONTIFICADO

Papa Francisco e o universo digital constituem dois elementos marcantes da atualidade que a Igreja precisa interpretar, ambas realidades permeiam o dia a dia da prática da fé católica contemporânea. Durante sua primeira década como pontífice, Francisco introduziu um modo próprio de compreender e promover a comunicação dentro da Igreja Católica, um método que tem se solidificado ao longo do tempo. É essencial, para abarcar a performance de comunicação do atual Papa, avaliar o ecossistema comunicacional onde esta se desenvolve, particularmente marcado pelo avanço da cultura digital.

Segundo o estudo *We Are Social*, de 2023, a maioria da população global reside em áreas urbanas e faz uso frequente de tecnologias digitais em suas rotinas diárias. Especificamente, 5,16 bilhões de pessoas são usuárias da internet, representando 64,4%, e 5,44 bilhões utilizam telefonia móvel, o que equivale a 68%. Francisco, originário da periferia de uma grande cidade, reconhece este cenário e a cultura urbana como correlatas. Apesar do avanço constante

da digitalização na vida cotidiana, observou-se um ritmo mais lento nesse processo (WE ARE SOCIAL, 2023). Tal fenômeno pode ser atribuído ao uso intenso de tecnologia durante a pandemia, assim como ao fato de que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) já alcançaram uma alta taxa de utilização globalmente. Entretanto, ainda existem áreas do mundo, como o leste da África e o sul da Ásia, onde a adoção da internet permanece relativamente baixa, uma realidade que não pode ser negligenciada.

Em 2013, ano em que Francisco assumiu o pontificado, houve um aumento significativo no tempo médio gasto na internet, com um crescimento de 3,8%, o que indica um aumento de 10,5% no número de usuários (WE ARE SOCIAL, 2023). O mais recente grande salto no número de usuários ocorreu entre 2020 e 2021, provavelmente em resposta às exigências da pandemia. Contudo, o crescimento de usuários foi de apenas 2% de 2021 para 2022 e de 1,9% de 2022 para 2023, totalizando 5,1 bilhões de usuários. Tais dados sugerem que a taxa de crescimento está a estagnar, além de indicar um certo nível de saturação das pessoas com o uso da internet, resultando em uma diminuição de 4,8% no tempo de uso entre 2021 e 2022.

No ano de 2020, a internet contava com uma população de 4,6 bilhões de usuários, mais da metade dos quais utilizavam a plataforma para acessar conteúdo de vídeo e streaming (WE ARE SOCIAL, 2020). Esse período também testemunhou uma mudança na percepção dos hábitos comunicativos digitais. Antes da pandemia, a comunicação digital era frequentemente vista pela Igreja e pela sociedade como um complemento ou um aspecto secundário. No entanto, durante o período de isolamento social imposto pela pandemia, a internet tornou-se o principal meio de comunicação entre as pessoas e de conexão com suas comunidades de fé e o mundo externo (AMARO DA SILVA, 2021, p. 2). Dado o aumento da adoção da internet globalmente durante o pontificado de Francisco, torna-se compreensível o imperativo do Papa em promover uma abordagem comunicativa que enfatize um processo comunicativo holístico e inclusivo, cuja culminância se manifesta no encontro pessoal com os fiéis.

2 A IDENTIDADE COMUNICATIVA DE FRANCISCO

Partindo da comunicação própria de Francisco, observamos seus gestos, declarações e ações com atenção. Sua primeira apresentação ao mundo como Papa foi um indício claro de que sua conduta estaria repleta de intencionalidade. A eleição do nome Francisco, em homenagem ao humilde de Assis, ecoou o chamado de Dom Cláudio Hummes a favor dos pobres (FRANCISCO, 2013).

Em suas palavras inaugurais como bispo da Igreja de Roma, ele delineou uma visão da Igreja, propondo um caminho sinodal, visualizando a comunicação não apenas como transmissão, mas como conexão e interação. Em sua estreia, solicitou às massas que rezassem por ele, mostrando assim uma postura modesta que favorece uma relação de reciprocidade com seus seguidores, reconhecendo-os como agentes centrais na jornada da Igreja (FRANCISCO, 2013).

Um momento que se destacou foi o silêncio oracional na Praça de São Pedro, repleta de fiéis. Esse silêncio não denotava uma falta de comunicação, mas um zênite de comunhão completa. Este tipo de comunicação silenciosa é emblemático do estilo comunicativo de Francisco.

Relembrando seus momentos de conexão com o público, a visita a uma ótica em Roma, em 2015, pode ser vista como um gesto simples, mas é uma clara demonstração de sua busca por estar próximo ao povo, conectando-se a eles em seu cotidiano, saindo de si para ir ao encontro onde e como eles estão (FRANCISCO, 2021). Quem poderia esquecer o 27 de março de 2020, sob um céu nublado, quando o Papa, sozinho na Basílica de São Pedro, fez uma oração pelo fim da pandemia? Mesmo distanciados fisicamente, milhões se sentiram envolvidos por sua presença espiritual, confortados por sua compaixão.

Francisco é um líder que se envolve profundamente, não apenas observando de longe, mas conectando-se pessoalmente com aqueles que encontra. Seu estilo comunicativo não se destaca apenas pelo que ele diz, mas pela maneira como suas ações personificam sua mensagem. Para verdadeiramente evangelizar através da comunicação, é imprescindível construir relações genuínas e de confiança, permitindo que a mensagem se enraíze nas vidas cotidianas (AMARO DA SILVA, 2015, p. 124).

3 REFLEXÕES SOBRE A IMAGEM DE FRANCISCO: A OPINIÃO DA MÍDIA

Francisco, em sua missão de propagar o Reino de Deus, tem marcado presença em espaços midiáticos diversos. Seu impacto transcende o âmbito religioso, com destaque em revistas de cultura e até em publicações voltadas para o mercado financeiro. Em 2013, a revista *Time* nomeou-o “personalidade do ano”, elogiando sua decisão de aproximar o papado do cotidiano das pessoas (GIBBS, 2013). Revistas como *Vanity Fair* e *Rolling Stone* também ressaltaram sua influência e abordagem inovadora nas questões sociais e nos protocolos da Igreja. Mesmo revistas voltadas para negócios, como a *Fortune*, reconheceram sua capacidade de gestão, destacando suas reformas nas finanças do Vaticano (TULLY, 2014).

Estes exemplos sublinham a missão comunicativa de Francisco, que busca alcançar todos os segmentos da sociedade, disseminando a boa nova. Esta proposta evidencia-se em sua mensagem transmitida durante a final do *Super Bowl*, em 2017, enfatizando a relevância e os valores intrínsecos ao esporte.

Os grandes eventos esportivos como o *Super Bowl* de hoje são sumamente simbólicos, o que demonstra que é possível construir uma cultura do encontro e um mundo de paz. Ao participar do esporte, somos capazes de ir mais além do próprio interesse pessoal e, de uma maneira saudável, aprendemos a nos sacrificar, a crescer na fidelidade e no respeito às regras. Que o *Super Bowl* deste ano seja um símbolo de paz, de amizade, de solidariedade para todo o mundo. Obrigado. (VATICAN NEWS, 2017)

Com um semblante amável e gestos desprovidos de formalidades, aliados a uma perspectiva mais inclusiva e um diálogo atento às questões contemporâneas, Francisco rapidamente capturou a atenção dos veículos de comunicação de massa. Contudo, nem todos os momentos refletiram essa imagem positiva. Um incidente desagradável aconteceu em 31 de dezembro de 2019, quando o Papa Francisco deu um tapa na mão de uma devota na Praça São Pedro. A gravação da agressão se propagou com rapidez na esfera digital e ganhou destaque nas plataformas de comunicação tradicionais. No dia seguinte, o Papa veio a público para se desculpar, esclarecendo que seu ato foi uma reação impensada ao ser agarrado de forma abrupta pela mulher. Em 08 de janeiro de 2020, Francisco encontrou-se novamente com a mulher para um diálogo privado. Estes episódios, tanto os assertivos quanto os falhos, moldam a imagem de Francisco como um líder acessível e humano, apresentando o bispo de Roma como alguém divinamente orientado, contudo, suscetível a erros, sempre pronto a reconhecer e remediar seus equívocos.

4 DOCUMENTOS FUNDAMENTAIS DO MAGISTÉRIO COMUNICACIONAL DO PAPA FRANCISCO

O Papa Francisco se posiciona como um agente de inovação comunicacional na Igreja que traça uma via de renovada interação com a contemporaneidade, abordando com franqueza os dilemas centrais da nossa sociedade (VIGANÒ, 2017, p. 9). Suas declarações e atitudes ilustram o comprometimento do atual líder da Igreja em modernizar o paradigma comunicativo eclesial. Ao examinarmos detidamente os documentos promulgados por Francisco, observamos que, embora ele não aborde sempre diretamente o tema da comunicação, podemos notar uma visão eclesiológica comunicativa que permeia seu magistério. Desta forma, iremos ponderar sobre algumas de suas principais obras que sublinham esse aspecto, nomeadamente, a Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, a Carta Encíclica *Laudato si'* e a Carta Encíclica *Fratelli tutti*. Paralelamente, temos um magistério comunicativo explícito em suas mensagens por ocasião do Dia Mundial das Comunicações Sociais, tema que abordaremos posteriormente.

4.1 EVANGELII GAUDIUM

Para compreender a diretriz traçada pelo Papa Francisco por meio de seus textos, gestos e iniciativas, é imperativo explorar a abordagem intencionada da *Evangelii gaudium*, vista como o plano eclesial de seu pontificado. Desde o começo, Francisco incentiva a uma renovada jornada evangelizadora impregnada de júbilo que se renova e se comunica (EG 1). Nesta exortação, o Sumo Pontífice não introduz novidades dogmáticas ou teológicas, mas delineia um percurso para concretizar a eclesiologia proposta pelo Concílio Ecumênico Vaticano II. Assim, o pontífice instiga cada cristão a progredir na senda de conversão e transformação pastoral, desfazendo-se de um modelo de autorreferência (EG 5).

Um elemento notável desta Exortação Apostólica é seu perfil dialógico e colegial. Francisco busca ponderar e interagir com as Conferências Episcopais locais, recorrendo

frequentemente a essas entidades para delinear decisões e caminhos eclesiais. O documento preconiza um agir pastoral mais inclusivo e expansivo (EG 27), sublinhando a necessidade de uma “Igreja em Saída”, um conceito cunhado por ele, que hoje ressoa profundamente na eclesiologia vivenciada em muitas comunidades metropolitanas. Isto sugere uma Igreja que se desloca ao encontro do povo nas margens humanas, existenciais e territoriais, contemplando, aproximando-se e “compaixonando-se”. Uma Igreja que exala a vivência do povo, “com cheiro de ovelhas”, que se humilha ao ponto de tocar o sofrimento de Cristo na humanidade (EG 24).

Francisco enfatiza a primazia de uma Igreja como refúgio de todos, hospitaleira, com portas perpetuamente abertas, enfocando os vulneráveis, as mulheres e os migrantes como sendo aqueles que demandam um maior cuidado pastoral (SBARDELOTTO, 2020, p. 75), em retificação a um histórico processo de exclusão dessas minorias. Dessa perspectiva, a evangelização implica acolher cada indivíduo em sua pluralidade de identidades, perspectivas e vivências.

Deste documento estratégico, Francisco vislumbra a comunicação da fé como uma dinâmica dialógica na qual os interlocutores participam mutuamente, partilhando trajetórias de vida moldadas pela relação com Deus, “uma comunicação entre os corações” (EG 142). Nesta dinâmica comunicativa, a escuta é exaltada como habilidade essencial, funcionando como “a capacidade do coração que torna possível a proximidade” (EG 171).

Prosseguindo com esta reflexão, o Papa Francisco distingue o diálogo intra e intereclesial. O último propõe um engajamento com variadas culturas, instigando um diálogo cultural que entende que a diversidade cultural não ameaça a coesão da Igreja, e a evangelização é permeada por um processo de inculturação (EG 117).

Outro esquema de diálogo ressaltado na *Evangelii gaudium* é o diálogo social, que compreende as interações com governos, sociedade civil, culturas, ciências e aqueles de diferentes credos. Para este diálogo, é crucial uma predisposição para compreender perspectivas alheias, enriquecendo-se mutuamente.

No que tange à temática comunicacional, o Papa adverte quanto à velocidade das mídias modernas, que pode desvirtuar a mensagem. De acordo com ele, a autêntica comunicação deve conduzir-nos ao encontro em busca do bem comum, concretizando o objetivo evangelizador.

Concluindo este segmento sobre a *Evangelii gaudium*, procedemos à análise dos aspectos comunicativos presentes na Encíclica *Laudato si’*.

4.2 LAUDATO SÍ

Com o Papa Francisco, presenciamos à publicação do primeiro documento pontifício exclusivamente voltado à ecologia. Este marco ecológico introduzido pelo pontífice atual

permite uma análise dos aspectos comunicacionais evidenciados na Carta Encíclica *Laudato si'*. A comunicação, sob uma perspectiva ecológica, sublinha a premissa de que tudo está intrinsecamente conectado. Em outras palavras, somos seres interdependentes e conjuntamente responsáveis pela casa comum que compartilhamos. A comunicação, portanto, emerge como uma ferramenta indispensável para estruturar e preservar o ambiente social e cultural em que estamos inseridos.

Dentro da Encíclica, Francisco estabelece diálogos com distintos interlocutores, desde antigos pontífices a literatos, filósofos, santos, clérigos e líderes espirituais de variadas tradições religiosas. Esta diversidade evidencia que, ao referenciar a conexão universal entre os seres, o Papa não se limita unicamente ao domínio católico, mas se estende aos que seguem outras vertentes religiosas. É digno de nota o reconhecimento dado às Conferências Episcopais globais, incluindo a CNBB, citada por suas contribuições ao estudo sobre “A Igreja e a questão ecológica”.

Ao ponderar sobre a criação e a contínua degradação ambiental, *Laudato si'* apresenta com largueza uma vocação sinodal que almeja unir a humanidade em torno de uma pauta compartilhada. O documento reflete uma busca incansável por diálogo ecumênico, inter-religioso e humanitário, indicando sua intenção de alcançar um público que ultrapasse as fronteiras da Igreja Católica, isto é, dirige-se a toda população terrestre (LS 3).

A comunicação é apresentada, como um fenômeno antropológico. O Papa Francisco, ao evocar São Francisco de Assis, destaca a capacidade deste santo em comunicar-se com toda a criação (LS 11), intensificando a dimensão ecológica inerente ao ato comunicativo que engloba não apenas humanos, mas todas as dimensões da vida (SBARDELOTTO, 2020, p. 87). A comunicação, nesse contexto, é ressaltada como uma força com dimensões educativas, antropológicas, ecológicas e cósmicas.

Tomando como base os relatos bíblicos em Gênesis, o Papa delineia a vida humana fundamentada em três conexões vitais: a relação com Deus, com o semelhante e com o ecossistema. Esta visão transcende a abordagem meramente sociológica e instrumental da comunicação, permitindo uma reflexão teológica mais profunda. Sob a perspectiva trinitária de Deus, a comunicação é reconhecida como um vínculo relacional e um processo ininterrupto que aspira à comunhão.

De forma explícita, *Laudato si'* examina a comunicação na era digital e as dinâmicas midiáticas em uma seção denominada “deterioração da qualidade de vida humana e degradação social”. Nela, o Papa evidencia uma visão crítica quanto ao excesso informacional presente na contemporaneidade, enfatizando os riscos associados a esta sobrecarga (LS 47). O documento pontua a potencial perda da profundidade interpretativa, o surgimento de emoções artificialmente construídas e o perigo do isolamento.

Conclui-se que a visão comunicacional proposta por Francisco na condução da Igreja vai além das técnicas, focando primordialmente no encontro genuíno entre as pessoas. Tal perspectiva é reiterada em sua posterior Encíclica, *Fratelli tutti*.

4.3 FRATELLI TUTTI

Na *Fratelli tutti*, o Papa Francisco resgata a essência da vida cristã fundamentada na fraternidade e na amizade universais, inspirando-se tanto no Evangelho quanto na figura de São Francisco de Assis. Relativamente à comunicação, a Encíclica adverte acerca das percepções distorcidas da modernidade, a criação de intimidades ilusórias e vínculos aparentes que, por sua natureza, manifestam-se como relações superficiais, centradas em uma exposição exacerbada da privacidade (FT 42-49).

A atenção do pontífice também se volta para o lado obscuro das redes digitais: a propagação de discursos que incentivam a hostilidade, o preconceito, a agressão desmedida e, em especial, a violência dirigida aos grupos mais vulneráveis da sociedade. Francisco, profundamente comprometido com uma comunicação que englobe a integralidade do ser humano, sublinha os perigos inerentes à dependência digital e ao consequente descolamento da realidade que pode ser induzido pelo uso desmedido das mídias digitais. Em suas palavras, o simples ato de conectar-se digitalmente não se traduz, de forma automática, em genuínos laços humanos. Não obstante, o Papa não propõe o repúdio dos meios digitais, mas, sim, sua fundamentação na realidade concreta, pautada pela escuta empática, informação criteriosa e pelo diálogo em busca da verdade (FT 50).

Valendo-se do exemplo de São Francisco de Assis, Francisco advoga por uma comunicação compassiva, serena e inclusiva, baseada na misericórdia, que esteja apta a reconhecer e acolher os indivíduos marginalizados e desfavorecidos. A efetiva fraternidade e a construção de laços autênticos de amizade, conforme pontua, são alcançadas por meio de uma comunicação que promova o diálogo sincero, que se estabeleça de coração para coração. Neste contexto, destaca a relevância das narrativas, sejam elas histórias reais ou parábolas, como a do Bom Samaritano, que retratam posturas humanas de cuidado e negligência perpetuadas ao longo dos tempos (FT 69). Esta abordagem busca cultivar a empatia, lembrando-nos de que o principal propósito dos cristãos não reside na proclamação de dogmas rígidos, mas sim na disseminação do amor expansivo e acolhedor de Deus (FT 4). Em contraposição a um sistema socioeconômico que prioriza interesses individuais e enfraquece o sentido comunitário, o pontífice nos inspira a fomentar uma comunicação que celebre a comunidade e valorize a dignidade intrínseca a cada indivíduo (FT 12).

Esses três documentos proeminentes do pontificado de Francisco esboçam as nuances de sua visão comunicacional. Prosseguiremos, agora, com uma análise do seu magistério explícito com relação à comunicação, examinando as mensagens divulgadas para o Dia Mundial das Comunicações Sociais.

4.4 MENSAGENS PARA O DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS

Instituído pelo Decreto Conciliar *Inter Mirifica*, o Dia Mundial das Comunicações busca refletir sobre a dimensão comunicativa da Igreja e do tecido social (IM 18). Nesta solenidade, que ocorre anualmente na Ascensão do Senhor, o pontífice destina uma mensagem tanto aos fiéis quanto aos cidadãos do mundo todo, com ênfase nos comunicadores. O foco destas mensagens é sempre um tópico e um contexto de relevância contemporânea que impactam na atuação da Igreja, “para que de forma integrada, haja uma reflexão e apropriação dos conteúdos para o crescimento da comunidade e a presença profética e evangelizadora na sociedade” (CORAZZA; PUNTEL, 2019, p. 10).

Até agora, Papa Francisco produziu dez mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, relacionando a arte de comunicar com temas cruciais do panorama eclesial e social vigente. Nestes documentos, com linguagem clara e objetiva, Sua Santidade adota uma abordagem interdisciplinar, apoiada na Tradição teológico-cristã, nas vivências humanas e nas mais recentes investigações comunicacionais.

Os temas abordados por Francisco, em ordem cronológica, são: Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro (2014); Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor (2015); Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo (2016); “Não tenhas medo, que Eu estou contigo” (Is 43, 5). Comunicar esperança e confiança, no nosso tempo (2017); “A verdade vos tornará livres” (Jo 8, 32). Fake news e jornalismo de paz (2018); “Somos membros uns dos outros” (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana (2019); “Para que possas contar e fixar na memória” (Ex 10, 2). A vida torna-se história (2020); “Vem e verás” (Jo 1, 46). Comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são (2021); Escutar com o ouvido do coração (2022); Falar com o coração. “Testemunhando a verdade no amor” (Ef 4, 15) (2023).

Dentre os temas, emergem palavras-chave como “comunicação”, “encontro”, “amor”, “misericórdia”, “família” e “comunidade”, revelando que o Papa traça uma senda reflexiva que direciona para uma vivência cristã íntegra através da comunicação. Para evidenciar essa perspectiva e a visão comunicacional do Papa, concentraremos nossa atenção especialmente nas mensagens dos anos 2014, 2019, 2021, 2022 e 2023.

Na mensagem de 2014 intitulada “Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro”, Papa Francisco sublinha o papel essencial da comunicação na edificação de uma comunidade mais equitativa e fraterna (FRANCISCO, 2014). Para ele, a comunicação não deve ser meramente instrumental, mas, ao contrário, precisa ser vista como um instrumento que fomenta uma cultura de encontro e solidariedade entre os indivíduos.

O Papa também salientou os riscos de uma comunicação superficial, que pode resultar em relações humanas fúteis, conduzindo a sentimentos de isolamento e apatia. No cerne de sua argumentação, Francisco ressalta o imperativo de cultivar relações genuínas, nas quais as pessoas realmente escutam umas às outras, partilham suas histórias e criam canais de diálogo

e empatia. Como bem observado por Corazza e Puntel, “não é a tecnologia que determina se a comunicação é autêntica ou não, mas o coração do homem e a sua capacidade de fazer bom uso dos meios a seu dispor” (CORAZZA; PUNTEL, 2019, p. 158).

Além disso, o Papa Francisco adverte para a imperatividade de uma comunicação ancorada na verdade e integridade, que eleve a dignidade humana e propague valores intrínsecos como a paz e a justiça. Ele explicitamente repudia a disseminação de informações falsas e a distorção de fatos, fenômenos que frequentemente precipitam divisões e desavenças.

Sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, em 2014, marcando o início de seu ensino explícito sobre a comunicação, nos impele a ponderar sobre a significância da comunicação tanto em nosso cotidiano quanto na esfera social. A mensagem ecoa a ideia de que a comunicação tem o potencial de estabelecer conexões reais e duradouras entre os seres humanos. Como destacado,

O papa não separa o relacionamento interpessoal e presencial daquele que acontece nas redes. [Mas,] não basta circular pelas estradas digitais, é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro (FRANCISCO, 2014).

Em uma perspectiva comunicativa, o Papa oferece uma interpretação contemporânea da parábola bíblica do Bom Samaritano, elucidando, através de ilustrações práticas, a importância de nos tornarmos próximos e solidários.

No ano de 2018, sob o título “A verdade vos tornará livres’ (Jo 8,32). Fake news e jornalismo de paz”, o Papa Francisco adentrou profundamente na problemática da desinformação e no papel ético e social do jornalismo. O pontífice clamou por uma prática jornalística arraigada na busca incessante pela verdade, advertindo sobre os perigos inerentes à disseminação de desinformação. Ele reforçou, ainda, o papel crucial da educação mediática como meio de capacitar o público a discernir informações genuínas de conteúdos falaciosos (FRANCISCO, 2018).

Em outra reflexão, intitulada “Para que possas contar e fixar na memória (Ex 10,2). A vida faz-se história”, o Papa lançou luz sobre o valor da narrativa e memória na comunicação. Na visão do pontífice, a narrativa é um veículo não apenas de transmissão da verdade, mas também de conservação da herança histórica. O Papa Francisco, desse modo, incentivou os cristãos a se apropriarem da narrativa como instrumento eficaz de evangelização e de preservação da memória eclesial e humana (FRANCISCO, 2020).

Avançando para a 55ª mensagem do Dia Mundial das Comunicações Sociais, de 2021, a exortação “Vem e verás”, ancorada no relato bíblico do encontro de Jesus com seus discípulos (Jo 1,46), demonstra o esforço do Papa em enfatizar a importância do encontro autêntico e do escutar empático. Francisco reitera que a verdadeira comunicação deve se estabelecer como uma ponte, promovendo o diálogo, a compreensão e a solidariedade, saindo do comodismo e gastando a sola dos sapatos (FRANCISCO, 2021).

No ano subsequente, 2022, a mensagem “Escutar com os ouvidos do coração” ressoa o chamado papal ao “apostolado do ouvido”. Francisco reconhece a escuta como o alicerce da comunicação efetiva, sublinhando que autêntica interação só é possível quando existe genuína escuta, pois “nunca se comunica se primeiro não se escutou” (FRANCISCO, 2022). Esta mensagem se une com a abordagem sinodal de Francisco, evidenciada em suas iniciativas direcionadas aos jovens, famílias e regiões como a Amazônia.

Já em 2023, a mensagem “Falar com o coração. ‘Testemunhando a verdade no amor’ (Ef 4,15)” é uma continuidade que interliga o diálogo iniciado nos anos anteriores, onde o Papa nos convida a estabelecer uma comunicação mais empática e humanizada. Ao evocar São Francisco de Sales, patrono dos jornalistas, a mensagem destaca a importância de uma comunicação genuína e compassiva.

Em síntese, o Papa Francisco tem promovido uma comunicação sincera, aberta e inclusiva como pilar para a edificação de uma sociedade justa e harmoniosa. Para ele, é imperativo que a comunicação esteja alicerçada na verdade, misericórdia, esperança e paz. As mensagens anuais do pontífice para o Dia Mundial das Comunicações Sociais não são meros comunicados, mas convites profundos à reflexão sobre a centralidade da comunicação em nossa sociedade e na estrutura sociopolítica. Desse *corpus* comunicacional, podemos depreender não só um paradigma comunicativo, mas também uma reflexão teológica robusta acerca da comunicação.

5 CONEXÕES ENTRE TEOLOGIA E COMUNICAÇÃO

Ao considerar o emergente paradigma comunicacional e teológico proposto por Francisco, somos levados à contemplação de uma Teologia da Comunicação. Esta, intrinsecamente, só emerge a partir do evento Revelação que, quando conceituado como a auto-comunicação de Deus, narra o contínuo diálogo entre Deus e a humanidade, culminando supremamente no Evento Cristo (AMARO DA SILVA, 2021, p. 16). Portanto, o âmago comunicacional de caráter cristão deve orbitar a comunicação de uma pessoa singular, Jesus Cristo.

À medida que a reflexão teológica se expande, é evidente a estreita interação entre as matérias de fé e os contornos da vida pública e política. É impraticável separar a convicção no Cristo Ressuscitado da incessante procura por justiça no domínio social. Desse modo, o Concílio Ecumênico Vaticano II introduz a Teologia dos Sinais dos Tempos, que contempla questões limítrofes, tais como a comunicação digital, na confluência entre fé e razão: “é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho: para que assim possa responder, de modo adaptado a cada geração, às eternas perguntas dos homens [e das mulheres]” (GS 4).

Esta introspecção possibilitou o despontar de Teologias da Comunicação, inicialmente percebidas de forma sutil nos documentos eclesiais, mas cuja presença tornou-se mais saliente em épocas recentes. Em sua maioria, tais registros abordam a comunicação sob

uma perspectiva prática e instrumental, complementada por uma dimensão ética e pastoral (AMARO DA SILVA, 2021, p. 38). No entanto, diversas são as perspectivas que visam estabelecer pontes entre teologia e comunicação, das quais elencamos as principais.

Primeiramente, temos a relação que se beneficia das ciências da comunicação para enriquecer o campo teológico, mantendo, contudo, ambas as áreas distintas e empregando teorias e métodos para realçar a reflexão teológica (AMARO DA SILVA, 2021, p. 41). Uma segunda interface refere-se à Teologia Comunicativa, que deve ser percebida, primordialmente, como uma teologia gerada no cerne de um autêntico processo comunicacional. Nesta ótica, a Teologia é simultaneamente um processo e um produto comunicativo (AMARO DA SILVA, 2021, p. 42).

A terceira relação sugere uma análise teológica sistemática da comunicação, que ambiciona desenvolver um estudo teológico sistemático e teórico acerca do fenômeno comunicacional. Neste escopo, a comunicação é apresentada como objeto de estudo da teologia (AMARO DA SILVA, 2021, p. 43). A quarta perspectiva concentra-se em uma reflexão teológica voltada para a prática comunicativa em esferas pastorais, um desdobramento da Teologia Pastoral, fortalecido após o Concílio Ecumênico Vaticano II e a divulgação do *Inter Mirifica* (AMARO DA SILVA, 2021, p. 44).

A quinta interação aborda os aspectos teológico-morais da comunicação, formulando considerações a partir dos desafios inerentes à comunicação dentro da Igreja e da sociedade, discerníveis nos documentos magisteriais (AMARO DA SILVA, 2021, p. 45). Adicionalmente, a Ciberteologia e a Teologia Digital surgem como abordagens que amalgamam a reflexão teológica à cultura digital, ponderando as metamorfoses comunicativas e tecnológicas no indivíduo, na comunidade de fé e nas estruturas sociais (AMARO DA SILVA, 2021, p. 45-46).

O Cristianismo é uma religião intrinsecamente comunicativa, cuja base reside na auto-comunicação de Deus e na disseminação dessa Boa Nova por meio dos membros da Igreja a toda humanidade, em todas as culturas e eras (AMARO DA SILVA, 2021, p. 40). Dessa forma, ao longo da trajetória cristã, teólogos buscaram elucidar a mensagem cristã por meio de uma genuína comunicação da Boa Nova, entrelaçando de diversas maneiras a missão comunicativa e o ofício teológico. Reconhecemos diversos desses empenhos nas contribuições do pontificado de Francisco, esboçando uma teologia da comunicação com características singulares.

6 O PARADIGMA TEOLÓGICO-COMUNICATIVO DE PAPA FRANCISCO

A confluência entre teoria e ação, entre ensino e vivência, é evidente na trajetória e na pessoa do Papa Francisco. Das multifacetadas expressões e iniciativas que compõem o método comunicativo-evangelizador delineado pelo atual bispo de Roma, destacamos: “primeirar”, “compaixonar”, “escutar”, “silenciar”, “dialogar” e “esperançar”. Estes gestos articulam uma ortopraxia comunicacional, delineando uma trajetória que serve não apenas como

paradigmática para o cultivo das inter-relações e comunhão entre os componentes do Povo de Deus, mas também como alicerce dos laços fraternos e sororais na esfera global.

Com o intuito de estimular a mobilização do povo de Deus em um ímpeto missionário, o pontífice exorta para que a Igreja se configure como a coletividade de discípulos missionários que “primeireiam”, que se envolvem, que acompanham, que prosperam e celebram (EG 24). O termo inovador “primeirear”, cunhado por Francisco, se constitui como uma perspectiva que realça a atitude de ser proativo, implicando ações de deslocamento, observação e aproximação à vivência alheia, enfatizando o zelo pelo próximo ao invés de uma mentalidade ancorada na autorreferência institucional ou individualista. Por meio desta ideia, o pontífice aspira fomentar uma cultura comunicativa que ressalta a escuta, o entendimento e a empatia. Tal noção se encontra disposta em múltiplos documentos magisteriais, com destaque para a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, onde Francisco discorre sobre a imperatividade da conversão pastoral e de uma Igreja missionária, que aspira ao atendimento das demandas humanas, acompanhando-as em suas jornadas espirituais.

Relativamente à dimensão comunicativa, o termo “primeirear” se apresenta como crucial, pois incentiva uma interação humana e próxima, propícia à construção de confiança e ao estabelecimento de vínculos empáticos e solidários. Colocando o ser humano como eixo central, esta perspectiva promove uma escuta reflexiva e uma comunicação genuína, calcada na compreensão das demandas e anseios do interlocutor, potencializando um engajamento profundo no processo comunicativo da fé. Ao privilegiar a atenção individual a cada pessoa, tal postura favorece uma comunicação clara e próxima, apta a fomentar credibilidade e confiança junto ao fiel. Elegendo a figura do bom samaritano como arquétipo comunicacional, Francisco destaca, no cerne da comunicação cristã, três prerrogativas: “proximidade, compaixão e ternura”. Ele diz: “Compaixão significa sentir que a outra pessoa faz parte de mim mesmo. O samaritano ouve a história do homem; aproxima-se porque se comove intimamente” (DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO, 2023, n. 64).

A prática comunicativa que mais se destaca na atuação do Papa Francisco é, sem dúvida, a escuta. No âmbito da comunicação cristã, a escuta transcende o mero ato de ouvir, mas é uma aptidão do coração que viabiliza a proximidade, sem a qual não ocorre um genuíno encontro espiritual. “Escutar ajuda-nos a individuar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cômoda condição de espectadores” (EG 171), destaca o pontífice. Em sua 56ª Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, Francisco adverte sobre a progressiva perda da capacidade humana de escutar o outro, ressaltando que a ânsia intrínseca de cada indivíduo é ser genuinamente escutado (FRANCISCO, 2022).

O diálogo construtivo, segundo o Papa, exige a seleção de expressões assertivas, capazes de semear esperança em seus ouvintes. Outro conceito central nos discursos e documentos pontifícios é “esperançar”, um neologismo que une “esperança” e “ação”, sublinhando a necessidade de operar esperançosamente em um mundo frequentemente assolado pelo desalento. Esse termo encontra-se cunhado na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, onde Francisco alega que

“a esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna” (FT 55). O “esperançar” configura-se como a tradução concreta do modelo comunicativo de Francisco, “é o gesto de fazer com que uma vela se mantenha acesa, mesmo quando um vento forte tenta apagá-la” (TULLIUS, 2021, p. 59).

Do prisma comunicacional, o conceito de “esperançar” é de suma relevância. Mais do que mero otimismo, é um convite a enxergar além dos desafios imediatos, impulsionando os indivíduos a agir no presente, mas com os olhos postos em um futuro auspicioso. Francisco elucida:

no deserto, existe sobretudo a necessidade de pessoas de fé que, com suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo assim viva a esperança. Em todo o caso, lá somos chamados a ser pessoas-cântaro para dar de beber aos outros. Não deixemos que nos roubem a esperança! (EG 86)

A esperança, enquanto valor central na visão cristã, não é apenas um sentimento passivo de otimismo ou uma mera antecipação positiva do futuro. Na abordagem do Papa Francisco, a esperança é entendida como um agente dinâmico de mudança, um motor que impulsiona ações e molda atitudes. Ao situar a esperança no cerne da ação, a comunicação se transforma, deslocando-se de um mero relato ou transmissão de informação para um instrumento de mobilização e inspiração.

Esta perspectiva proativa da comunicação tem o potencial não apenas de informar, mas de reanimar, congregando indivíduos em torno de metas compartilhadas. Em um mundo muitas vezes saturado de informações, mas carente de significado, a proposta de uma comunicação enraizada na esperança surge como um refresco, apresentando uma narrativa que não apenas destaca problemas, mas também aponta para soluções, inspirando a ação coletiva.

A promoção de uma “cultura de esperança” vai além de uma mentalidade otimista. Trata-se de cultivar um *ethos* que reconheça e valorize a capacidade humana de transformação e evolução. Uma cultura assim reconhece que, apesar das adversidades e desafios inerentes à condição humana, o ser humano é capaz de criar, inovar e reconstruir. Esta visão é particularmente potente em um contexto eclesial, onde a esperança se entrelaça com a fé e a caridade, formando a tríade teológica que sustenta a visão cristã de mundo.

Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a “mística” de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada. (EG 87)

O discurso comunicativo do Papa Francisco apresenta-se como um paradigma multifacetado, envolvendo aspectos pessoais, pastorais e institucionais que se entrelaçam de forma complexa. Este entrelaçamento sugere um modelo de comunicação integral, que transcende a mera transmissão de informações e se estabelece como um sistema complexo de interações simbólicas e afetivas.

A pesquisa bibliográfica revela que uma das etapas fundamentais no modelo de comunicação proposto pelo Papa é a escuta ativa. Esta prática, corroborada por estudos levantados pela enciclopédia italiana *Treccani*, vai além da mera audição e implica um envolvimento emocional e intelectual com o interlocutor (GISOTTI, 2020). Comunicar, para Francisco, é uma atitude de compartilhamento e reciprocidade, que demanda um escutar atento e sensível às nuances do outro.

O aspecto pessoal dessa abordagem reside na valorização do interlocutor como um ser digno e capaz de contribuir para o diálogo. Francisco não desqualifica ou invalida as opiniões alheias, em vez disso, promove um ambiente onde cada voz pode ser ouvida e considerada (PASSOS, 2016, p. 36). O aspecto pastoral, por sua vez, é evidenciado na preocupação com questões urgentes e no convite à reflexão direta, o que pode ser entendido como uma forma de cuidado e orientação.

Institucionalmente, este modelo comunicativo tem implicações significativas para a Igreja como um todo, implicando uma mudança paradigmática que prioriza a escuta e a reciprocidade. Este novo paradigma pode ser descrito como uma “Teologia da Comunicação”, que redefine não apenas os métodos, mas também os objetivos e os valores subjacentes à comunicação eclesial.

O que distingue esta Teologia da Comunicação é sua natureza profundamente pragmática. O Papa Francisco não se limita à exortação teórica, ele incorpora estes princípios em suas ações e interações, tornando-se assim um modelo vivo de seu próprio paradigma comunicativo. Este método pragmático enfatiza a necessidade de um compromisso ativo na promoção da acolhida e da escuta, dois pilares sobre os quais se ergue sua visão de uma comunicação autêntica e transformadora.

CONCLUSÃO

O pontificado do Papa Francisco é, sem dúvida, marcado por gestos, palavras e até mesmo silêncios profundamente significativos. Sua capacidade de comunicar a mensagem divina mesmo na ausência de palavras revela uma maturidade comunicativa e espiritual raramente vista. Quando consideramos os primeiros dez anos de seu pontificado, é inegável a presença de uma comunicação pautada pela proximidade, ternura e solidariedade.

Nesse período, Francisco demonstrou um intenso compromisso sinodal, caminhando lado a lado com seus irmãos e irmãs em fé. Sua jornada o levou a lugares, culturas e realidades diversas, sempre com um coração compassivo e esperançoso. Ele não só ouviu, mas

também falou de maneira tão impactante que muitos sentiram seus corações inflamados pelo Evangelho. Em um mundo cada vez mais conectado, mas paradoxalmente fragmentado, ele encontrou maneiras de estar verdadeiramente presente, seja em estradas físicas ou digitais.

O Papa Francisco, ao desafiar protocolos rígidos e expressar emoções genuínas, humanizou o papado de uma forma que ressoou tanto para os fiéis quanto para os não fiéis. Esta humanização, contudo, não veio sem críticas, especialmente de setores mais conservadores. No entanto, sua figura, mesmo em sua humanidade e imperfeição, continua a ser um farol de esperança, demonstrando uma Igreja mais acolhedora e sinodal.

Para Francisco, comunicação é, em essência, proximidade. Com seu exemplo, ele redefiniu a ideia de autoridade que não se reconhece apenas pelo cargo ocupado, mas principalmente pela capacidade de criar laços, de se aproximar genuinamente dos outros. Esta visão é especialmente relevante em uma era digital, onde a autoridade digital é conquistada pelo nível de reconhecimento, seguimento, engajamento e repercussão nas redes sociais, isto é, pela habilidade de se conectar com seus interlocutores.

Ao iniciarmos este estudo, procuramos analisar o papado de Francisco a partir de três dimensões: pessoal, pastoral e institucional. No entanto, à medida que nos aprofundamos na pesquisa, tornou-se evidente que a dimensão social é intrínseca a todas as outras. Ao invés de categorias estagnadas, estas dimensões se interpenetram e se influenciam mutuamente, refletindo a abordagem única e integral de Francisco à comunicação. Este paradigma, ao entrelaçar essas instâncias de maneira indissociável, evidencia um processo comunicativo que é simultaneamente evangelizador e pastoral, um reflexo da profunda compreensão de Francisco sobre a natureza intrinsecamente conectada da comunicação humana e divina.

REFERÊNCIAS

AMARO DA SILVA, Aline. *Eclesiologias digitais em construção: os modos de ser Igreja em tempos digitais e pandêmicos*. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 1-13, jan-dez 2021.

AMARO DA SILVA, Aline. *Cibergraça: fé, evangelização e comunhão nos tempos da rede*. Dissertação (Mestrado em Teologia). Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

AMARO DA SILVA, Aline. *Amigas e amigos no Amigo: uma cristologia comunicativa da amizade em tempos digitais e de pandemia*. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

CORAZZA, Helena; PUNTEL, Joana T. *Os papas da comunicação: estudo sobre as mensagens do Dia Mundial das Comunicações*. São Paulo: Paulinas, 2019. (Coleção pastoral da comunicação: teoria e prática. Série comunicação e cultura).

DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO. *Rumo à presença plena: Uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais*. Vaticano, 28 de maio de 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/dpc/documents/20230528_dpc-verso-piena-presenza_pt.html. Acesso em: 29 mai. 2023.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* (24/11/2013). São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO. *Discurso do Santo Padre Francisco no Encontro com os Representantes dos Meios de Comunicação Social*. Vaticano, Sala Paulo VI, 16 de março de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html. Acesso em: 04 abr. 2023.

FRANCISCO. *Primeira Saudação do Papa Francisco*. Vaticano, 13 de março de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html. Acesso em: 04 abr. 2023.

FRANCISCO. *Mensagem do santo padre Francisco para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais* (2014). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em 04 abr. 2023.

FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o 52º Dia Mundial das Comunicações Sociais* (2018). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 04 abr. 2023.

FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o 54º Dia Mundial das Comunicações Sociais* (2020). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20200124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 04 abr. 2023.

FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o 55º Dia Mundial das Comunicações Sociais* (2021). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20210123_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 04 abr. 2023.

FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o 56º Dia Mundial das Comunicações Sociais* (2022). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 04 abr. 2023.

GIBBS, Nancy. *A Escolha: O Papa Francisco é a Personalidade do Ano eleita pela TIME em 2013*. Disponível em: <https://poy.time.com/2013/12/11/a-escolha-o-papa-francisco/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

GISOTTI, Alessandro. *Francisco e a comunicação: comunicar é partilhar*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-12/papa-francisco-comunicacao-partilhar.html>. Acesso em: 20 abr. 2023

LOPES, Geraldo. *Gaudium et Spes: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2011. Coleção Revisitar o Concílio.

PASSOS, João Décio. *A Igreja em saída e a casa comum: Francisco e os desafios da renovação*. São Paulo: Paulinas, 2016. (Coleção Francisco).

POPE Francis' *Gentle Revolution: Inside Rolling Stone's New Issue*. *Rolling Stone*. Los Angeles. 28 jan. 2014. Disponível em: <https://www.rollingstone.com/culture/culture-news/pope-francis-gentle-revolution-inside-rolling-stones-new-issue-49840/>. Acesso em: 20/04/2023.

SBARDELOTTO, Moisés. *Comunicar a fé: por quê? para quê? com quem?*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

TULLIUS, Marcus. *Esperanças: a missão do agente da Pastoral da Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2021. Coleção Ecclesia Digitalis.

TULLY, Shawn. *This pope means business*. Disponível em: <https://fortune.com/2014/08/14/this-pope-means-business/>. Acesso em: 20/04/2023.

VANITY Fair *elegge Papa Francesco “uomo dell’anno”*. *Vanity Fair*, Milão, 09 jul. 2013. Disponível em: https://www.vanityfair.it/news/italia/13/07/09/cover-vanity-papa-francesco?refresh_ce=. Acesso em: 20/04/2023.

VATICAN NEWS. *Video message for the National Football League's Super Bowl*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KIjJ4BTNzUQ>. Acesso em: 30 mar. 2023.

VIGANÒ, Dário Edoardo. *Irmãos e irmãs, boa noite!:* o Papa Francisco e a nova comunicação da Igreja. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

WE ARE SOCIAL. *Digital 2020: 3.8 Billion People Use Social Media*. We Are Social, 2020. Disponível em: <https://wearesocial.com/uk/blog/2020/01/digital-2020-3-8-billion-people-use-social-media/>. Acesso em: 07 mar. 2023.

WE ARE SOCIAL. *Special Report Digital 2023: Your ultimate guide to the evolving digital world*. We Are Social, 2023. Disponível em: <https://wearesocial.com/uk/blog/2023/01/digital-2023/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

A relação entre Francisco e o mundo atual. Implicações para a Igreja latino-americana¹

Elias Wolff²

Resumo: O Papa Francisco possui um real e intenso envolvimento com as questões socioculturais que estão na ordem do dia na história da humanidade, contribuindo para a superação dos problemas constatados no mundo global. Deixa claro que o mundo é o lugar onde a Igreja deve estar e agir, pois é ali que percebemos os sinais da presença de Deus e da sua vontade salvífica. O objetivo deste estudo é verificar como Francisco contribui para que a Igreja na América Latina revigore sua postura de inserção, práxis e profecia.

Palavras-chave: Papa Francisco. Teologia. Mundo. Sociedade. América Latina.

Abstract: Pope Francis has a real and intense involvement with the sociocultural issues that are on the agenda in human history, contributing to overcoming the problems found in the global world. He makes it clear that the world is the place where the church must be and act, because it is there that we perceive the signs of God's presence and his salvific will. The objective of this study is to verify how Francis contributes for the Church in Latin America to reinvigorate its posture of insertion, praxis and prophecy.

Keywords: Pope Francis. Theology. World. Society. Latin America.

INTRODUÇÃO

A proposta do Papa Francisco para uma “Igreja em saída” a leva a situar-se no mundo para nele partilhar a “alegria do Evangelho”. Francisco entende que para isso a Igreja precisa encarnar-se na história da humanidade, assumir a práxis, que vincula teoria e ação, como o modo de ser, pensar e agir; assumir a opção pelas pessoas em situação de vulnerabilidade, dialogar e estabelecer parcerias. Desse modo, Francisco contribui para revigorar elementos presentes na teologia e na ação pastoral da Igreja na América Latina. Uma recepção do magistério do Papa Francisco na Igreja latino-americana leva a um revigoramento desses elementos, de modo que se torna também uma recepção no presente de um estilo teológico-pastoral desenvolvido entre os anos de 1970 a final de 1990, que já não se observa tão presentes na teologia e na pastoral da Igreja neste século XXI. Desse modo, o Papa ajuda a Igreja latino-americana a viver quatro fidelidades intrinsecamente vinculadas: a Deus e ao Evangelho, aos povos do continente, ao Vaticano II e à sua própria história, com ênfase no

1 Apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq Brasil, por meio da concessão de uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa - Chamada nº 09/2022.

2 Mestrado e doutorado em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana; professor e pesquisador no PPG de Teologia da PUC PR; professor visitante da Pontifícia Universidade do México; líder do Grupo de Pesquisa Teologia, Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso da PUCPR; membro da Ecumenical Water Network (Conselho Mundial de Igrejas); bolsista de produtividade do CNPq.

período pós-conciliar. Isso leva a Igreja a sentir o mundo como seu lugar de estar e agir, como ensinou o Vaticano II: as alegrias e as tristezas, as angústias e as esperanças da humanidade, em particular de quem mais sofre, como os pobres e injustiçados (GS 1), são também da Igreja.

1 PAPA FRANCISCO: CIDADÃO DO MUNDO

O Papa Francisco é, definitivamente, homem do mundo, inserido nas realidades que configuram o mundo atual, como a economia, a política, a cultura, os meios de comunicação etc. Poucos pontífices têm conseguido interagir com essas realidades como ele o faz, tratando de questões que estão na ordem do dia no mundo global. Desse modo, o seu magistério não diz respeito apenas às realidades *ad intra ecclesia*, Francisco coloca a Igreja numa verdadeira interação com o mundo atual, como “Igreja com as portas abertas” (EG 46) com duas finalidades: para acolher, receber na Igreja as pessoas e as realidades temporais como algo que também lhes dizem respeito; e para enviar, para sair em direção às pessoas e às realidades temporais. A finalidade é colocar a Igreja a serviço, como colaboradora com o mundo. Aos jovens reunidos na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro em 2013, ele incentiva:

Peço que vocês também sejam protagonistas, superando a apatia e oferecendo uma resposta cristã às questões políticas que se colocam em diversas questões do mundo. Envolvam-se num mundo melhor. Não sejam covardes, metam-se, saiam para a vida. Jesus não ficou preso dentro de um casulo. Saiam às ruas como fez Jesus (FRANCISCO, 2013).

E nisso o Papa Francisco “primeira” quando conversa com os jornalistas sobre economia, política, cultura, ecologia, sexualidade, ciência etc. Ele mostra uma Igreja atenta aos “sinais dos tempos”, sensível às vicissitudes da humanidade e disponível a contribuir para a superação de seus problemas. É importante observar que o Papa não propõe isso como algo paralelo à missão da Igreja, mas nela integrado. Falar do Evangelho é falar também dos problemas que as pessoas e os povos enfrentam, como as guerras, o desemprego, a fome, as questões éticas como a sexualidade, as pesquisas científicas etc.

A “Igreja em saída” e inserida no mundo atual tem três referências claras: Cristo e seu Evangelho que precisa ser proposto como “luz do mundo” (Jo 8,12), base do discernimento das opções que a Igreja faz dos caminhos a serem percorridos no mundo atual; a compreensão do mundo como chão, contexto sociocultural onde o Evangelho se encarna; o Vaticano II, que ainda precisa ser efetivamente recebido. Assim, o Papa Francisco procura ser fiel ao Evangelho, ao tempo atual e ao concílio. Com essas três fidelidades, o Papa vê o mundo como algo querido e amado por Deus (Jo 3,16), onde Ele se faz presente e realiza seus desígnios. Por isso a Igreja, como colaboradora da economia salvífica, tem o mundo, como lugar da sua missão, o que requer “viver a fundo a realidade humana e inserir-se no coração dos desafios como fermento de testemunho” (EG 75). Somente uma Igreja inserida no mundo, como

“Igreja em saída” é capaz de conhecer profundamente a sua missão e realizá-la com eficácia. Francisco ensina isso pelo seu próprio posicionamento corajoso sobre as situações socioculturais, políticas, econômicas e religiosas da humanidade atual. Não expressa com isso uma visão dogmática ou moral do mundo, mas pastoral e evangelizadora, buscando recuperar o “sabor da realidade” (FT 33).

2 AFIRMAÇÃO DA ESPERANÇA EM MEIO ÀS AMBIGUIDADES E CONTRADIÇÕES DO MUNDO ATUAL

Com um olhar atento ao cotidiano da história humana atual, o Papa identifica contradições e ambiguidades do mundo em que vivemos. De um lado, há progressos que favorecem o desenvolvimento da vida dos povos. De outro lado, nem todas as pessoas e povos podem usufruir de tais progressos. Isso porque “o crescimento nos últimos dois séculos não significou, em todos os seus aspectos, um verdadeiro progresso integral e uma melhoria da qualidade de vida” (LS 46). Há “sombras de um mundo fechado” (FT cap. I) em diversos campos: 1) no campo da economia, projetos econômicos excluem (EG 53-54) e fortalecem a idolatria do dinheiro (EG 55-56); 2) no aspecto social, a desigualdade gera violência (EG 59-60) e dilacera vidas, explicitando “sonhos desfeitos em pedaços” (FT 10-14); nas relações entre os povos, os “direitos humanos não são suficientemente universais” (FT 22-24), e num mundo que tem instituições para viver na paz, “a história dá sinais de regressão” com “conflitos anacrônicos” e “nacionalismos fechados” (FT 11). 3) No âmbito da cultura, o mundo atual apresenta desafios como o subjetivismo, o relativismo e o pragmatismo (EG 61; LS 122-123), a supervalorização do imediato, superficial e fragmentário (EG 62), e o pelagianismo que expressa “uma vontade sem humildade” (GE 49-51). Enfatiza-se uma cultura consumista que tem o risco de “uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada” (EG 2); 4) No campo religioso, crescem os fundamentalismos e as ameaças à liberdade religiosa (EG 61); tendências gnósticas expressam “uma mente sem Deus e sem carne” (GE 37-39), intensificando a “desertificação espiritual” (EG 86) de sociedades que “querem construir sem Deus”.

Contudo, a constatação de problemas no mundo não deve levar a um “pessimismo estéril” (EG 84-86), que causa à Igreja uma “sensação de derrota” (EG 85). Não obstante as contradições e ambiguidades do mundo, ele é amado por Deus. O olhar do mundo no magistério de Francisco é um olhar da fé em Deus que sempre dá a “possibilidade de um novo início” (LS 71), como fez com Noé. É um olhar de esperança na novidade salvífica que o Espírito de Deus possibilita: “A esperança convida-nos a reconhecer que sempre há uma saída, sempre podemos mudar de rumo, sempre podemos fazer alguma coisa para resolver os problemas” (LS 61). É com essa convicção que Francisco busca situar a Igreja no mundo como lugar da sua missão. Ela é, assim, parceira de um Deus intra-mundo.

3 REVIGORAMENTO DA RELAÇÃO DA IGREJA-SOCIEDADE NA AMÉRICA LATINA

O magistério do Papa Francisco impele a Igreja na América Latina a estreitar sua relação com a sociedade, retomando elementos teológico-pastorais que têm sido marcantes em sua história recente, dos quais dos quais destacamos:

3.1 ENCARNAÇÃO

A encarnação que expressa o humano em Jesus assumido por Deus, tem implicações para a história humana: esta torna-se lugar teológico para conhecer a Deus e sua vontade. E a encarnação torna-se paradigma para a presença da Igreja no mundo, ela é “Chamada a encarnar-se em todas as situações [...] tudo o que é humano nos diz respeito” (FT 278). O Evangelho é situado nos condicionamentos pessoais, sociais, culturais etc. do nosso tempo. Vivendo o discipulado de Jesus e tendo-o como modelo

queremos inserir-nos a fundo na sociedade, partilhamos a vida com todos, ouvimos as suas preocupações, colaboramos material e espiritualmente nas suas necessidades, alegremo-nos com os que estão alegres, choramos com os que choram e comprometemo-nos na construção de um mundo novo, lado a lado com os outros (EG 269).

A dinâmica da encarnação tem sido assumida de modo significativo por lideranças pastorais, no âmbito institucional e nas comunidades populares, em toda a América Latina sobretudo entre as décadas de 1970 a 1990. A Igreja assumia como sua as “periferias geográficas e existenciais”. O lugar da Igreja é o lugar mais humilde entre os humildes, como serviço para que o senhor ali realize “grandes coisas” (Lc 1, 51s) que concretizem o Reino. Desse modo, a Igreja contribui para que a história dos povos do continente seja introduzida no mistério de Deus amor, libertador, da “vida em abundância” (Jo 10,10). Pela encarnação a Igreja mostra que assim como a ação do Espírito no mundo perpassa todas as situações sociais, “A sua redenção tem um sentido social, porque ‘Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens’” (EG 178). Somente uma Igreja encarnada na história atual torna-se sinal dessa verdade de fé.

3.2 REVIGORAMENTO DA PRÁXIS

O Papa Francisco é homem da práxis, que vincula teologia e ação de modo convicto e com incidência na realidade. Contribui, assim, para que se revigore na Igreja latino latino-americana o primado da práxis, que tem sido afirmado como eixo hermenêutico do pensar teológico. Este nasce na práxis e conduz à práxis. “A *prática cristã*, como lugar de produção do sentido da mensagem cristã e, ao mesmo tempo, como lugar de verificação dessa mensagem” (GEFFRÉ, 1989, p. 28).

O magistério de Francisco fala em “primeirizar” nas atitudes proféticas, aproximar-se das pessoas, olhar nos olhos, tocá-las. Tudo indica atitude, ação, como expressão da práxis evangelizadora. Dessa práxis se constrói o pensar da fé, de modo que temos “*A prática cristã*, como lugar de produção do sentido da mensagem cristã e, ao mesmo tempo, como lugar de verificação dessa mensagem” (GEFFRÉ, 1989, p. 28). É o que afirma a tradição teológica latino-americana: a práxis é “o lugar do trabalho produtivo teológico” (LIBANIO, 1987, p. 164). A teologia afirma-se na práxis em dois principais horizontes: a) epistemológico, como aspecto formal do pensamento da fé, com engajamento no mundo, nas comunidades de fé e no movimento ecumênico; b) no conteúdo da fé, quando ao pronunciar conceitos como Deus, Jesus Cristo, Reino, Igreja, Justiça o faz com sentido porque discute a natureza, o valor evangélico, a qualidade cristã das opções em jogo (LIBANIO, 1987, p. 117-118). Recuperar e revigorar esse princípio é também uma exortação do magistério de Francisco para a Igreja hoje.

3.3 A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES

Em seu magistério, o Papa Francisco afirma a opção preferencial pelos pobres na Igreja Universal. A fundamentação é teológica, está no reconhecimento do rosto do próprio Cristo nas pessoas pobres:

Nós, cristãos, além do mais, temos outro motivo, e maior, para amar e servir os pobres, pois neles, temos o rosto, vemos o rosto e carne de Cristo, que ‘Se fez pobre para nos enriquecer com a sua pobreza’ (cf. 2 Cor 8,9) os pobres são a carne de Cristo (FRANCISCO 2015a).

Desse modo, Francisco estimula a Igreja na América Latina a revigorar a opção preferencial pelos pobres, central nas Conferências do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM, 1968, n. 14.8-14.18; 1979, n. 1134-1165; 2007, n. 391-398). A Igreja sente o clamor dos pobres, carentes de bens materiais e também de plena participação social e política. É chamada a identificar as situações mais graves na vida dos povos latino-americanos que interpelam a fé e o agir da Igreja, como a pobreza, o desemprego, a fome, a violência, a discriminação.

De fato, pesquisas mostram que os pobres na América Latina equivalem a 32,1% da população (201 milhões), dos quais 13,1% (82 milhões) vivem em situação de pobreza extrema (CEPAL, 2022). Com a pandemia da COVID 19, a fome e a miséria se intensificam ainda mais em todo o continente, agravando as situações já precárias das pessoas pobres, que em geral vivem nas periferias e nas ruas das grandes cidades.

Esse é um dado alarmante, que exige da Igreja latino-americana uma efetiva solidariedade evangélica integrada com o princípio da justiça. A missão tem, assim, uma dimensão sociopolítica, denunciando as causas da pobreza social, os projetos econômicos e políticos de “um mundo fechado”, pois “A globalização da esperança, que nasce dos povos e cresce entre os pobres, deve substituir esta globalização da exclusão e da indiferença” (FRANCISCO,

2015b). Fundamental é que a Igreja não o faça sozinha, mas com os pobres, basta de obras assistencialistas que deixam as pessoas pobres numa situação de passividade (FT 187). Pois “O diálogo não se deve limitar a privilegiar a opção preferencial pela defesa dos pobres, marginalizados e excluídos, mas há de também respeitá-los como protagonistas” (QAm 27). Assim, a prática da caridade assistencial deve ser algo provisório, enfrentando situações emergenciais. A caridade verdadeira dá à pessoa condições para garantir a própria existência, pelo trabalho digno (LS 128).

3.4 DIÁLOGO E PARCERIA

O Papa Francisco assume o ensino conciliar de diálogo com o mundo (GS 40.43), valoriza-o, reconhece a autonomia das realidades temporais e a liberdade de consciência. A Igreja não se coloca no mundo como mestra da verdade, mas parceira na sua busca, com algo a contribuir, mas também disposta a aprender da história humana, das ciências, das culturas (GS 44.57.58). E vitaliza com sua fé essas realidades, como “fermento e como alma da sociedade” (GS 40).

Desse modo, o Papa abandona uma missão espiritual que reivindica domínio e superioridade em relação ao mundo. Para ele a missão manifesta-se parceira e aprendiz, sobre as questões do mundo, “A Igreja não tem motivo para propor uma palavra definitiva e entende que deve escutar e promover o debate honesto entre os cientistas, respeitando a diversidade de opiniões” (LS 61):

Não só os crentes, mas todos aqueles que são motivados pelo bem sabem como é necessário o diálogo em todas as suas formas. Dialogar não serve apenas para prevenir e resolver conflitos, mas para fazer emergir os valores e as virtudes que Deus inscreveu no coração de cada homem e evidenciou na ordem da criação. Procurar e explorar todas as oportunidades de diálogo não é apenas uma forma de viver ou coexistir, mas sim um critério educativo (FRANCISCO, 2019).

Nesse sentido, Francisco fortalece o diálogo da Igreja com as culturas, as ciências, as diferentes tradições cristãs e as religiões. É o processo sinodal, vivido concretamente (COLET, 2023). Com esse diálogo amplo, a Igreja estabelece parcerias por um mundo melhor. Há três desafios prementes com os quais a Igreja é chamada a fortalecer sua postura de diálogo no mundo:

a) *As ciências e o desenvolvimento tecnológico.* o mundo atual é regido pelo conhecimento científico. Os meios de comunicação e de transporte, a engenharia técnica de produção nas indústrias e na agricultura, as pesquisas sobre a vida e a saúde humana que possibilitam o prolongamento da existência, a inteligência digital e artificial que permite às pessoas terem mais tempo para o lazer e o estudo. Enfim, as descobertas das ciências mudam constantemente o estilo de vida das pessoas e das sociedades. A Igreja não pode deixar de acolher e estimular os progressos das ciências que expressam e possibilitam verdadeiro desenvolvimento humano.

O Papa Francisco entende que ciência e fé não se opõem, e o diálogo entre fé, razão e ciência (EG 242-243), “eleva o ser humano até ao mistério que transcende a natureza e a inteligência humana” (EG 242). Por isso, é fundamental “o encontro entre a fé, a razão e as ciências, que visa desenvolver um novo discurso sobre a credibilidade” (EG 109) da fé cristã e da Igreja hoje, “que ajude a criar as predisposições para que o Evangelho seja escutado por todos” (EG 132). Então a Igreja sente-se no dever de acompanhar no espírito de fé as pesquisas científicas, a fé também tem algo a dizer sobre o desenvolvimento científico, e torna-se critério para cientistas crentes.

b) *O processo de secularização.* Num mundo secularizado e com ares de ateísmo, questiona-se a necessidade e a eficácia da instituição religiosa na orientação da relação com Deus. Secularização não se opõe à fé ou religião, mas nesse contexto muitas pessoas já não cultivam a crença no divino, nem dele sentem-se “imagem” (Gn 1,26). Mesmo quem tem fé pergunta: “para que serve a Igreja”? e cresce o número de quem faz uma ruptura entre cultura secular e vivência religiosa. Francisco ensina que “no mundo de hoje, há inúmeros sinais da sede de Deus, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressos implícita ou negativamente” (EG 86). O Papa respeita os questionamentos críticos que a Igreja recebe, reconhecendo humildemente que muitos procedem. Sabe que para algumas pessoas, a secularização leva a crises e afastamento da fé e mesmo à perda da fé. Mas “Deus não Se esconde de quantos O buscam com coração sincero, ainda que o façam tateando, de maneira imprecisa e incerta” (EG 71).

3) *O pluralismo eclesial e religioso.* Outro desafio ao diálogo é representado pelo pluralismo eclesial religioso. Ao longo da história, a Igreja foi se afirmando como meio indispensável para a experiência da graça divina. Mas por longo tempo se afirmou como *único meio* da graça. Essa postura é hoje questionada pelo pluralismo de Igrejas e de religiões, que não mais se tolera tal pretensão de unicidade ou exclusividade na mediação da relação com Deus. O magistério de Francisco possibilita um ensino religioso que contemple as riquezas dos diferentes credos (WOLFF; TREVISAM, 2021).

O Papa Francisco reafirma o ensino do Vaticano II sobre o ecumenismo e o diálogo das religiões. O Vaticano II valoriza a fé cristã vivida nas diferentes Igrejas (*Unitatis redintegratio*), reconhece elementos de “verdade e santidade” (NA 2) nas religiões, propõe o diálogo inter-religioso (*Nostra aetate*) e afirma o princípio da liberdade religiosa (*Dignitatis humanae*). A Igreja não exaure o mistério em suas doutrinas, e nem o transmite de forma clarividente na sua missão. E pode aprender das diferentes Igrejas e religiões, que entendem o mundo e a história humana na perspectiva de suas crenças, o que lhes confere certa sacralidade uma vez vinculados com a realidade divina.

Encarnação, práxis, opção preferencial pelos pobres e diálogo são quatro critérios que Francisco propõe para uma relação autêntica da Igreja com o mundo hoje. São elementos já não tanto presentes na Igreja da América Latina como até em tempos recentes, e o magistério de Francisco estimula ao seu revigoramento.

4 TEMAS FRONTEIRIÇOS PARA A IGREJA NO MUNDO ATUAL

Para bem situar-se no mundo, a Igreja precisa fazer um grande esforço de diálogo e, se preciso for, rever seu posicionamento sobre algumas questões que estão na ordem do dia na vida do mundo. Ela precisa dialogar sobre questões éticas como a família e a sexualidade humana, rever doutrinas relativas ao pecado original, o celibato do clero, a não ordenação de mulheres. São alguns entre os tantos temas sobre os quais os argumentos tradicionais da Igreja carecem de sentido atualmente, e também questionam sua fundamentação bíblica e teológica. Tais questões já foram apresentadas diversas vezes, mas não são suficientemente respondidas, e as retomamos como “fronteiras eclesiais no pontificado de Francisco” (WOLFF; COLLET 2019), tendo por base as provocações de Hans Kung (2013, p. 129-164).

a) *As ciências*: historicamente, a Igreja resistiu ao desenvolvimento das ciências. Colocou Copérnico no Índice de livros proibidos (1616); Giordano Bruno na fogueira (1600); obrigou Galileu Galilei à prisão domiciliar (após exigir que abjurasse seus “erros” - 1633); teve dificuldades com Charles Darwin (1809-1882). Galileu Galilei foi reabilitado por João Paulo II (1982), mas permanece a questão se a Igreja de fato assumiu ter errado na condenação que lhe fez. A Igreja teve resistência ao mundo moderno e afirmou uma apologética controversa. Ainda hoje ela não é tranquila com o progresso secular ou racional, a “razão progressiva” (KUNG, 2013, p. 141) da sociedade. Mas as ciências, a tecnologia e a indústria impulsionam o mundo atual industrializado e urbanizado, e a Igreja tem dificuldades para entender seu lugar nesse contexto. Não harmoniza com a fé os novos tempos iluminados pela razão e a ciência. Por isso é comum hoje encontrar lideranças, sobretudo párocos, vivendo em grandes centros urbanos, mas com mentalidade e linguagem do mundo rural, descontextualizado do ambiente em que se encontra. Religiosamente, essas pessoas mantêm no século XXI imagens medievais sobre Deus, céu, santidade e inferno.

b) *A sexualidade*: outro tema delicado para a Igreja é a sexualidade, sobre o qual a Igreja ainda não consegue tratar com serenidade. Agostinho, com uma hermenêutica discutível de Rm 5,12, vinculou o pecado “de Adão” ao sexo, entendendo a existência de um “pecado original” transmitido pelo ato sexual, “pela carne”. O ato sexual foi associado à concupiscência egocêntrica, e isso marcou negativamente a sexualidade, sendo o prazer sexual permitido apenas para a procriação. Tal fato é inconcebível pela sociedade atual. A Igreja sente-se constrangida quando constata uma direta negação da parte de fiéis daquilo que ela ensina sobre a sexualidade humana. Os anos 60 do século XX viveram uma verdadeira revolução nesse campo, movida pela invenção dos métodos contraceptivos e pelo movimento cultural sobretudo dos jovens. As mulheres ganharam força na reivindicação de autodeterminação na vida sexual. O Papa Paulo VI fez forte oposição a tal movimento com a encíclica *Humanae vitae*, retomando Agostinho, postura reafirmada com João Paulo II e Bento XVI, mantendo a oposição aos meios anticoncepcionais, à inseminação artificial, às pesquisas com células-tronco e a toda forma de aborto.

Naturalmente, a Igreja não precisa apoiar a corrente do liberalismo sexual tão em voga hoje. Contudo, percebe que não pode mais determinar a vida sexual da sociedade a partir

da doutrina moral. Ao mesmo tempo que tem liberdade para orientar seus fiéis, também precisa se posicionar com serenidade frente às pessoas do século XXI que se consideram adultas, livres e responsáveis sobre a própria sexualidade. Mais delicada mostra-se a questão do aborto, sobretudo quando membros da Igreja se posicionam a favor da sua descriminalização ou se integram no movimento *Católicas pelo direito de decidir*, existente no Brasil desde 1993, lutando contra padrões culturais e religiosos que inibem sua autonomia e liberdade, sobretudo no que diz respeito ao exercício da sexualidade e da reprodução.

c) *Celibato do clero*: outro tema ligado à sexualidade é o celibato do clero e a negação do sacerdócio para as mulheres. O celibato não permite ao clero latino viver a vida comum das demais pessoas com família própria, e expressa uma pretensão de “perfeição” moral superior, bem como uma santidade em nível mais elevado que a dos outros batizados. Mas é inegável que não poucos homens sentem-se vocacionados ao sacerdócio e não ao celibato, e por isso muitos abandonam a vocação ministerial para não transgredir a uma disciplina eclesiástica. A Igreja é desafiada a possibilitar opções na vida sacerdotal, com liberdade para ser celibatária ou não, ciente que o valor do sacerdócio é o que precisa ser afirmado na vida dos vocacionados, e não mais condicionar esse valor à disciplina eclesiástica do celibato.

d) *Ordenação de mulheres*: sobre a ordenação de mulheres, a Igreja Católica diz não poder introduzir tal costume porque compreende que isso não é da vontade de Cristo para a sua Igreja (PAULO VI, 1976, p. 599-600; JOÃO PAULO II, 1994)³, pois entende que Ele chamou apenas homens para o ministério ordenado. A questão é controversa, tanto bíblica quanto teologicamente. A pretensão do Papa João Paulo II de dar um pronunciamento “definitivo” sobre a questão, não condiz com o fato de que ela é retomada com frequência em diferentes espaços eclesiais e em diferentes modos. As mulheres estão assegurando seu lugar e ação na sociedade: elas estão coordenando universidades, são referências no mundo da cultura e da economia, são chefes de Estados. Hoje é incompreensível como a mulher pode governar um país, mas não pode estar à frente do governo de uma paróquia – como também de uma diocese e da Igreja universal. O discurso de igualdade de gênero não supera a postura sexista da ação e organização da Igreja. A questão é mais complexa do que a ordenação de mulher. Trata-se da afirmação do *status* eclesial pleno da mulher, com um reconhecimento da igual dignidade cristã em relação ao homem.

e) *Liberdade*: não obstante o fato de o Vaticano II afirmar o princípio da liberdade social, religiosa, de consciência, ainda hoje é preciso compreender como se estrutura a

3 Observe-se, porém, que a questão é debatida no interior da Igreja Católica, com vozes favoráveis à ordenação feminina, como a manifestação do Bispo estadunidense (Byerne) no Sínodo dos Bispos de 1971: “nenhum argumento pode ser aduzido para excluir a mulher do ministério eclesiástico” (*Apud*, KLOPPENBURG, 1973, p. 357). No Brasil, essa tendência foi mais explícita em L. BOFF, afirmando que “não há argumentos teológicos decisivos contra a ordenação da mulher, só disciplinares” (*Eclesiogênese*, 1977, p. 88). Na década de 80, realizou-se uma série de correspondências entre católicos e anglicanos acerca da questão (*Il Regno Documenti*, 15 [1986] 450-454). O tema é bem atual na teologia católica, de modo que “muitos católicos, e precisamente não apenas mulheres, mas também homens, não conseguem mais compartilhar o ponto de vista eclesial de não admitir mulheres ao sacramento da ordem” (KASPER, 2012, p. 379). A discussão acontece hoje também no Brasil (WOLFF; COLLET 2019, p. 193-195; WOLFF, 2017).

liberdade interna na Igreja. Ela tem dificuldades com o tema da liberdade e da democracia em seu próprio interior. A liberdade de pensamento sofreu dura repressão no pontificado de São João Paulo II, expressando uma “Igreja do silêncio, da censura, do medo” (BALLÉS, 1998, p. 18). Teólogos/as foram silenciados/as temporariamente ou perderam a cátedra definitivamente. Nas relações internas, o princípio da hierarquia deixa pouco espaço, se é que de fato o deixa, para o exercício da democracia. Estranha-se que o conceito democracia não seja considerado como o mais adequado para expressar as relações internas. Pronunciamentos oficiais declaram categoricamente que a Igreja não é uma democracia, como se o estímulo a uma “vida participativa” na comunhão eclesial fosse algo estranho ao que a sociedade chama por “vida democrática”. Espiritualiza-se a ideia de comunhão justificando a falta de equidade nas possibilidades de participação. A democracia, como participação entre iguais, vale para a sociedade, mas não para a Igreja, por entender teologicamente o centramento na hierarquia como algo que deve ser aceito porque é de *iure divine*. Com isso, a Igreja em muitos ambientes é identificada com o clero, numa explícita contradição sobre o que é comunhão no povo de Deus. O povo é Igreja de um modo marginal em relação aos ministros ordenados. Por isso soa como “natural” que o laicato e as mulheres não participem das instâncias de decisões.

São algumas das questões fronteiriças hoje, que exigem da Igreja uma postura plausível de acolhida pelas comunidades de fé e pela sociedade. O Papa Francisco tem presente tais questões, e é disposto a dialogar sobre elas. Reiteradas vezes ele tem dito que mesmo como Papa não tem o direito de julgar pessoas que optam por uma vida sexual em desacordo com as orientações da moral católica; estimula as pesquisas científicas que contribuem para o desenvolvimento integral das pessoas e dos povos. O Sínodo sobre a Sinodalidade amplia a compreensão de comunhão com uma efetiva presença e atuação do laicato, contando com mulheres. Mas não basta boa disposição. É preciso que aconteçam também mudanças disciplinares que tenham incidência numa nova organização da Igreja, em suas diversas instâncias, das estruturas curiais às comunidades paroquiais. Isso ainda não se verifica, e estamos distantes do tempo de vermos a Igreja dar passos concretos num caminho de comunhão e participação como o sínodo sobre sinodalidade propõe.

CONCLUSÃO

A Igreja precisa integrar a experiência do mundo na ideia que ela faz de si mesma. Ela precisa sentir-se povoada, inculturada, condicionada pelo seu lugar social e o tempo em que vive. Não se trata de confundir-se com os elementos socioculturais, mas de entender a historicidade constitutiva do ser e agir eclesial, mostrando que a fé cristã se relaciona com o mundo e as questões contemporâneas, e isso implica na configuração da Igreja. Trata-se de um engajamento nos contextos nos quais se colhe o dado revelado que a Igreja crê e prega. Em sua dimensão social, humana e institucional, a Igreja não é uma realidade abstrata, como se “viesse de fora” em tudo o que a configura historicamente. A Igreja se faz mundo para que nele possa ser mediadora do projeto do Reino; falar do Evangelho com plausibilidade de

entendimento e de acolhida; exercer a diaconia como testemunho do discipulado e do seguimento de Cristo. Assim, a Igreja é “sal da terra” e “luz” do mundo” (Mt 5, 13-14).

É nessa direção que entendemos como hoje o Papa Francisco estimula na Igreja da América Latina à encarnação, à práxis, à opção pelos pobres e ao diálogo. Com esses elementos a Igreja transmite a mensagem do Evangelho por formas que não são estranhas à experiência concreta das pessoas nas sociedades latino-americanas. Pois ela mesma é parte integrante da sociedade. A fé cristã é, então, assumida concretamente nesse continente na medida em que os fiéis integram em sua existência a experiência eclesial, espiritual, e a experiência do mundo em que vivem.

REFERÊNCIAS

- BALLÉS, Carlos González. *Querida Igreja*. São Paulo: Paulus, 1998.
- BOFF, Leonardo. *Eclesiogênese. A reinvenção da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- COLET, Raquel de Fátima. “Sinodalidade e diálogo: imperativos ecumênicos para o “caminhar juntos” a partir do sínodo 2021-2024”. *Caminhos de Diálogo*, n. 11, v. 18, 2023, p. 92-102
- COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE (CEPAL). *Panorama Social da América Latina e do Caribe 2022*. Disponível em <https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/cepal-alerta-que-taxas-pobreza-america-latina-2022-se-mantem-acima-niveis-pre-pandemia>. Acesso em 20 jul. 2023.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituições, Decretos, Declarações*. 31ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Medellín*. São Paulo: Paulinas, 1968.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii gaudium. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual* (EG). São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal, Querida Amazônia. Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade*. São Paulo: Paulinas, 2020
- FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Laudato Si’. Sobre o cuidado da casa comum* (LS). São Paulo: Paulinas, 2015.
- FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Fratelli tutti. Sobre a fraternidade e a amizade social* (FT). São Paulo: Paulinas, 2020.
- FRANCISCO, Papa. “Discurso no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares”, (Bolívia, 9/07/2015). Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/Papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html. Acesso em 27 jul. 2023.
- FRANCISCO, Papa. “Discurso na Universidade Lateranense, Roma, pela ocasião da inauguração da mostra ‘Caligrafia para o Diálogo: Promover a cultura da paz através da cultura e da arte’, em memória do Cardeal Jean-Louis Tauran”, (Roma, 09/07/2019). Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/>

pt/speeches/2019/october/documents/Papa-francesco_20191031_mostra-calligrafia.html. Acesso em 27 jul. 2023.

FRANCISCO, Papa. “Saudação e homilia aos jovens na XVIII Jornada da Juventude”, (Rio de Janeiro, 27/07/2013). https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/Papa-francesco_20130725_gmg-giovani-rio.html. Acesso em 27 jul. 2023.

FRANCISCO, Papa. “Discurso no encontro com os representantes da sociedade civil”, (Assunção, Paraguay, 11/07/2015). Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/Papa-francesco_20150711_paraguay-societa-civile.html. Acesso em 27 jul. 2023.

GEFFRÉ, Claude. *Como fazer teologia hoje. Hermenêutica teológica*. São Paulo: Paulinas, 1989.

JOÃO PAULO II. Carta apostólica, “Sobre a ordenação sacerdotal reservada somente aos homens”. Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19940522_ordinatio-sacerdotalis.html. Acesso em 27 jul. 2023.

KASPER, Walter. *Chiesa Cattolica. Essenza, realtà, missione*. Brescia: Queriniana, 2012.

LIBANIO, João B. *Teologia da libertação. Roteiro didático para um estudo* (Loyola, São Paulo 1987)

KLOPPENBURG, Boaventura. “Conversações ecumênicas sobre o Ministério”. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 33, n. 130, 1973, p. 324-363.

KUNG, Hans. *A Igreja tem salvação?* São Paulo: Paulus, 2013.

PAULO VI, *Summi Pontificis rescriptum ad litteras Suae Gratiae Rev.mi doctoris Friderici Donaldi Coggan, Archiepiscopi Cantuariensis, de sacerdotali mulierum ministerio*, de 30/11/75, in AAS 68 (1976) 599-600.

WOLFF, Elias; COLLET, Raquel de Fátima. “Fronteiras eclesiais no pontificado de Francisco”. *Cultura Teológica*, v. 27, n. 93, 2019, p. 184-208.

WOLFF, Elias. “Ordenação de mulheres no debate teológico no Brasil: questões para a Igreja “casa de todos/as”. *Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: EST, v. 5, 2017, p.186-203.

WOLFF, Elias; TREVISAN, Tiago. “O Ensino Religioso e a *Laudato si'*: perspectivas e possibilidades”. *Caminhos de Diálogo*, v. 9, n. 14, 2021, p. 99-109.

A influência da Teologia do Povo sobre o Magistério do Papa Francisco

Irineu Claudino Sales¹

Resumo: Partindo do pressuposto da inegável influência da Teologia do Povo no pensamento do Papa Francisco, nosso objetivo é demonstrar pontos convergentes entre a Teologia do Povo e o magistério do atual pontífice. Os resultados da investigação bibliográfica apontam que é possível designar a influência da Teologia do Povo na vida e missão do Papa Francisco em três grandes vias: a opção pelos pobres, a opção pelo povo e a valorização da piedade popular. Conclui-se que o Papa Francisco é influenciado pela Teologia do Povo, ainda que não explicita isso e nem queira absolutizar tal proposta como único caminho válido para Igreja.

Palavras-chave: Teologia do Povo. Papa Francisco. Opção pelos pobres. Piedade Popular. Povo.

INTRODUÇÃO

Pensando que toda teologia é contextual, nos propomos a refletir sobre a influência da Teologia do Povo no ministério do Papa Francisco, tendo em vista que esta fez parte do seu contexto de formação intelectual e sempre influenciou nas suas práticas e escolhas pastorais. Tomamos como base os estudos do teólogo jesuíta argentino Juan Carlos Scannone, que possui uma obra intitulada *A Teologia do Povo: Raízes teológicas do Papa Francisco* (2019). Além de fazer uso de outros referenciais teóricos sobre a Teologia do Povo, enquanto um ramo da teologia autenticamente latino-americana que é a Teologia da Libertação.

No caminho argumentativo texto está dividido em quatro partes: a Teologia do povo, a opção pelos pobres, a escuta das periferias e apontar três possíveis vias de aproximação entre Teologia do Povo e o magistério do Papa Francisco. Relacionando o Papa Francisco com a Teologia do Povo desejamos compreender melhor o atual Sumo Pontífice, bem como tentar desvendar possíveis novidades para toda a Igreja, que possam surgir desta relação.

1 A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E SUAS EXPRESSÕES: PERUANA E BRASILEIRA; ARGENTINA – DO POVO.

Na América Latina, no ano de 1968, após o Concílio Ecumênico Vaticano II, aconteceu a Conferência Episcopal de Medellín, que foi uma recepção criativa das inspirações do Vaticano II. Em Medellín, foram lançadas as bases da Teologia da Libertação, mais tarde

¹ Mestrando em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE; bolsista CAPES, membro do grupo de pesquisa Teologia e Pastoral. Licenciado em Filosofia (Faculdade Salesiana de Vitória - ES). claudino.i.sales@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1077-9954>.

sistematizada por Gustavo Gutiérrez em sua obra intitulada *Teologia da libertação: perspectivas*, lançada em 1971.

A Teologia da Libertação foi o substrato para o surgimento de novos ramos teológicos, daí queremos destacar apenas duas vertentes, a Teologia da Libertação peruano-brasileira e a Teologia da Libertação argentina, também conhecida como Teologia do Povo. Quanto ao surgimento do nome Teologia do Povo e seu conceito citamos: “teologia argentina do povo, um nome que Juan Luis Segundo deu a ela, ao criticá-la, e que Sebastián Politi também adotou, porém tornando-se o seu defensor. Gutiérrez a caracteriza como ‘uma corrente com características próprias dentro da teologia da libertação’[...]” (SCANNONE, 2019, p. 32).

É importante observar que na Teologia da Libertação é possível falar de teologias ou ramificações teológicas. “Habitualmente aceita-se uma distinção entre duas expressões da teologia da libertação na América Latina. Por um lado, há a versão argentina, e, por outro lado, a versão mais comum, inspirada sobretudo na linha peruano-brasileira” (COMBLIN, 2011, p. 104). Tendo em vista essas duas expressões da Teologia da Libertação, somos convidados a distinguir as particularidades de cada uma delas. “A diferença estaria nas mediações. A primeira recorre à mediação da história político e cultural da América Latina, ou, no caso da Argentina; a outra usa à mediação de ciências sociais, sobretudo do marxismo” (COMBLIN, 2011, p. 104).

Pensando nas mediações percebemos que na Teologia da Libertação peruano-brasileira se admitiu o uso da metodologia marxista, enquanto tal metodologia não foi admitida na Teologia do Povo – Argentina. “Na verdade, o que diferencia a Teologia da libertação da *Teología del Pueblo* é que na Argentina nunca foram utilizadas nem a metodologia marxista de análise da realidade, nem categorias tomadas do marxismo” (Cf. SCANNONE, 2013)” (DANTAS, 2019, p. 70).

É importante destacar uma observação do teólogo da libertação José Comblin: “[...] o recurso a temas marxistas é mais uma ilustração simbólica do que instrumentalização real, pois em lugar algum as categorias marxistas entram na exposição teológica” (COMBLIN, 2011, p. 105).

Outra diferença entre essas duas expressões da Teologia da Libertação está no enfoque em que a Teologia do Povo – Argentina deu à fé popular, entendida como fruto de uma piedade popular. Na versão peruano-brasileira, o aspecto da fé popular era tido como subtendido, no entanto, na Teologia do Povo – Argentina isso ficou explícito desde o início.

Nela [Teologia do Povo] existia a consciência de estar obrigada à opção preferencial pelos pobres como também a fé popular, e nos pobres se via provocada a fazer referência ao encontro libertador com Deus. A tal teologia estava e está próximo Jorge Mario Bergoglio” (WERBICK, 2019, p. 17).

Neste contexto efervescente na América Latina, do surgimento da Teologia da Libertação e estruturação da Teologia do Povo, foi ordenado presbítero o jovem Bergoglio, na época com 33 anos de idade. Já como pontífice em uma entrevista concedida a Spadaro, o Papa Francisco admite a influência em seu pensamento do padre Lucio Gera, considerado o fundador da Teologia do Povo (DANTAS, 2019, p. 70). “Durante a sua entrevista com Antonio Spadaro, o Papa Francisco fala explicitamente de Lucio Gera, além de Henri de Lubac e Michel de Certeau, como alguns dos teólogos mais significativos para ele” (HÜNERMANN, 2019, p. 19).

2 O PAPA FRANCISCO E O CERNE DA TEOLOGIA DO POVO: A OPÇÃO PELOS POBRES

Na Conferência de Medellín, a Igreja na América Latina deu um passo além do Concílio Vaticano II, foi sensível à realidade sofrida do povo latino-americano, que se via mergulhado na situação desumana de subdesenvolvimento. Em Medellín a Igreja assumiu a opção pelos pobres, que é o centro de toda Teologia da Libertação, bem como da Teologia do Povo – Argentina.

Como afirma Comblin: “Ser pobre na América Latina, ser ‘povo’, é não ser nada, ser marginalizado e explorado – é ser tido como objeto que se usa quando se precisa e se rejeita quando é desnecessário” (COMBLIN, 2011, p. 106). Neste contexto de marginalização, a Teologia da Libertação assume que a evangelização deve tomar como principal tarefa a opção pelos pobres e a sua libertação integral.

Quais são os pobres de Jesus Cristo? No tempo de frei Bartolomeu eram os índios. E hoje? Os evangelhos mostram Jesus em busca dos seus pobres: ele envia seus apóstolos para as ovelhas perdidas do povo de Israel. Quais são hoje as ovelhas perdidas do povo de Israel? Com certeza os mesmos que aparecem no seu discurso em Mt 11: cegos, aleijados, leprosos, surdos e pobres, que resume todas as outras categorias. Nos evangelhos essas palavras de Jesus recebem destaque particular, o que mostra que estão muito vivas na consciência da primeira comunidade, e que constituem a orientação básica para o comportamento dos primeiros discípulos (COMBLIN, 2011, p. 242).

O Evangelho de Jesus Cristo continua sempre atual e deve ser sempre o parâmetro para nosso proceder de discípulos missionários, no entanto, exige de nós uma atualização constante de seus princípios no hoje da história humana. Daí precisamos refletir: quem são os pobres de nosso tempo? A quem o Evangelho escolhe como os prediletos de Deus?

Um conceito clássico de pobre é: são todos aqueles que sofrem de fundamental carência econômica, privados de bens materiais necessários para uma existência digna (BOFF; PIXLEY, 1986, p. 19). No entanto, percebemos que o conceito de pobre transcendeu os limites socioeconômicos e se refere também a todos os que habitam as “periferias”, sejam elas

geográficas ou existenciais, como bem aponta o Papa Francisco em sua Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* (2013).

A compreensão de pobre hoje não pode se restringir apenas ao aspecto econômico, é preciso ampliar o conceito de pobre para todos aqueles e aquelas que são vítimas do mundo pós-moderno, vítimas de algum tipo de opressão. Falamos dentro da categoria dos pobres reais, de “pobrezas” de outras espécies que a socioeconômica, falamos de “pobrezas” de caráter sociocultural².

A Teologia do Povo, como expressão da Teologia da Libertação, faz a opção pelos pobres para tirá-los da condição de pobreza. O intuito é promover a libertação integral, fazendo os pobres deixarem o lugar de vítimas para se tornarem os sujeitos de sua própria libertação.

Sobre os pobres e a Igreja, o Papa Francisco enfatiza na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, seu programa de governo: “Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar “ (EG n. 198). E o Pontífice continua, “Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos sozinhos!” (EG n. 48). No rosto do pobre resplandece o rosto flagelado de Jesus Cristo clamando por ressurreição. O Papa Francisco relembra a toda Igreja a evangélica opção preferencial pelos pobres, opção basilar e sempre em destaque na Teologia do Povo – Argentina.

Para a Teologia do Povo, como o próprio nome já indica, a categoria povo ganha grande relevância. Dentro da chamada “‘escola argentina’ o povo não é compreendido tanto a partir do território ou da classe social como a partir da cultura como ‘estilo de vida comum do povo’” (SCANNONE, 2019, p. 27). O povo não é compreendido como uma grande massa de manobra, mas é reconhecido no seu potencial como agente transformador da realidade e do destino de sua história.

[...] os pobres que, pelo menos de fato, na América Latina, são os guardiões da cultura própria de seu povo, enquanto sujeitos estruturantes de sua maneira de conviver: são os seus interesses que coincidem com um projeto histórico de justiça e de paz (SCANNONE, 2019, p. 26).

Na Teologia do Povo reconhece-se o valor da piedade popular e seu potencial evangelizador. O tema da piedade popular perpassou o Documento de Medellín, o Documento de Puebla e ganhou definição³ na Exortação pós-sinodal *Evangelii nuntiandi* (1975).

Por um lado, com efeito, considera-se a religião [...] na esteira de Paul Tilich, como o núcleo da cultura de um povo e, por outro, dessa

2 Mencionamos como exemplos de pobreza sociocultural: “a discriminação racial, a étnica e a sexual. [...] a das minorias estrangeiras, religiosas ou homossexuais; a dos deficientes físicos e mentais; a dos anciões etc. [...] Trata-se dos negros, dos índios e das mulheres” (BOFF; PIXLEY, 1986, p. 27).

3 O Papa Paulo VI apresenta a seguinte definição: “Se essa religiosidade popular, porém, for bem orientada, sobretudo mediante uma pedagogia da evangelização, ela é algo rico de valores. [...] nós chamamos-lhe de bom grado ‘piedade popular’, no sentido religião do povo, em vez de religiosidade” (EN n. 48).

vez Paulo VI, faz-se referência à piedade ‘dos pobres e dos simples’ (SCANNONE, 2019, p. 30).

3 OUVIR AS PERIFERIAS: OS POBRES DE ONTEM E DE HOJE.

O Papa Francisco, primeiro pontífice latino-americano, declarou-se na sua primeira aparição pública como “o Papa do fim do Mundo”. Com tal expressão se destaca um movimento de abertura, de uma Igreja predominantemente eurocentrada para uma Igreja que ao buscar o novo Papa na Argentina, nos revela o desejo de uma verdadeira catolicidade. Ele é “o primeiro Papa proveniente da América Latina e com ele as periferias do sul do mundo são postas no centro da Igreja, permitindo entender melhor como a sua universalidade não possa deixar de colocar, em primeiro plano, os mais pobres [...]” (REPOLE, 2019, p. 42).

O fato de o Papa Francisco ser argentino e lá ter vivido a maior parte do seu ministério ordenado, em si já é um sinal de que é preciso ouvir as periferias. Com Francisco a Igreja se abre para acolher o comando de alguém que não vem do grande centro do catolicismo europeu. Papa Francisco vem não só do “fim do mundo”, mas vem também das “periferias” da Igreja Latino-americana. As vozes das periferias agora podem reverberar no coração da Igreja, pois o Bispo de Roma tem suas raízes fundamentadas na evangélica opção pelos pobres, e sua biografia de vida demonstra que ele sempre esteve atento ao clamor dos oprimidos.

Isso não significa que as perspectivas oferecidas por Francisco estejam privadas de certa originalidade. Pode-se, ao contrário, afirmar que elas remontam ao lugar do qual Jorge Mário Bergoglio provém [...] Elas carregam, além disso, a herança daquela especial versão da teologia latino-americana que atende sob o nome de ‘teologia do povo’, além do mais, da singular espiritualidade que já responde às instâncias modernas, como é a inaciana (REPOLE, 2019, p. 17).

A opção pelos pobres tem sido assunto recorrente no pontificado do Papa Francisco, e sua interpretação tem contribuído para a atualização do conceito de pobre num mundo cada vez mais plural e mutável. Antes, os pobres eram tidos como os explorados na sua força de trabalho, na atualidade eles “não são explorados, mas resíduos, sobras” (EG n. 53). O Bispo de Roma convoca a Igreja a uma saída missionária que vá em direção aos outros, para chegar às periferias humanas (EG n. 46), que não respeitam os limites territoriais das periferias geográficas podendo extrapolá-los. Embora, quase sempre, a periferia geográfica abarcará realidades da periferia existencial, ambas podem se manifestar de modo individualizado.

Neste contexto precisamos aprender a ouvir as periferias, os pobres têm muito a nos ensinar no caminho da evangelização. Como “Igreja em saída” precisamos ajudar os pobres de nosso tempo a se tornarem, através de uma evangelização integral, protagonistas de seus destinos. Assim, “cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus a serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na

sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo” (EG n. 187).

Sem uma escuta sincera do clamor dos pobres a Igreja nunca será uma Igreja pobre e dos pobres, como deseja o Papa Francisco. Ouvir as periferias é ter coragem de ir ao encontro, de se abrir ao diferente, ao novo e até mesmo de deixar-se afetar. Diz o Papa Francisco: “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos” (EG n. 49).

Consideremos ainda que “Como toda a teologia da libertação, a corrente argentina emprega o método ‘ver, julgar, agir’ e, para o seu ver crente, utiliza, portanto, a mediação interdisciplinar das ciências humanas e sociais” (SCANNONE, 2019, p. 40). Ouvir é parte constituinte do método da Teologia do Povo na etapa do ver. E para fazer uma escuta qualificada que permita ver a realidade, num mundo cada vez mais plural, se faz uso das mediações científicas. Já que o pobre habita nas periferias geográficas ou existenciais é preciso ouvir o clamor dos periféricos, para emplacarmos uma evangelização que seja verdadeiramente relevante para os homens e mulheres de nosso tempo. No fundo o clamor dos periféricos, ou seja, dos pobres, é por humanização, que para nós cristãos só atinge sua plenitude na acolhida generosa do Evangelho de Jesus Cristo.

4 PAPA FRANCISCO: UM PAPA FORJADO NA TEOLOGIA DO POVO

O teólogo da libertação o brasileiro Leonardo Boff refletindo sobre a relação do Papa Francisco com a Teologia da Libertação afirma: “Muitos se têm perguntado que pelo fato de o atual Papa Francisco provir da América Latina, ele seja um adepto da teologia da libertação. [...] O importante não é ser da teologia da libertação, mas da libertação dos oprimidos, dos pobres e injustiçados” (BOFF, 2014, p. 88).

É nas ações do Papa Francisco, nas escolhas, nos seus documentos e encaminhamentos, que ficam bem claros os pressupostos da Teologia do Povo. No entanto, um Papa antes de tudo deve se preocupar com o seu pastoreio, com a unidade da Igreja, com os direcionamentos da fé e não ser um teólogo de plantão.

Antes o ‘magistério’ era constituído pelos doutores e professores de teologia e não pelos bispos e pelo Papa. [...] Portanto, aos bispos e papas não cabia fazer teologia: mas testemunhar oficialmente e garantir zelosamente a fé cristã. [...] Quando papas se põem a fazer teologia, como ocorreu recentemente, não se sabe se falam como papas ou como teólogos. Cria-se grande confusão na Igreja; perde-se a liberdade de investigação e o diálogo com os vários saberes (BOFF, 2014, p. 91).

Do caminho feito até aqui podemos demonstrar a influência da Teologia do Povo na vida e missão do Papa Francisco em três grandes vias:

1 – Opção pelos pobres. Como herdeiro da cultura teológica latino-americana, a opção pelos pobres perpassa como pano de fundo as ações, documentos e orientações do Papa Francisco. Um dos marcos referenciais para que a Igreja nunca se esqueça dos pobres foi a criação, no Ano Santo Extraordinário da Misericórdia (2016), do dia Mundial dos Pobres.

2 – Opção pelo povo. É preciso que se constitua antes como povo, “a partir da cultura como ‘estilo de vida comum do povo’” (SCANNONE, 2019, p. 27), para depois se tornar então povo de Deus. Segundo o Papa Francisco o verdadeiro povo de Deus é constituído a partir de quatro princípios, cunhados sobre o pensamento do filósofo e teólogo Romano Guardini, que é citado na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: “1) o tempo é superior ao espaço; 2) a unidade prevalece sobre o conflito; 3) a realidade é mais importante do que a ideia; 4) o todo é superior à parte” (BORGHESI, 2018, p. 112). É partindo da opção pelo povo que se torna possível aquilo que o Papa Francisco designa como “cultura do encontro”.

3 – A valorização da piedade popular. Apontada como prática da Teologia do Povo que ajuda a vencer o secularismo e o indiferentismo religioso, além de ser um instrumento para uma evangelização inculturada. A piedade popular é qualificada pelo Papa Francisco na sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*:

As formas próprias da religiosidade popular são encarnadas, porque brotaram da encarnação da fé cristã numa cultura popular. Por isso mesmo, incluem uma relação pessoal, não com energias harmonizadoras, mas com Deus, Jesus Cristo, Maria, um Santo. Têm carne, têm rostos. Estão aptas para alimentar potencialidades relacionais e não tanto fugas individualistas (EG n. 90).

O caminho de valorização da piedade popular pode ainda ajudar a vencer um dos grandes desafios⁴ da Igreja que é o clericalismo. Tendo em vista que na piedade popular os leigos e leigas assumem lugar de um protagonismo espontâneo.

No tocante à Teologia do Povo, como uma das expressões da Teologia da Libertação, que estaria presente nas raízes do pensamento do Papa Francisco, concordamos com Leonardo Boff, quando este afirma: “Não importa que o Papa Francisco não use a expressão ‘teologia da libertação’. O importante mesmo é que ele fala e age na forma de Libertação” (BOFF, 2014, p. 90). Concluímos, que a Teologia do Povo faz parte do contexto existencial do Papa Francisco, daquele homem que antes de ser papa estava próximo de tal teologia não só intelectualmente, mas com as suas escolhas de vida. “Hoje, em todo caso, a sua influência é universal, pois de fato ela constitui uma das raízes teológicas da pastoral e do estilo de governo do Papa Francisco” (SCANNONE, 2019, p. 46).

4 Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco aponta o clericalismo como um dos grandes desafios atuais da Igreja (EG n. 102).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem do poliedro, utilizada em diversos momentos pelo Papa Francisco, retrata bem o caminho que fizemos neste breve percurso. O poliedro, nas suas diversas facetas, pode simbolizar a própria Teologia, que em uma de suas faces se revela com características latino-americanas enquanto Teologia da Libertação, e esta, por sua vez, engendra como uma de suas variadas expressões a Teologia do Povo.

A Teologia do Povo está presente no magistério do Papa Francisco manifestando-se em seu programa de governo. Podemos constatar a influência da Teologia do Povo sobre o pontificado atual fazendo uma análise a partir de três pontos de aproximação: a opção pelos pobres, a opção pelo povo, a valorização da piedade popular. O Papa Francisco faz a opção pelos pobres se destacar no coração da Igreja como um todo. Recordando a todos nós a preferência de Deus pelos pobres e apontando que esta deve ser também a opção de todos os discípulos e discípulas missionários de Jesus Cristo.

A opção pelos pobres deve nos questionar sobre quem são os pobres de nosso tempo, tendo em vista que não é mais coerente pensar a pobreza somente no ponto de vista socioeconômico. É preciso estarmos atentos aos novos pobres que a pós-modernidade tem gerado. Os pobres voltam a ser a opção preferencial de toda a Igreja, como num retorno as primeiras comunidades cristãs, nas quais ninguém passava necessidade (cf. At 2, 44).

Apresentamos a Teologia do Povo como uma das faces do poliedro, sem termos a intenção de absolutizar tal teologia, ou apresentá-la como modelo perfeito. Conhecer a caminhada da Teologia do Povo nos auxilia na compreensão das raízes e opções do Papa Francisco, que sem negar a história de vida que o constitui é agora chamado a dar conta do “poliedro, no qual as diversidades se refletem numa unidade que as respeita sem as reduzir à uniformidade (EG 236)” (SCANNONE, 2019, p. 266).

Siglas

EG = Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

EN = Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo. *Da libertação: o sentido teológico das libertações sócio - históricas*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1979. (Centro de Investigação e Divulgação. Teologia, 19)
- BOFF, Clodovis; PIXLEY, Jorge. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOFF, Leonardo. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: Uma nova primavera na Igreja*. 2 ed. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2014.
- BORGHESI, Massimo. *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual: dialética e mística*. Petrópolis: Vozes, 2018.

COMBLIN, José. *Povo de Deus*. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2011.

DANTAS, José Erivaldo. *O conceito de “Igreja em saída” como princípio hermenêutico do pensamento do Papa Francisco*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2013.

GUTIÉRREZ, G. *Teologia da libertação: perspectivas*. 9 ed. São Paulo: Loyola, 2000.

HÜNERMANN, Peter. *Homens segundo Cristo hoje: A antropologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2019. (A teologia do Papa Francisco; 3)

MIRANDA, Mario de França. *A reforma de Francisco: Fundamentos teológicos*. São Paulo: Paulinas, 2017. (Coleção Francisco)

PASSOS, João Décio. *A Igreja em saída e a casa comum: Francisco e os desafios da renovação*. São Paulo: Paulinas, 2016. (Coleção Francisco)

PAULO VI, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. 22 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

REPOLE, Roberto. *O sonho de uma Igreja evangélica: A eclesiologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2019. (A teologia do papa Francisco; 4)

SCANNONE, Juan Carlos. *A Teologia do Povo: Raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019. (Coleção Francisco)

WERBICK, Jürgen. *A fraqueza de Deus pelo homem: A visão do Papa Francisco sobre Deus*. Brasília: CNBB, 2019. (A teologia do papa Francisco; 1)

Recepção do estilo do Vaticano II na educação cristã. Caminho de superação dos desafios segundo o Papa Francisco

Leila Maria Orlandi Ribeiro¹

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar a recepção do estilo do Vaticano II pelo Papa Francisco nas orientações para a superação dos desafios da educação cristã. A metodologia é a da pesquisa bibliográfica, principalmente a Constituição Apostólica *Veritatis gaudium*, do Papa Francisco e o Discurso *Gaudet Mater Ecclesia*, do Papa João XXIII, além de algumas obras dos teólogos César Alves e John W. O'Malley. A misericórdia e o diálogo são as vias a se seguir na educação cristã.

Palavras-chave: Estilo, Vaticano II, Desafios, Educação, Francisco.

INTRODUÇÃO

Jesus deixou aos discípulos a missão de ensinar todos os povos a guardar tudo o que ele havia ensinado (Mt 28, 19-20). Conhecer Jesus faz parte de um longo processo de amadurecimento do ser humano que se desenvolve durante toda a vida. “Desde a origem, até o fim dos tempos, a obra divina consiste, portanto, em educar seu povo” (DUFOUR, 2013, pág. 262).

Para Paulo Freire, tanto na educação formal como na não formal, “quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos” (FREIRE, apud BORGES, 2018, p. 28). A conscientização do ser humano com vistas à transformação em prol do bem comum é, pois, reflexo do evangelho de Jesus e fundamento da educação cristã. Segundo o Papa Paulo VI:

O campo próprio da [...] atividade evangelizadora é o mundo [...] da política, da realidade social e da economia, e, ainda, outras realidades abertas para a evangelização, como o amor, a família, a educação [...], o trabalho profissional e o sofrimento (EN 70, 1975).

O destaque do Papa Paulo VI à educação como um dos campos da evangelização vai ao encontro do que preconiza o estilo do Concílio Vaticano II, qual seja: guardar e ensinar o patrimônio essencial da revelação divina, com formas renovadas de exposição do patrimônio da fé. Perante os desafios à educação cristã para tal missão, qual é a proposta apresentada pelo Papa Francisco? Com o objetivo de compreender até que ponto as orientações do Papa

¹ Doutoranda em Teologia na FAJE. Mestra em Teologia pela FAJE e Mestra em Educação pela UNB. Membro do Grupo de Pesquisa da FAJE “Fé cristã e Contemporaneidade”. Subgrupo: “Ecoteologia: singularidade, temas relevantes, perspectivas”. Bolsista da CAPES. Graduada em Teologia e Pedagogia. Contato: SHIN QL 09, conjunto 02, casa 04. Brasília – DF. leilaor2608@gmail.com. (61) 99682-6239.

Francisco à educação refletem a recepção do estilo conciliar, verifica-se: 1. Qual é o estilo do Vaticano II; 2. Como ocorre a recepção do estilo conciliar pela Igreja, particularmente, pelo Papa Francisco; 3. Quais são os desafios à educação cristã; 4. Qual é a proposta do Papa Francisco, baseada no estilo do Vaticano II, para o enfrentamento dos desafios à educação. A metodologia adotada é a da pesquisa bibliográfica, principalmente no Discurso *Gaudet Mater Ecclesia*, do Papa João XXIII, na Constituição Apostólica *Veritatis gaudium*, do Papa Francisco e em algumas obras dos teólogos John W. O'Malley e César Alves.

1 O ESTILO DO CONCÍLIO VATICANO II

De início, é importante esclarecer quais são as características do estilo do Concílio Vaticano II. O principal chamado do Concílio à Igreja e à humanidade foi para que todos se convertessem ao estilo de seus ensinamentos. Tal apelo é identificado no discurso *Gaudet Mater Ecclesia* (GME), do Papa João XXIII, na abertura do Concílio, e se reflete em todos os seus documentos.

Segundo o historiador O'Malley, com as orientações do Concílio,

o Papa João XXIII e o Concílio distanciaram-se de uma abordagem de bronca e desconfiança com relação ao mundo, [...] fazendo uso do remédio da misericórdia mais do que de severidade... demonstrando a validade do ensino [da Igreja], mais do que de suas condenações (O'MALLEY, 2015, p. 5).

Para O'Malley, mesmo não usando a palavra “reconciliação”, fica evidente que o Papa João XXIII falava em reconciliar-se com um passado de sentenças condenatórias por parte da Igreja. A reconciliação exigida pelo Concílio dirige-se “não somente aos membros da Igreja, mas a toda a humanidade” (O'MALLEY, 2015, p. 14). Era, então, o momento de a Igreja reconciliar-se com o mundo.

No discurso de abertura de João XXIII, o tema da reconciliação apareceu, mas de modo discreto e completamente genérico. O Concílio assumiu-a como orientação fundamental e impregnou-a de alcance notável. Estendeu-a para a relação da Igreja com as culturas não ocidentais, com os cristãos não católicos, com os crentes não cristãos, com a nova situação econômica, social e política do mundo moderno, com o problema da consciência histórica moderna e, em seu documento final, com toda a humanidade (O'MALLEY, 2015, p. 15).

A reconciliação é uma resposta à situação de crise do catolicismo, apontada nos documentos do Concílio como uma “nova era” de abertura da Igreja para a humanidade. A Igreja passa a viver com o povo suas lutas, e partilha com ele suas alegrias e tristezas. A *Gaudium et Spes* afirma que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje,

sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS, 1).

Além de ser um Concílio pastoral, que pede à Igreja a reconciliação com a humanidade, o Vaticano II é também, por seu estilo linguístico, notadamente de abertura e de convite, e não mais de imposição. Segundo O'Malley, o convite parte:

Das leis aos ideais; das ordens aos convites; das ameaças à persuasão; da coerção à consciência; do monólogo ao diálogo; da obsessão pelo pecado ao reconhecimento da dignidade; do de cima para baixo para a partilha; do monarca ao líder servidor; da exclusão à inclusão; da hostilidade à amizade; da rivalidade à parceria; da procura de defeitos à busca de pontos comuns; do menosprezo à compaixão; da modificação de comportamento para a busca da santidade; Em suma, do afastamento à reconciliação (O'MALLEY, 2015, p. 19).

Na visão de O'Malley, a missão do Concílio Vaticano II é a de mostrar que a Igreja é “mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade” (O'MALLEY, 2015, p. 2). O caminho proposto pelo Concílio é o da misericórdia, do diálogo e da bondade, com vistas à reconciliação.

Para que haja reconciliação, o estilo conciliar implica conversão, o que se desenvolve em um caminho de santidade. Na trilha de conversão, fundada no amor e na misericórdia, o teólogo jesuíta César Alves apresenta a oportunidade de a Igreja lançar um olhar atento ao passado, com o propósito de voltar às fontes (ALVES, 2013, p. 8), para “tirar do tesouro coisas novas e coisas antigas” (Mt 13,52). Com isso, Alves aponta a oportunidade de a Igreja (clero e fiéis leigos) verificar o que foi bom e deve ser cultivado, como também o que não foi bom e deve ser renovado. E assim a Revelação divina, que se plenifica em Jesus Cristo, seja ensinada ao mundo atual de uma forma nova, atualizada em seus métodos, para ser acolhida nos dias de hoje por cada cultura em particular.

A fim de a Igreja alcançar a renovação exigida pelo Concílio, Alves identifica quatro elementos a serem considerados, que, segundo o autor, “compõem a raiz última do que o discurso *Gaudet Mater Ecclesia* determinou” para toda a Igreja (ALVES, 2013, p. 16). O estilo do Vaticano II trouxe para a Igreja as seguintes características e exigências:

1. Manter a atitude fundamental de amor e a misericórdia (ALVES, 2013, p.17). Segundo Alves, “esta é a atitude básica com a qual o objetivo do Concílio deve ser alcançado” (Ibidem). Pois, nas palavras de João XXIII, “agora, a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia do que o da severidade” (GME, 2), que vinha sendo utilizado até então.

2. Abraçar a realidade dos dias de hoje (ALVES, 2013, p.17). “A atitude contrária impede a detecção da ação e da presença positivas do Espírito Santo nos tempos atuais” (Ibidem). Mesmo diante de tantas ações do Espírito Santo nos dias de hoje, alguns cristãos não analisam as coisas de modo sereno e ponderado e só enxergam a ruína do estado atual da sociedade.

Diz João XXIII: “Devemos discordar desses profetas da desventura, que anunciam acontecimentos sempre infaustos, como se estivesse iminente o fim do mundo” (GME, IV,3). Porém, ao lado dos aspectos negativos, sempre existem coisas boas e essas devem ser reconhecidas nos dias de hoje nos recônditos da providência divina, especialmente junto aos cristãos que se colocam em diversos lugares para o bem da humanidade.

3. Guardar e ensinar o patrimônio essencial da revelação divina, que deve ser sempre mantido (ALVES, 2013, p.18). O Concílio Vaticano II, ao utilizar as figuras do “remédio da misericórdia’ e do [...] ‘amor cristão’ [...] adota a atitude da Nova Aliança, que é a base para a Igreja conservar o patrimônio divino revelado em plenitude em Jesus de Nazaré” (ALVES, 2013, p.16). Este é o patrimônio a ser ensinado pela Igreja, a mesma doutrina da fé mantida pela Igreja é transmitida a todas as gerações por todo o sempre.

4. Renovar a forma de expor o patrimônio da fé, de maneira adequada aos dias atuais e às mais diferentes culturas (ALVES, 2013, p.18). O que o Concílio exige, portanto, é a renovação dos métodos para se transmitir a doutrina da fé. Pois, para João XXIII, “o que mais importa é que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz” (GME, V 1).

Assim, o estilo do Concílio se resume no caminho traçado para a Igreja marcado pela misericórdia, para a busca do Espírito Santo nos sinais dos tempos, na manutenção do depósito da fé e com a transmissão da fé de forma eficaz à humanidade. Tal estilo se embasa na vivência dos princípios cristãos.

2 A RECEPÇÃO DO ESTILO DO VATICANO II PELA IGREJA E PELO PAPA FRANCISCO

O estilo de vida da Igreja, de reconciliação, amor e misericórdia, preconizado pelo Vaticano II, foi recebido entre altos e baixos. Até que encontrou profundo eco no Papa Francisco. Segundo O’Malley, o Papa Francisco fez frutificar o estilo do Concílio, “como nunca tinha tido desde o pontificado de João XXIII” (O’MALLEY, 2015, p. 19).

A identificação do Papa Francisco com o estilo do Vaticano II pode ser vista nas suas orientações à educação. Dentre outras, para que ensine ao ser humano os caminhos para pensar criticamente com vistas ao bem do próximo, descobrindo Deus em cada uma das pessoas, com solidariedade e preocupação com os mais pobres, medianeira da concórdia e da paz.

3 ALGUNS DESAFIOS PERMANECEM

Perante a necessidade de adequação da educação às exigências dos dias atuais, permanece o que Paulo VI já destacava: a dificuldade de articular o conteúdo essencial da educação da fé a uma forma mais oportuna de transmissão; ao mesmo tempo em que haja unidade das

Igrejas particulares com a Igreja Universal e com toda a humanidade. De acordo com Paulo VI:

O problema é sem dúvida delicado. A evangelização perderia algo da sua força e da sua eficácia se ela porventura não tomasse em consideração o povo concreto a que ela se dirige [...]. De outro lado, a evangelização correria o risco de perder a sua alma e de se esvaecer se fosse despojada do seu conteúdo, sob o pretexto de a traduzir melhor. Só uma Igreja que conserva a consciência da sua universalidade [...] pode ter uma mensagem capaz de ser entendida por todos (EN, 63).

As dificuldades consistem, portanto, na distinção entre o que é conteúdo essencial da educação e quais os elementos secundários, já que, segundo Paulo VI, sua “apresentação depende fortemente das circunstâncias, que se diversificam” (EN, 35). Paulo VI destaca que, no centro do conteúdo da educação, está a libertação em Cristo Jesus. Podem mudar os métodos de transmissão da fé, mas a fé em Jesus Cristo é sempre a mesma.

Alerta o Papa Paulo VI que “toda libertação que se pretende estritamente temporal e política desvia-se do seu ideal, pois suas motivações não são a justiça e a caridade, seu impulso não é a dimensão espiritual e sua finalidade não é a salvação e a beatitude em Deus” (EN, 35). A educação, atenta, além do conteúdo essencial, aos métodos adequados para sua transmissão, se mantém fiel ao propósito libertador que se realiza em Jesus Cristo.

Os desafios à educação cristã libertadora se avolumaram nos dias atuais, em decorrência da pandemia e seus efeitos ainda perduram. Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância, com o fechamento das escolas por causa da pandemia, “educação, segurança, amizade e nutrição foram substituídas por ansiedade, violência e gravidez precoce”. As perdas que crianças e jovens sofreram por não estarem na escola podem nunca ser recuperadas.

No Brasil, apesar de a educação ser direito de todos, com o respeito comum de uns pelos outros, conforme estabelecido pela Constituição Federal, artigo 205, a realidade é bem distinta. Em 2023, os resultados da pesquisa sobre “as Múltiplas Dimensões da Pobreza na Infância e na Adolescência no Brasil” detectaram que existem hoje, no país, ao menos 32 milhões de crianças e adolescentes (63% do total de 51 milhões) vivendo na pobreza, em suas múltiplas dimensões (UNICEF, 2023). Segundo a Avaliação do UNICEF no Brasil, a pobreza multidimensional na infância e na adolescência vai além da renda. Inclui “estar fora da escola, viver em moradias precárias, não ter acesso a água e saneamento, não ter uma alimentação adequada, estar em trabalho infantil e não ter acesso à informação” (UNICEF, 2023).

Na maioria das vezes, essas privações se sobrepõem, agravando os desafios enfrentados pelos jovens. O olhar atento à realidade da pobreza multidimensional conduz a se colocar a educação, desde a mais tenra idade até a universidade, no centro das ações humanas, associada às outras instâncias das políticas públicas. A pobreza multidimensional no Brasil, como também na grande maioria dos países da América Latina, clama pela solidariedade do ser

humano. Por isso, é missão de todos mudar o que for preciso, em especial esta é a missão dos cristãos.

Diante dos desafios, a fim de que as culturas e os tempos atuais sejam respeitados e a Tradição da Igreja seja mantida, importa verificar como a educação vem recebendo as orientações do Concílio, especialmente as do documento *Veritatis gaudium* (VG), do Papa Francisco.

4 PROPOSTA DO PAPA FRANCISCO PARA A EDUCAÇÃO COMO REFLEXO DO ESTILO CONCILIAR

Na Constituição Apostólica *Veritatis gaudium*, o Papa Francisco indica a necessidade de uma renovação do modelo educacional, em especial os estudos superiores católicos à luz da Tradição. Aponta Francisco à necessidade de uma “mudança radical de paradigma” e uma “corajosa revolução cultural” para que ocorra a “renovação do sistema dos estudos superiores” (VG, 3). Com isto, o Papa diz que se mantém a mesma doutrina, mas os métodos e a forma de apresentá-la é que precisam ser renovados.

O Papa Francisco justifica a necessidade da mudança na educação, alegando que “a alegria da verdade (*Veritatis gaudium*) é expressão do desejo ardente que traz inquieto o coração de cada ser humano enquanto não encontra, habita e partilha com todos a Luz de Deus” (VG, 1). Assim, “na verdade ... que é Jesus, o Verbo de Deus, em quem está a Vida que é a Luz dos homens... a Igreja ... deve testemunhar e anunciar, sem interrupção e com uma paixão sempre nova, na sua missão” (VG, 1). Esta nova paixão é o que guia a educação para o anúncio de Jesus. Para isso, o Papa Francisco destaca a necessidade de a investigação científica ser conduzida por estudiosos provenientes de vários credos religiosos e de diferentes áreas da ciência. Ao interagir com liberdade, transparência, respeito e fraternidade, por meio do diálogo fraterno e respeitoso, priorizem o cuidado da natureza e a defesa dos pobres.

Torna-se indispensável a criação de centros de investigação onde possam interagir, com liberdade responsável e transparência mútua, estudiosos provenientes dos vários universos religiosos e das diferentes competências científicas, de modo a estabelecerem diálogo entre si, visando o cuidado da natureza, a defesa dos pobres, a construção de uma rede de respeito e de fraternidade (VG, 5).

Francisco indica quatro critérios para que ocorra a renovação da educação em uma Igreja em saída.

a. Ensino e vivência da alegria do evangelho. A alegre notícia do Evangelho, ensinada e experimentada, transforma a vida da humanidade. Pois “a contemplação e a introdução espiritual, intelectual e existencial no coração do querigma, ou seja, da feliz notícia, sempre nova e fascinante do Evangelho de Jesus, cada vez mais e melhor se vai fazendo carne na vida da Igreja e da humanidade” (VG, 4,a).

b. Diálogo para a busca da Verdade. O diálogo é a exigência que faz possível a comunidade acadêmica chegar a viver a Verdade, no bem do próximo. “O diálogo sem reservas ... (é) exigência para fazer experiência comunitária da alegria da Verdade e aprofundar o seu significado e implicações práticas” (VG 4,b).

c. Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade à luz da Revelação. Ambas são o critério para a unidade do saber quando “exercidas com sabedoria e criatividade à luz da Revelação” (VG 4,c). O princípio da unidade do saber nas diferentes investigações, “em uma pluralidade de saberes, correspondente à riqueza multiforme da realidade na luz patenteada pelo evento da Revelação ... em Cristo Jesus” (VG 4c). Sobreretudo a transdisciplinaridade é oportunidade de “fermentação de todos os saberes dentro do espaço de Luz e Vida oferecido pela Sabedoria que dimana da Revelação de Deus” (VG 4,c).

d. Fraternidade universal no respeito à natureza e em prol dos pobres. A criação de redes de fraternidade entre as várias instituições, concebendo “o planeta como pátria e a humanidade como povo que habita uma casa comum” (*Laudato si'*, 164), possibilita que o Evangelho chegue a todos. Pois, com o impulso do Vaticano II, a Igreja assume uma renovada presença na história, e, para isso, adquire o rosto das diversas culturas, mantendo-se, ao mesmo tempo, fiel ao anúncio do Evangelho e à tradição eclesial. Em um mundo marcado pelo pluralismo ético-religioso, a educação, busca “comunicar cada vez melhor a verdade do Evangelho num contexto determinado, sem renunciar à verdade, ao bem e à luz que pode dar quando a perfeição não é possível” (VG, 5). No empenho de que o Evangelho seja escutado por todos, a educação visa manter “o cuidado da natureza, a defesa dos pobres e a construção de uma rede de respeito e de fraternidade” (VG, 5). Pois a fraternidade universal leva o ser humano a ver Deus no próximo, e, como consequência, a caminhar na busca da felicidade dos outros. Segundo Francisco, a fraternidade universal “sabe ver a grandeza sagrada do próximo e descobrir Deus em cada ser humano, tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus e abrir o coração ao amor divino, na procura a felicidade dos outros, como a procura o seu bom Pai” (VG, 4,c). Essa é a dívida dos cristãos para com a humanidade, porque “Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens” (VG, 4,d).

A prática dos critérios elencados pelo Papa Francisco na Universidade exige renovação dos procedimentos acadêmicos e na investigação científica, em um mundo marcado pelo pluralismo ético e religioso. Pois:

Os estudos eclesiais não se podem limitar a transferir conhecimentos para os homens e mulheres do nosso tempo, mas devem abraçar a tarefa urgente de elaborar instrumentos intelectuais úteis para o anúncio num mundo marcado pelo pluralismo ético-religioso. As questões do nosso povo, as suas aflições, batalhas, sonhos, lutas, preocupações possuem um valor hermenêutico que não podemos ignorar. As suas perguntas ajudam-nos a questionar-nos, as suas questões interrogam-nos (VG, 5).

O grande desafio é, portanto, a renovação da educação, do ponto de vista “cultural, espiritual e educativo ... que nos guie, ilumine e sustente na fé jubilosa e inabalável em Jesus crucificado e ressuscitado, centro e Senhor da história” (VG, 6).

CONCLUSÃO

Os critérios da *Veritatis gaudium* são um grande desafio à educação, por colocar o ser humano no centro do processo educativo. Manter como prioridade a vivência da alegria do Evangelho, o diálogo na busca da Verdade, a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade à luz da Revelação, e o “cuidado da natureza e a defesa dos pobres, pela construção de uma rede de respeito e de fraternidade” (VG, 5) são os desafios a superar. Além de ser lugar de formação qualificada, as instituições de educação se transformem em uma espécie de laboratório cultural que interpreta a realidade à luz de Jesus (VG, 3).

Persistem, portanto, algumas questões: o estilo conciliar tem sido aplicado na educação? Como isso vem ocorrendo? Quais são os avanços e as dificuldades que persistem na educação em relação às orientações do Papa Francisco?

A proposta do Papa Francisco inclui uma revolução na educação, fundamentada nas armas da misericórdia e do diálogo, que coloque o ser humano no centro do processo educativo, com vistas a acolher, cuidar e curar tantas pessoas feridas que ainda se encontram à beira das possibilidades educacionais nos dias de hoje.

REFERÊNCIAS

ALVES, César. Para uma hermenêutica apropriada do Vaticano II. O discurso inaugural de João XXIII e o objetivo do Concílio. In: *Gregorianum*, 94, 1, 2013.

BORGES, Gabriela Fernanda Silva. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. *Criar educação*, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/3742/4424>. Acesso em: 25 junho.2023.

BRASIL. UNICEF para cada criança. 14 fevereiro 2023. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/ha-32-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-na-pobreza-no-brasil-alerta-unicef>. Acesso em: 05 março.2023.

FRANCISCO, Papa. *Constituição apostólica Veritatis gaudium*. Sobre as Universidades e as Faculdades Católicas (VG, 2017). São Paulo: Paulinas, 2018.

JOÃO XXIII, Papa. Discurso de Sua Santidade na abertura solene do Concílio Vaticano II. *Gaudet Mater Ecclesia*. (GME) Roma, 11 de outubro de 1962. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html Acesso em: 25 junho.2023.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

O'MALLEY, John W. Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco. In *Cadernos teologia pública*, Ano XII, número 94, volume 12, 2015. Instituto *Humanitas* Unisinos. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/094_cadernosteologia-publica.pdf. Acesso em: julho.2020.

PAULO PP VI. *Evangelii nuntiandi* (EN, 1975). 7. ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

VATICANO II. *Gaudium et spes* (GS, 1965). Disponível em:

http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 25 junho.2023.

Papa Francisco e a internet: Lucidez e esperança na análise do mundo digital

Marlone Pedrosa¹

Resumo: Desde sua eleição como papa, no conclave de 13 de março de 2013, Francisco tem se mostrado sensível a numerosas questões contemporâneas em diversas áreas como política, economia, social, cultural, ecológica, humanitária etc., sendo reconhecido por suas opiniões progressistas e pela defesa de uma Igreja mais inclusiva e próxima das pessoas. Dentre essas questões, a internet e as mudanças na sociedade e na vida religiosa advindas com ela são temas recorrentes. Francisco assume o pontificado num momento histórico de grande popularização e expansão digital. Esse fenômeno muda a dinâmica da fé, pois interfere na cultura e no modo como o ser humano se comunica e interage com os outros, com o mundo e, conseqüentemente, com o sagrado. Por meio da análise de alguns escritos e discursos do Papa Francisco no decorrer dos dez anos de seu pontificado, essa comunicação objetiva abordar a visão e o posicionamento desse pontífice acerca da influência da internet na sociedade atual e suas implicações para a ação eclesial e para a sociedade como um todo.

Palavras-chave: Papa Francisco. Era digital. Internet. Igreja.

INTRODUÇÃO

No intuito de cumprir sua missão evangelizadora, a Igreja tem empregado os meios de comunicação social para difundir de forma mais eficiente a mensagem de salvação do Reino. No decreto *Inter Mirifica*, promulgado pelo Concílio Vaticano II, são reconhecidos o amplo alcance e a significativa influência exercida por esses meios na vida individual e na sociedade em geral, bem como a responsabilidade da Igreja em utilizá-los em seu exercício pastoral (*Inter Mirifica*, nn.1,3).

Ao longo da história, os sumos pontífices têm se empenhado na utilização e orientação à Igreja no emprego desses meios no contexto cristão. Leão XIII foi o primeiro Papa a ter sua voz gravada e, em 1896, o primeiro a ser filmado por uma câmera de cinema; Pio XI, em 1931, inaugura a rádio vaticana e profere o primeiro discurso de um pontífice transmitido por meio radiofônico; em 1949, Pio XII foi o primeiro Papa a falar numa transmissão televisiva.

A partir de 1990, a humanidade testemunha a difusão global de um fenômeno notável: a internet. Em pouco tempo, ela se torna parte integrante e proeminente da vida cotidiana, revelando suas potencialidades e desafios. Em consonância com essa promissora era digital, o Papa João Paulo II envia seu primeiro e-mail em 1995, enquanto o Papa Bento XVI aceita

1 Mestrando em Teologia pela FAJE, bolsista CAPES. E-mail: marlonepedrosa@yahoo.com.br

o desafio de evangelizar através das redes sociais e publica seu primeiro tweet na conta @Pontifex em 2012.

Neste percurso, Francisco chega ao pontificado em março de 2013, deparando-se com todas as influências positivas e negativas advindas dessa era digital, que provoca “mudanças fundamentais nos modelos de comunicação e nas relações sociais” (BENTO XVI, 2009). O Papa tem se mostrado muito atento às questões trazidas pelo advento da internet e suas implicações para a fé e a sociedade de modo geral.

Neste texto, objetivamos apresentar o posicionamento do Papa Francisco em relação à internet e à era digital por meio da análise de alguns de seus escritos² e discursos no decorrer dos dez anos de seu pontificado. Para tanto, selecionamos alguns tópicos relevantes abordados pelo Papa que refletem suas principais preocupações em relação a esse tema, tais como: a dinâmica dos encontros, família, ética, fake news, testemunho, missão e liturgia. Discutiremos os posicionamentos e orientações do pontífice ao lidar com as questões trazidas pela internet em relação a esses tópicos e sua reflexão sobre o papel da Igreja na era digital e a postura dos fiéis diante das novas tecnologias. Concluiremos abordando as implicações do discurso de Francisco sobre a internet para a Igreja e a sociedade em geral.

1 CONEXÃO “COM” E “NA” REDE DIGITAL

Em seu pontificado, Papa Francisco analisa com muita lucidez a internet e seu papel nas mudanças estruturais do mundo atual. Demonstra ciência da digitalização da sociedade moderna, aponta desafios advindos de seu uso e popularização, assim como indica as grandes possibilidades que este meio traz quando bem usado. Na exortação apostólica pós-sinodal *Christus vivit*, de 2018, citando o Documento Final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, cujo tema é “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, Francisco afirma:

O ambiente digital caracteriza o mundo contemporâneo. Amplas faixas da humanidade estão imersas nele de maneira ordinária e contínua. Já não se trata apenas de “usar” instrumentos de comunicação, mas de viver em uma cultura amplamente digitalizada, que afeta de modo muito profundo a noção de tempo e espaço, a percepção de si mesmo, dos outros e do mundo, o modo de comunicar, de aprender, de informar-se, de entrar em relação com os outros. Uma abordagem da realidade, que tende a privilegiar a imagem relativamente à escuta

2 Fontes importantes para essas análises são as Mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais. Este dia comemorativo foi proposto pelo decreto *Inter Mirifica*, do Concílio Vaticano II (IM, n. 18). Assim, a cada ano, por ocasião deste dia, desde 1967, o papa escreve uma mensagem abordando algum aspecto importante dos meios de comunicação. Lembramos que em 2009, pela primeira vez, com a mensagem intitulada “Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade”, Bento XVI escreve sobre a tecnologia digital, onde reconhece sua importância e influência transformadora na sociedade, sobretudo entre os jovens, a quem denomina “geração digital” (BENTO XVI, 2009).

e à leitura, influencia o modo de aprender e o desenvolvimento do sentido crítico (CV, n.86).

O Papa entende que a internet afeta diretamente a sociedade, pois muda a cultura, interferindo na maneira do ser humano estar no mundo e interagir com ele, modificando assim o ato de comunicar, relacionar, informar, aprender, ensinar, divertir, crer etc.

Diante de uma ferramenta tão importante e portadora de tantas possibilidades, Francisco, assim como seus dois predecessores, utiliza-se da internet para evangelizar e se conectar com os cristãos, num esforço de aproximação e inculturação digital. Além de manter ativa a conta do Twitter³, aberta por Bento XVI, Francisco, em novembro de 2014, lança o “Click to Pray”, aplicativo para smartphone onde os usuários compartilham suas orações e se unem em oração com pessoas ao redor do mundo. Este aplicativo traz também as intenções de oração mensais do Papa. Em 19 de março de 2016, dia de São José, é ativada a conta oficial no Instagram, @Franciscus⁴, e desde então o Papa tem se utilizado dela para publicações diversas. Também em 2016, a Obra Pontifícia Rede Mundial de Oração do Papa, lança o projeto *Vídeo do Papa*⁵, no qual, mensalmente, o Papa Francisco expõe suas tradicionais intenções de oração para o mês em questão, sendo divulgado nas principais plataformas digitais, como Facebook, Twitter, Instagram, YouTube.

É possível concluir que Francisco não apenas possui conexão com as realidades e desafios advindos do uso da internet na sociedade contemporânea, mas também está presente e ativo – conectado – no mundo digital. Mundo que encurta demasiadamente as distâncias físicas, tornando-se ambiente singular de encontros. Esta é a temática abordada no tópico a seguir.

2 LUGAR DE ENCONTRO E DIÁLOGO

Os meios digitais encurtam as distâncias, tornando-nos mais próximos uns dos outros, possibilitando encontros, estreitando laços afetivos, permitindo um aumento exponencial do leque de possibilidades de relacionamento interpessoal. “A *web* e as redes sociais criaram uma nova maneira de se comunicar e criar laços” (CV, n. 87). Porém essa facilidade traz em si alguns desafios.

Refletindo sobre isso, Francisco, no ano de 2014, em sua primeira mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, intitulada “Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro”, enfatiza que “a internet pode oferecer maiores possibilidades de

3 Nos anos de 2013 e 2014, as Edições CNBB lançam uma coletânea em dois volumes dessas mensagens intitulada “Papa Francisco – As mensagens do Papa no Twitter”, abrangendo as postagens do papa no período entre 17 de março de 2013 a 16 de maio de 2014. Somente a versão em português dessa conta no Twitter possui hoje cerca de 18 milhões de seguidores.

4 Essa conta possui atualmente cerca de 1500 publicações e contabiliza 9 milhões de seguidores.

5 Segundo o site desta obra pontifícia (www.thepopevideo.org), “desde 2016, ‘O Vídeo do Papa’ teve mais de 196 milhões de visualizações em todas as redes sociais do Vaticano, foi traduzido para mais de 23 idiomas e tem cobertura da imprensa em 114 países”.

encontro e de solidariedade entre todos; e isso é uma coisa boa, é um dom de Deus”. No entanto, elenca alguns “aspectos problemáticos”, tais como: nossa deficitária capacidade de reflexão e discernimento frente à grande velocidade de informações; alienação e consequente fechamento em nossas ideias ou no âmbito de interesses políticos e econômicos; desorientação ao invés de crescimento; isolamento do próximo frente ao desejo de conexão digital; exclusão daqueles que não têm acesso ao digital; indução ao consumo e manipulação de pessoas (FRANCISCO, 2014a).

Apesar de ter consciência destes “aspectos problemáticos”, Francisco mostra-se atento à qualidade dos encontros que se realizam via redes digitais e, instigado pela pergunta feita a Jesus por um escriba – “E quem é meu próximo?” (Lc, 10,29) –, inspira-se na parábola do samaritano e convida à elaboração de uma “cultura do encontro”, onde o contato com o outro mediado pela internet não ignora a realidade do próximo. “Não basta circular pelas estradas digitais, isto é, simplesmente estar conectados, é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro”, sublinha o Papa (FRANCISCO, 2014a).

Embora o funcionamento desses dispositivos dependa de um aparato tecnológico, é importante ressaltar que por trás de cada celular, tablet, notebook ou computador há um ser humano que não pode viver isolado e necessita de amor, ternura e afeto. Afirma o Papa: “a rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas” (FRANCISCO, 2014a).

Abordando ainda a gama de possibilidades de encontros diversos possibilitados pelas tecnologias modernas e ciente das consequências que podem advir deste fato, Francisco reconhece:

As redes sociais são capazes de favorecer as relações e promover o bem da sociedade, mas podem também levar a uma maior polarização e divisão entre as pessoas e os grupos. O ambiente digital é uma praça, um lugar de encontro, onde é possível acariciar ou ferir, realizar uma discussão proveitosa ou um linchamento moral (FRANCISCO, 2016b).

Para garantir a qualidade dessas relações via meio digital e instruir aqueles que se utilizam desses meios para se comunicar de forma mais efetiva, Francisco lembra a importância da abertura ao diálogo sincero, esclarecendo que “dialogar não significa renunciar às próprias ideias e tradições, mas à pretensão de que sejam únicas e absolutas” (FRANCISCO, 2014a). O Papa explica que o processo de uma boa comunicação exige escuta, acolhimento e proximidade com o outro, que não é mero usuário, espectador ou consumidor (FRANCISCO, 2016b).

Porém, no que tange às relações humanas, Francisco entende que a internet pode expor o sujeito “ao risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contato com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento das relações interpessoais autênticas” (CV, n. 88). Assim, entende que o encontro digital não deve substituir o realizado em “carne e

osso” – o que constituiria grande risco de autoisolamento do indivíduo –, mas ser um complemento desse encontro. A internet apresenta muitas possibilidades interessantes quando utilizada como esse recurso complementar ao encontro. Sobre essa temática no uso do meio digital como um recurso complementar aos encontros, o Papa escreve na mensagem ao 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2019:

Se a rede for usada como prolongamento ou expectativa de tal encontro, então não se atraiçoa a si mesma e permanece um recurso para a comunhão. Se uma família utiliza a rede para estar mais conectada, para depois se encontrar à mesa e olhar-se olhos nos olhos, então é um recurso. Se uma comunidade eclesial coordena a sua atividade através da rede, para depois celebrar juntos a Eucaristia, então é um recurso. Se a rede é uma oportunidade para me aproximar de casos e experiências de bondade ou de sofrimento distantes fisicamente de mim, para rezar juntos e, juntos, buscar o bem na descoberta daquilo que nos une, então é um recurso (FRANCISCO, 2019b).

Francisco compreende a dimensão do desafio da convivência humana, seja no contato direto ou pela internet. No entanto condena o isolamento, o egoísmo e incentiva a realização de encontros, imprescindíveis à humanidade. Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, de 2013, afirma:

Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a “mística” de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada. Assim, as maiores possibilidades de comunicação traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos. Como seria bom, salutar, libertador, esperançoso, se pudéssemos trilhar este caminho! Sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem. Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos (EG, n. 87).

3 FAMÍLIA

Lugar privilegiado de encontro e comunhão é o âmbito familiar. O próprio Francisco, na “Exortação apostólica *Amoris laetitia*: sobre o amor em família”, de 2016, afirma que “a família é imagem de Deus, que (...) é comunhão de pessoas” (AL, 71). Essa instituição vem passando, ultimamente, por algumas modificações em sua configuração. Egoísmo, hedonismo, vida acelerada, estresse, choque entre gerações, crise da autoridade paterna, são alguns traços

da pós-modernidade detectados na conjuntura familiar atual (AL, 32-33). A internet afeta de forma direta a dinâmica do convívio familiar. Esse processo se dá de forma contínua e veloz.

Desde 1991, quando é criada a primeira página web, o acesso e uso da internet pelas pessoas teve um rápido e abrangente avanço mundial. Somente no Brasil, a internet foi usada por 84,7% da população com mais de 10 anos de idade, estando presente em 90% dos domicílios do país⁶ (SILVA, 2022).

Essa presença massiva da internet no cotidiano tem mudado a estrutura de convivência nos lares e, conseqüentemente, a relação entre os membros da família. Se por um lado, as redes digitais permitem uma aproximação e contato maior entre familiares geograficamente distantes, por outro traz o risco de distanciamento daqueles que habitam o mesmo ambiente doméstico, minando o tempo de convívio e produzindo isolamento dos membros.

Papa Francisco constata a mudança dessa dinâmica familiar, fazendo deste assunto o tema de sua carta ao 49º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2015: “Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor”. Nela o pontífice reconhece o uso da internet nos tempos modernos como algo irrenunciável, sobretudo às gerações mais jovens, podendo dificultar ou ajudar na comunicação familiar, dependendo do uso que se fizer dela. Ao abordar a influência dos meios modernos na questão da comunicação em família e entre as famílias, esclarece:

Podem-na dificultar, se se tornam uma forma de se subtrair à escuta, de se isolar apesar da presença física, de saturar todo o momento de silêncio e de espera; e podem-na favorecer, se ajudam a narrar e compartilhar, a permanecer em contacto com os de longe, a agradecer e pedir perdão, a tornar possível sem cessar o encontro (FRANCISCO, 2015).

Nesta mesma carta, ressalta a importância de a família desenvolver um relacionamento consciente com as tecnologias, não se deixando arrastar por elas, discernindo as consequências advindas deste uso para o convívio num lar.

Francisco entende que a sociedade passou por uma profunda transformação e a família evoluiu com ela, de modo que certas dinâmicas de antes não se aplicam mais ao contexto atual. Ainda nessa carta de 2015, o Papa faz um esperançoso convite: “não lutemos para defender o passado, mas trabalhemos com paciência e confiança, em todos os ambientes onde diariamente nos encontramos, para construir o futuro” (FRANCISCO, 2015).

4 ÉTICA E FAKE NEWS

A internet não apenas fornece um ambiente propício para interações sociais, mas também amplifica significativamente a capacidade de comunicação da humanidade. Seu

6 Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad C) feita no 4º trimestre de 2021 e divulgada pelo IBGE, em 2021.

advento e popularização democratizam, de certa forma, a produção e divulgação de notícias. Qualquer indivíduo com acesso à infraestrutura digital tem a capacidade de produzir e divulgar conteúdo sobre uma ampla variedade de tópicos para um público global. Embora isso possa parecer demasiadamente positivo, também fornece um terreno fértil para a disseminação de informações falsas, conhecidas como *fake news*.

Francisco demonstra preocupação com a disseminação da desinformação na internet, sendo este um assunto recorrente em seus pronunciamentos. Dedicou a esta temática a mensagem para o 52º Dia Mundial das Comunicações Sociais: “A verdade vos tornará livres’ (Jo 8, 32). *Fake news* e jornalismo de paz”. Nela o próprio Papa dá uma definição do termo *fake news* como sendo “informações infundadas, baseadas em dados inexistentes ou distorcidos, tendentes a enganar e até manipular o destinatário”. Alerta que a internet pode ser usada para difundir tais notícias e manipular as opiniões das pessoas, influenciando opções políticas e favorecendo lucros econômicos (FRANCISCO, 2018).

Segundo o Papa, isso se dá pelo fato de haver interação das pessoas em ambientes digitais muito homogêneos e fechados a ideias e opiniões divergentes; “estes circuitos fechados facilitam a divulgação de informações e notícias falsas, fomentando preconceitos e ódio” (CV, n.89). Devido à falta de verificação das informações veiculadas por meio dessas plataformas, os usuários, mesmo aqueles com boas intenções, podem inadvertidamente contribuir para a disseminação de opiniões tendenciosas e infundadas ao compartilhar notícias sem a devida análise crítica de sua veracidade, correndo o “risco de se tornar atores involuntários na difusão de opiniões tendenciosas e infundadas” (FRANCISCO, 2018).

O fenômeno da desinformação apresenta-se como motivo de preocupação para o Papa, porque cria distorções na mente das pessoas. A dificuldade em distinguir o verdadeiro do falso pode comprometer a vivência de uma comunhão fraterna, uma vez que cada indivíduo tende a se fechar em seu próprio mundo, moldado de acordo com suas preferências e escolhas pessoais, ao invés de ser guiado pela verdade. Francisco constata:

A proliferação das *fake news* é expressão de uma cultura que perdeu o sentido da verdade e submete os fatos a interesses particulares. A reputação das pessoas está em perigo diante de julgamentos sumários em série. O fenômeno também afeta a Igreja e seus pastores (CV, n.89).

O Papa equaciona a responsabilidade entre todos os usuários da rede e afirma que, tanto os que difundem quanto os que recebem conteúdos, têm o dever de lutar contra a desinformação (FRANCISCO, 2018).

Por se tratar de notícias não condizentes com a verdade, as *fakes news* destoam da Boa Nova de Jesus e constituem em contratestemunho cristão tanto para os que as produzem quanto para os que as divulgam. O cristianismo conclama seus adeptos a uma coerência

entre os ensinamentos recebidos e a prática de vida, um compromisso com o testemunho e a mensagem do Reino. Abordaremos este tema em nosso próximo tópico.

5 COMPROMISSO COM O TESTEMUNHO E A BOA NOTÍCIA

Jesus ressuscitado, no último colóquio com seus discípulos, narrado no primeiro capítulo do livro dos Atos dos Apóstolos, antes de sua ascensão, exorta àqueles que continuarão sua missão: “Sereis minhas testemunhas... até os confins da terra” (At 1,8). Sendo a internet um território de evangelização, qual a postura cristã a ser adotada nas redes digitais? Que atitudes um crente poderia cultivar para testemunhar concretamente sua fé? Francisco afirma de forma recorrente a importância do testemunho cristão nas redes, e esclarece:

O testemunho cristão não se faz com o bombardeio de mensagens religiosas, mas com a vontade de se doar aos outros através da disponibilidade para se deixar envolver, pacientemente e com respeito, em suas questões e dúvidas, no caminho de busca da verdade e do sentido da existência humana (FRANCISCO, 2014a).

O compromisso com o testemunho cristão deve se fazer presente na maneira como o fiel se comporta nas redes, sobretudo com o teor daquilo que se busca, comenta, compartilha ou produz. Nesse contexto, o Papa reitera a importância da responsabilidade individual pois, o conteúdo visualizado ou produzido por um indivíduo nas redes digitais é resultado de uma escolha pessoal. Pesquisas indicam que conteúdos sensacionalistas, com enfoque em violência, como guerras, terrorismo, escândalos e outras formas de falência nas vicissitudes humanas, apresentam alta taxa de acesso nas redes sociais. Há uma certa espetacularização do mal. Papa Francisco diz ser necessário “romper o círculo vicioso da angústia e deter a espiral do medo”, causadora de certa apatia diante da realidade e a impressão da impossibilidade de se colocar limites ao mal. O mal não deve ter o papel protagonista, alerta o pontífice, mas deve-se procurar “evidenciar as possíveis soluções, inspirando uma abordagem propositiva e responsável nas pessoas a quem se comunica” (FRANCISCO, 2017). Francisco ainda alerta sobre o surgimento de novas formas de violência através das redes sociais, como o *cyber-bullying*, a difusão da pornografia e exploração de pessoas para fins sexuais ou através de jogos de azar (CV. n. 88).

Com o objetivo de combater a disseminação de conteúdo negativo, o Papa convida a oferta de relatos repletos da “boa notícia” na internet. Ele espera que o próprio Evangelho de Jesus sirva como uma lente para enxergar a realidade, uma vez que esta não possui um significado unívoco (FRANCISCO, 2017).

Essa boa notícia também se processa por meio do advento, através das redes, de lutas em favor dos menos favorecidos e discriminados. Nesse sentido, Francisco lembra: “o ambiente digital é um contexto de participação sociopolítica e de cidadania ativa, e pode facilitar a circulação de informações independentes capazes de proteger com eficácia as pessoas mais vulneráveis, expondo as violações de seus direitos” (CV, n.87).

6 MISSÃO

O testemunho de Cristo, conforme analisado, passa pelo anúncio de sua Boa Nova e tem destaque nos pronunciamentos do Papa. A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, entre vários temas de relevo, delineia outra característica marcante do pontificado do Papa Francisco: a importância da missão na Igreja para o cumprimento de seu mandato divino⁷.

O pontífice convoca a Igreja a uma autêntica conversão pastoral, superando o comodismo e o fechamento para ser uma Igreja “em saída”. Uma Igreja missionária é um forte desejo do pontífice; um lugar de fraterna acolhida dos fiéis, que vá ao encontro dos pobres, excluídos e abandonados.

No intuito de alcançar tal objetivo, o Papa afirma: “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG, n. 49). Como assumir esse jeito de ser Igreja na internet? Este estilo de pastoral é compatível com o ambiente digital? Inspirado nessa citação anterior da *Evangelii Gaudium* n.49, Francisco esclarece:

Entre uma Igreja acidentada que sai pela estrada e um Igreja doente de autorreferencialidade, não hesito em preferir a primeira. E quando falo de estrada penso nas estradas do mundo onde as pessoas vivem... Entre estas estradas estão também as digitais, congestionadas de humanidade, muitas vezes ferida: homens e mulheres que procuram uma salvação ou uma esperança. Também graças à rede, pode a mensagem cristã viajar ‘até os confins da terra’ (At 1,8). Abrir as portas da Igreja significa também abri-las no ambiente digital... (FRANCISCO, 2014a).

Dessa forma, Francisco conclama a Igreja a se fazer presente no mundo moderno, dialogando com o homem de hoje onde quer que ele esteja, seja em ambiente físico ou digital, levando-o ao encontro com Cristo, pois “uma Igreja companheira de estrada sabe pôr-se a caminho com todos” (FRANCISCO, 2014a).

7 LITURGIA E PANDEMIA

Abordaremos, por fim, o uso da internet no período da pandemia Covid-19 e como Francisco vê seu uso nas celebrações litúrgicas.

No início de dezembro de 2019, é destaque na imprensa mundial, o registro, em um hospital de Wuhan, na China, dos primeiros casos de uma nova infecção respiratória ocasionada por um tipo, até então desconhecido, de coronavírus. Surge então uma nova doença, a Covid-19. O mundo inteiro assiste ao rápido alastramento dessa infecção. De doença local,

7 Cf. Cap. 1 da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: “A transformação missionária da Igreja”, p.19-43

passa para epidemia e, logo depois, para pandemia, atingindo praticamente todos os países do planeta. A gravidade desta enfermidade, representada pelo fácil contágio e alta letalidade, força nações a adotarem medidas urgentes e radicais de controle e prevenção do coronavírus, dentre elas o *lockdown*⁸ e o isolamento social.

Essas medidas mudam radicalmente a dinâmica mundial em termos sociais e econômicos. A Igreja sofreu de imediato as consequências, tais como morte de religiosos e fiéis, fechamento dos templos para celebrações litúrgicas de qualquer natureza, proibição de atendimento a doentes etc.

Neste contexto de isolamento obrigatório, a internet surge como a alternativa mais plausível e eficaz para manutenção do contato dos fiéis entre si, com os ministros sagrados e as celebrações. Passa a ser o “templo por excelência”, lugar de encontro dos fiéis com sua comunidade e com o sagrado. Há um aumento exponencial das transmissões pelas redes sociais de celebrações eucarísticas, orações, vigílias, formações e todo tipo de manifestação religiosa.

Papa Francisco sensibiliza-se da situação e, numa de suas catequese sobre a pandemia, afirma que “um novo encontro com o Evangelho da fé, da esperança e do amor convida-nos a assumir um espírito criativo e renovado” (FRANCISCO, 2020a). Há um incentivo e uma grande adesão por parte das paróquias e dos cristãos de fazerem uso dos meios digitais para a prática religiosa. O Papa percebe como são úteis as ferramentas tecnológicas e as redes sociais nesse período de isolamento para promover encontros, mediar o contato com a Palavra de Deus em comunidade, celebrar a Eucaristia, manter proximidade com os enfermos, realizar ações caritativas etc.

Esse incentivo se dá num contexto extraordinário de pandemia. No entanto, fora dessa situação extrema, o pontífice valoriza e ressalta a importância da presença física na participação dos fiéis na celebração eucarística e demais ações da Igreja. No prefácio escrito para o livro “A Igreja no mundo digital”, de Fabio Bolzetta, lançado em 2022, Francisco pondera:

O encontro virtual não substitui e jamais poderá substituir aquele em presença. Estarmos fisicamente presentes ao partir o pão eucarístico e o pão da caridade, o olhar nos olhos um do outro, o abraçar-se, o estar um ao lado do outro ao servir Jesus nos pobres, apertando a mão dos doentes, são experiências que pertencem à nossa experiência diária e nenhuma tecnologia ou rede social jamais poderá substituí-las. (COLLET, 2022)

CONCLUSÃO

Além de demonstrar uma compreensão lúcida dos desafios que a internet apresenta à humanidade, Papa Francisco se destaca por sua perspectiva otimista e esperançosa em

8 “Refere-se ao bloqueio total de uma região, imposto pelo Estado ou pela Justiça. É a medida mais rígida adotada durante situações extremas, como uma pandemia” (TEIXEIRA, 2021).

relação às possibilidades positivas que o mundo digital oferece. Convida os cristãos a embrenharem no apaixonante desafio que requer um frescor de energia e imaginação renovada a fim de transmitir aos outros a beleza de Deus.

O impacto do posicionamento do Papa Francisco sobre a internet para a Igreja Católica tem sido significativo, pois se mostra sensível às consequências advindas do avanço tecnológico, ao mesmo tempo que incentiva os líderes da Igreja a utilizarem as redes sociais e outras ferramentas online para se comunicar com os fiéis e atingir novas audiências. Ele próprio tem uma forte presença nas redes sociais, onde compartilha mensagens de esperança e compaixão com seus seguidores em todo o mundo.

Além disso, Francisco também reconhece o potencial da internet como uma ferramenta para promover a justiça social e ajudar os menos favorecidos. Destaca ainda a importância da inclusão digital para garantir a todos o acesso às informações e oportunidades oferecidas pela tecnologia.

Em relação à sociedade como um todo, o posicionamento do Papa sobre a internet tem sido uma voz de encorajamento para que as pessoas usem a tecnologia de forma responsável e ética, alertando sobre os riscos de seu uso indevido, incluindo a disseminação de ódio e desinformação. Enfatiza também a importância da autenticidade e do diálogo construtivo nas redes sociais.

Enfim, Papa Francisco defende uma abordagem equilibrada e compassiva em relação ao uso da internet, destacando suas oportunidades e seus riscos, e incentivando os indivíduos e instituições a usarem a tecnologia de forma responsável e com uma visão de bem comum.

REFERÊNCIAS

ANGELINI, Maria Cristina. *Os gestos dos Papas na cultura da mídia*. Disponível em: <https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2014/04/Maria-Cristina-Angelini.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2023.

BENT XVI. *Mensagem para o 43º Dia mundial das comunicações sociais: novas tecnologias, novas relações - Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade*. 24 mai. 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html#:~:text=XLIII%20Dia%20Mundial%20das%20Comunicações%20Sociais%2C%202009%20-,respeito%2C%20de%20diálogo%2C%20de%20amizade%20%7C%20Bento%20XVI. Acesso em: 11 abr. 2023.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

COLLET, Andressa. *Papa: mundo digital deve ser habitado por cristãos com formação adequada*. 20 jun. 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/Papa/news/2022-06/Papa-francisco-prefacio-livro-igreja-digital-fabio-bolzetta.html>. Acesso em: 20 abr. 2023.

CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Inter Mirifica: sobre os meios de comunicação social*. 4 dez. 1966. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html. Acesso em: 11 abr. 2023.

FRANCISCO. *Audiência Geral – Catequeses, “Curar o mundo”: 1. Introdução*. 5 ago. 2020a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/Papa-francesco_20200805_udienza-generale.html. Acesso em: 20 abr. 2023.

FRANCISCO. *Discurso aos participantes na plenária da Pontifícia Academia para a Vida*. 28 fev. 2020b. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/Papa/news/2020-02/Papa-francisco-novas-tecnologias-dom-deus-necessaria-algor-etica.html>. Acesso em: 21 abr. 2023.

FRANCISCO. *Exortação apostólica Amoris Laetitia: sobre o amor na família*. São Paulo: Paulinas, 2016a (Documento 202).

FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2013a (Documento 198).

FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus Vivit: para os jovens e para todo o povo de Deus*. Brasília: Edições CNBB, 2019a.

FRANCISCO. *Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2014: Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro*. 24 jan. 2014a. In: Paulo VI, Papa et al. *Mensagens Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Brasília: Edições CNBB, 2017. p.235-239.

FRANCISCO. *Mensagem para o 49º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2015: Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor*. 23 jan. 2015. In: Paulo VI, Papa et al. *Mensagens Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Brasília: Edições CNBB, 2017. p.240-244.

FRANCISCO. *Mensagem para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2016: Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo*. 24 jan. 2016b. In: Paulo VI, Papa et al. *Mensagens Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Brasília: Edições CNBB, 2017. p.245-249.

FRANCISCO. *Mensagem para o 51º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2017: “Não tenhas medo, estou contigo” (Is 43,5): comunicar esperança e confiança, no nosso tempo*. 24 jan. 2017. In: Paulo VI, Papa et al. *Mensagens Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Brasília: Edições CNBB, 2017. p.250-254.

FRANCISCO. *Mensagem para o 52º Dia Mundial das Comunicações Sociais: “A verdade vos tornará livres” (Jo 8, 32). Fake news e jornalismo de paz*. 24 jan. 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/Papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 17 abr. 2023.

FRANCISCO. *Mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais: “Somos membros uns dos outros” (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana*. 24 jan. 2019b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/Papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 17 abr. 2023.

FRANCISCO. *Mensagem para o 54º Dia Mundial das Comunicações Sociais: “Para que possas contar e fixar na memória” (Ex 10, 2): A vida faz-se história*. 24 jan. 2020c. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/Papa-francesco_20200124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 17 abr. 2023.

FRANCISCO. *Mensagem para o 55º Dia Mundial das Comunicações Sociais: “Vem e verás” (Jo 1, 46): Comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são*. 23 jan. 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/Papa-francesco_20210123_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 17 abr. 2023.

FRANCISCO. *Mensagem para o 56º Dia Mundial das Comunicações Sociais: Escutar com o ouvido do coração*. 24 jan. 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 17 abr. 2023.

FRANCISCO. *Mensagem para o 57º Dia Mundial das Comunicações Sociais: Falar com o coração. “Testemunhando a verdade no amor”* (Ef 4, 15). 24 jan. 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20230124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 17 abr. 2023.

FRANCISCO. *Papa Francisco – As mensagens do Papa no Twitter*. Brasília: Edições CNBB, 2013b.

FRANCISCO. *Papa Francisco – As mensagens do Papa no Twitter*. Volume 2. Brasília: Edições CNBB, 2014b.

REDE MUNDIAL DE ORAÇÃO DO PAPA. *O Vídeo do Papa*. Disponível em: <https://thepopevideo.org/?lang=pt-br>. Acesso em: 29 abr. 2023.

SBARDELOTTO, Moisés. @Franciscus, o Papa no Instagram. *Uma breve análise comunicacional*. 4 abr. 2016. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/12-artigo-2016/6367-moises-sbardelotto-artigo-da-semana>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SILVA, Victor Hugo. *Em 2021, 28 milhões de pessoas no Brasil não usaram a internet, diz IBGE*. 16 set. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/09/16/em-2021-28-milhoes-de-pessoas-no-brasil-nao-usaram-a-internet-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 26 abr. 2023.

SÍNODO DOS BISPOS. *Documento final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos: os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. 27 out. 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html. Acesso em: 8 mai. 2023.

TEIXEIRA, Lucas Borges. *Lockdown: como funciona, o que é e significado*. 6 jun. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/faq/lockdown-como-funciona-o-que-e-significado-e-regras-em-sp-e-mais-cidades.htm>. Acesso em: 20 abr. 2023.

VATICAN NEWS. *Há 5 anos, o primeiro tweet de um Pontífice*. 11 dez. 2017. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2017-12/o-primeiro-tweet-do-Papa-bento-xvi-em-12-de-dezembro-de-2012.html#:~:text=Em%2012%20de%20dezembro%20de%202012%2C%20o%20Papa,aceitava%20o%20desafio%20da%20evangeliza%C3%A7%C3%A3o%20nas%20redes%20sociais>. Acesso em: 11 abr. 2023.